

GOLPE



DE ESTÁDIO de Marinho Neves

Compilado por JP <http://www.anti-corrupcao.150m.com>

Golpe de Estádio, de Marinho Neves
Editor: Terramar
Preço: 1575 Esc (7.86)
Ano de Publicação: 1998

Introdução

Sinopse: Muito se tem falado de corrupção no futebol português... Mas pouca coisa tem vindo a público, oficialmente. Simples má-língua contra jogadores, árbitros e dirigentes de clubes? De modo nenhum. Alguma coisa há, de facto, de verdade, que importa denunciar, para que o futebol recupere a sua dignidade. O jornalista Marinho Neves tem investigado, com coragem, este problema tão explosivo e revela-nos aqui – sob forma romanceada – um vasto e sugestivo quadro dos modos e processos de tal corrupção em Portugal.

É certo que, neste livro, tudo é ficção... mas, ao mesmo tempo, tudo é verdade. Esta obra não passa de um romance. Nenhuma das suas personagens tem existência real... mas cada uma delas corresponde à verdade da corrupção que temos instalada entre nós. E foi em toda esta realidade que se inspirou o autor. Assim ficção e realidade misturam-se perfeitamente neste romance que se transforma em denúncia. Corajosa denúncia de um jornalista da área desportiva - que, acima de tudo, ama a sua profissão, o desporto e a verdade.

Marinho Neves nasceu no Porto. Filho de um ex-futebolista do Boavista, cedo despertou para o desporto, tendo praticado várias modalidades, mas não o futebol. Foi esta paixão pelo desporto que o levou, em 1977, a optar pelo jornalismo da área desportiva.

Logo de início, no jornal portuense Norte Desportivo, apaixonou-se pelo jornalismo de investigação. Em 1981, ingressou na Gazeta dos Desportos. E, durante década e meia, foi assinando trabalhos de relevo na luta contra a fraude e corrupção no futebol, com destaque para a denúncia do processo de recolha de líquido orgânico para o controle antidoping, obrigando a que tal sistema fosse alterado.

Mas foi na luta contra a corrupção na arbitragem que mais se destacou. Em 1992, publicou uma reportagem com o título "Corruptos e bem pagos", em que denunciava vários processos de corrupção na arbitragem e como funcionavam os seus mais diferentes agentes. Foi, por isso, alvo de diversas perseguições, tentativas de agressão e uma emboscada à porta de casa.

Colaborou com a SIC em trabalhos de reportagem, tendo também participado em debates, neste canal de televisão, sobre corrupção, nomeadamente nos programas Donos da Bola e Máquina da Verdade

Quando a Polícia Judiciária começou a investigar a rede de corruptores e corrompidos envolvidos no mundo da arbitragem portuguesa a rede era já um polvo. Do artesanato dos primeiros tempos, passara-se ao mais refinado profissionalismo. A empresa, altamente lucrativa, mas sem nome ou registo comercial, movimentava, por semana, milhares de contos. Isentos de tributação, o que ainda dava mais gozo... Reinaldo Teles era o operacional. O Patrão era, obviamente, Pinto da Costa. E Luis César nunca se importava de sujar as mãos e de dar a cara. Não era necessário mais ninguém nas operações especiais. Era tudo muito claro: metade da aposta para eles, outra metade para os árbitros. Os "patos" estavam sempre dispostos a entrar com muita massa, principalmente na recta final do campeonato. Quando as provas principais se iniciavam, o estado-aior decidia logo quem subia e quem descia, na certeza de que era nos escalões mais baixos que mais alto se ganhava. Eis um bom exemplo do sucesso desta empresa sem nome: um clube da I Divisão investiu, no final do campeonato, 50 mil contos para evitar a descida. O dinheiro foi entregue a Luis César. Mas o clube desceu, pois por vezes a bola teimava em ser redonda. Ou, se calhar, foi o Luis César que se esqueceu dos pagamentos.

PERSONAGENS



Pinto da Costa

Começou no FC Porto nos anos 60 como dirigente do andebol, passando depois pelo hóquei em patins e pelo boxe. Nessa altura era um simples gerente de uma empresa de fogões. Chegaria a chefe do departamento de futebol apenas no final da década de 70, no mandato de Américo de Sá. Tomou o poder e impôs a sua lei. Foi gerente de uma empresa chamada Pincor do ramo das tintas, que terminou os seus desgraçados dias com avultadas dívidas à banca. Aliás como todas as empresas onde se meteu. Algumas de electrodomésticos. Todas faliram. Devido às muitas falcaturas que fez, incluindo passar cheques sem cobertura, foi condenado e proibido de passar cheques e de constituir empresas. Para deixar a empresa onde trabalhava, Pinto da Costa ainda teve que pagar sete mil contos e ficou sem carro por uns tempos. O milhão e tal de contos das transferências de Futre e Rui Barros tinha desaparecido sem deixar rastros e tinha deixado de...rastros PC, a contas com a justiça, por cheques sem cobertura e penhoras a bens pessoais. Foi um momento difícil, mas que não abateu o presidente, levando-o antes a pensar que o seu negócio era o futebol. Esteve sem ir a Aveiro durante 5 anos por causa de alguns processos por falências fraudulentas.

Os seus sócios dessas empresas tiveram que fugir para o Brasil. Mas a ele alguém lhe pagou as dívidas. Alguns poderosos do Norte, como Belmiro de Azevedo, Artur Santos Silva, etc. No princípio chegou a investir muito do dinheiro que tirava do FC Porto, nas empresas de familiares seus mas faliram todas. Depois passou a ficar com tudo. Criou a Cosmos, agência de viagens que lucrou imenso com as viagens dos clubes, obteve exclusivos com a Federação que obrigavam os clubes a viajar nessa agência. Esteve metido no negócio da droga, com Luciano D' Onofrio(Aveiro Connection). Com a Olividesportos fez muito dinheiro, como com todos os negócios do FC Porto, vendas e compras de jogadores, corrupção de árbitros, etc. Assim enriqueceu e tem hoje uma considerável fortuna.

Estudou num seminário, onde desde novo mostrou as capacidades que hoje lhe são reconhecidas. Pinto da Costa passou a sua idade escolar num colégio onde imperava um grande influência da religião católica e quando atingiu o liceu foi internado num colégio de padres(Jesuíta). Dos mais prestigiados do Norte do País. Ali fabricavam-se verdadeiros homens. Eram testados como cobaias para poderem enfrentar no futuro as mais adversas contrariedades da vida. Uma das disciplinas era constituída pela defesa individual de cada aluno perante toda a turma e, já nessa altura Pinto da Costa era o mais desenvolvido no uso no discurso, na sua capacidade de raciocínio rápido e retenção na memória de dados essenciais. Inteligente e astuto como um verdadeiro jesuíta, bem cedo começou a demonstrar um grande sentido de chefia. Sabia como dividir para reinar, utilizando um ar cândido e descomprometido quando algumas atitudes de má-fé lhe eram dirigidas. Atirava a pedra e sabia como esconder a mão. Mas a sua verdadeira arma era a grande capacidade de trabalho e a completa dedicação a tudo o que fazia. Chegou a pensar ordenar-se padre, e o director do colégio apostava que, se ele seguisse essa carreira, iríamos ter o segundo papa português. A sua postura, a sua forma de falar e de estar deram-lhe sempre um toque clerical. A mesma mão que abençoava os amigos, empunhava a cruz onde ele havia de crucificá-los. Cativava, fazia amizades com facilidade e sabia como as utilizar e destruir como se nunca tivesse culpa de nada.

Sendo religioso não pensava sequer em trair a sua esposa. Mas quando foi iniciado por Reinaldo Teles nas suas casas de sexo, tomou-lhe o gosto. Ficou viciado. Aliás a sua actual mulher, da qual tem uma filha, é uma ex-prostituta que conheceu num dos bares de Reinaldo Teles. Também usou anfetaminas durante algum tempo. Para aguentar as vitórias, o fanatismo anti-mouros, a idolatria que os adeptos do clube lhe devotavam, a guerra que os seus inimigos lhe moviam e as sessões diárias de sexo era preciso muito "speed".

Reinaldo Teles

Empresário da noite, ex-campeão de boxe, dirigente desportivo. A sua fulgurante ascensão no clube que sempre amou: chulo, pugilista, seccionista, segurança(capanga), chefe dos capangas(mais tarde passou a ser Joaquim Pinheiro, seu irmão), amigo pessoal do patrão, seu confidente e finalmente, único homem em quem ele confiava.

Em 1981/82 Reinaldo Teles, campeão nacional de boxe e na altura treinador, foi a solução encontrada por Américo de Sá(presidente da altura), para controlar as agitadas assembleias gerais. Ex-pugilista, brigão, chulo e nutrindo uma certa paixão por negócios ilícitos, ofereceu-se para arrumar a casa e impor a ordem nas confusões programadas por Pinto da Costa. Era treinador de boxe do clube e reuniu os seus rapazes para patrulharem a sala, e o certo é que com alguns murros e cabeçadas acabou por conquistar o lugar de chefe da segurança de Américo de Sá.Nessa altura, Pinto da Costa temia-o, porque não era um brigão vulgar e muito menos um marginal estúpido e incompetente. Reinaldo Teles tinha um espírito e uma personalidade muito idênticos aos de Pinto da Costa. Dava as ordens para descascar á fartazana e depois surgia como o apaziguador, o bom rapaz que nada tinha a ver com toda aquela violência. Pinto da Costa detestava-o, mas viu nele a solução para o futuro.

Reinaldo Teles era um ás a esgrimir os punhos, sabia avaliar com grande exactidão a capacidade dos seus adversários, e quando não os podia vencer trazia-os para junto de si. Um anjo, este rapaz que veio bastante jovem de uma aldeia transmontana para servir numa tasca de um tio.

O estabelecimento estava aberto toda a noite, numa altura em que ainda existiam poucas discotecas. E as que funcionavam em pleno estavam viradas para o alterno e a prostituição. Mas R. Teles sabia que "putas e vinho verde" só combinam nas horas e nos locais certos. Havia que tratar da vidinha. Ainda estava longe de ser o rei da noite. Ajudava o seu tio pela madrugada dentro e vivia com entusiasmo as cenas de pancadaria entre azeiteiros, putas e marginais. O seu sonho era um dia vir a ser como eles. Homens valentes, com charme, e mulheres tratadas a pontapé a levarem-lhes o apuro da noite e o que até tinham roubado ao prazer. Deu uma tareia a um chulo por causa de uma das suas prostitutas, com quem perdeu a virgindade. Os dois estavam apaixonados.A prostituta gostava do miúdo, era forte e atrevido, mas para ficar com ele tinha de pensar numa forma de o proteger. Reinaldo tinha punhos, mas faltava-lhe a experiência. De súbito, veio a solução. Ela tinha um cliente que era treinador de boxe do maior clube da cidade(Porto)e ia apresentar Reinaldo Teles para o rapaz poder ir lá fazer uns treinos. Uma semana depois, o tal treinador de boxe disse á prostituta que Reinaldo tinha futuro. A partir daí, quando as coisas aqueciam na tasca do seu tio, R. Teles fazia uns treinos extra, passando a ser conhecido e respeitado. Depois de fechar a tasca, aproveitava a boleia de um amigo e ia ter com a sua amada prostituta, que atacava em Santos Pousada.

Reinaldo começou a somar êxitos no boxe e acabou por deixar o emprego na tasca do seu tio para se colocar como segurança e porteiro numa casa de alternos. Foi aí que conheceu a sua futura mulher, também puta (Luísa Teles, actual dirigente do FCP).

Luis César

Ex-jornalista e ex-bate chapas promovido á pressão como paga de favores no tempo da sua meteórica ascensão como dirigente desportivo. Mestre na confecção de coisas miúdas, destacava os jornais para o patrão, e ocupava-se dos famosos arquivos, usados para Pinto da Costa arrasar os seus inimigos na comunicação social, aliados claro á sua boa memória.

Luis César foi corrido da SAD do FCP, por se ter zangado com Pinto da Costa e hoje trabalha com José Veiga e colabora com o Sporting.

CAPITULOS

Capítulos

- I. Voz de Prisão**
- II. Ascensão de um Seminarista**
- III. Teles, Reinaldo Teles**
- IV. Finalmente, o poder**
- V. A galinha dos ovos de ouro**
- VI. Aventura no México**
- VII. A grande aliança**
- VIII. O ovo de Colombo**
- IX. O negócio florescente**
- X. Sua excelência, a ganância**
- XI. Nova estratégia**
- XII. Quando um valente perdeu a coragem**
- XIII. Bolas ao poste**
- XIV. A grande aposta**
- XV. PJ morre na praia**
- XVI. A traição**
- XVII. O dia do Juízo Final**

CAPITULO I

Voz de Prisão

José Guímaro estava no centro do estádio. Apitava. E o povo aplaudia. Os jogadores choravam de emoção. As principais estações de TV tinham para ali destacado os seus melhores repórteres, grande parte deles ainda imberbe. E ele, no centro do terreno, apitava, o povo aplaudia, os jogadores choravam e as televisões filmavam sem pausas para a publicidade. Disputava-se a final do campeonato do mundo de futebol. E o melhor em campo só podia ser ele, o árbitro. Ele, José Guímaro.

Trrrrriiiiiim! Não, não era o apito. Era a campainha da porta. O povo já não aplaudia, os jogadores não choravam e as TV's não gravavam. Ao acordar, num sobressalto, José não conseguiu mesmo evitar o penico, que se derramou sobre as pilosidades generosas da tapete comprada há duas semanas na Feira de Espinho. O dia começava mal para José e, que soubesse, não se previa nenhuma final mundial.

No quarto, ainda na penumbra, um peixe vermelho nadava no aquário e um Buda jazia numa floresta de bibelôs. Num canto, as pantufas azuis de José brilhavam, com as lantejoulas a reflectirem o emblema do clube que mais ganhos lhe tinha dado.

- Quem é? - perguntou, já na sala, agarrado a um galgo de louça que tinha comprado há um ano numa viagem a Barcelos.

- Polícia! Judite! - ouviu do outro lado.

José beliscou-se. Seria um pesadelo? Não era. O relógio do vídeo piscava, anunciando que faltavam cinco minutos para as sete horas.

- Abra. Temos um mandado de busca! - voltou a ouvir.

- Provavelmente, bebi de mais a noite passada - ainda pensou José. - Polícia? Não pode ser, eles disseram-me que...

A porta caiu ao segundo pontapé, abrindo uma série de comentários que ainda hoje ninguém sabe a quem atribuir.

- Mas o que é isto?

- Que cheiro...

- Que fazem aqui estes homens, Zé?

- Estou feito...

- Calma, Zé, isto só pode ser brincadeira...

- Brincadeira? Só se for de mau gosto.

- Meus senhores, isto é muito sério.

- Mas eu estou inocente...

- É o que vamos ver...

Aqui, as luzes acenderam-se. E também se fez luz na cabeça de José. Alguém o denunciara à polícia. E foi então que desmaiou, urinando pelas pernas abaixo.

Lá fora, na pacata aldeia de José, Rex, o cão de estimação de toda a gente, morria de ataque cardíaco depois de mais uma aventura com «Lacie». Na loja do Senhor Gomes bebiam-se os primeiros bagaços do dia, e um pouco por todo o País dormiam em paz os senhores do futebol.

Mas naquela casa, naquela modesta casa, as sombras agitavam-se na luz. E o cheiro da urina impregnava o ambiente. José arribou um pouco mas continuava no mesmo pesadelo. Voltou a desmaiar e cagou-se. Um polícia vomitou e o outro pediu uma cerveja. Iniciava-se a investigação.

Quando bebia o segundo gole de cerveja, o agente Marques descobriu a garrafa de leite. Que não tinha leite, mas dólares. E no meio dos dólares, lá estava A PROVA. Um cheque!

Guímaro voltou a recuperar os sentidos. Mais calmo, mas sempre a cheirar mal, começou a responder às perguntas dos polícias sentado num sofá de pele de camelo que comprara em Marraquexe, ao que disse, embora desde logo um dos agentes desconfiasse que tal mastodonte tivesse viajado mais de mil quilómetros até ali estacionar.

- De quem é este cheque? - perguntou, tentando ser duro, um dos agentes, o Pires, cuja maior ambição era ser plantador de quivis na costa alentejana.

Guímaro hesitou, pigarreou e, vendo que não podia fugir da questão, acabou por dizer:

- É de um dirigente desportivo e foi para comprar leite.

- Leite?! - reagiu o agente Marques, que também era bombeiro voluntário nas férias grandes, em Bemposta.

Dali já não saía mais nada. E o cheiro!... Por isso, os agentes tomaram uma decisão: - Vá lavar-se que está preso!

Enquanto Guímaro se vestia, Pires e Marques aproveitaram para lhe revistar o automóvel, um «Volvo» topo de gama. No porta-luvas, encontraram dois bilhetes de avião para Madrid e uma miniatura da Nossa Senhora de Fátima. No banco traseiro, os jornais desportivos, espalhados, não deixavam dúvidas: o nível técnico de Guímaro encontrava-se algures entre a bosta de vaca e o vomitado de canguru.

Mas nem era bom falar nessas coisas, pois os agentes da PJ ainda estavam enjoados com o cheiro que encontraram dentro da modesta vivenda de José.

Antes de partir para Lisboa, Marques quis voltar ao quarto de Guímaro. Debaixo do colchão, encontrou duas promissórias de cinco e doze mil contos. O importante era o cheque. Podia ser mesmo mate.

Mas, apesar da anestesia mictórica e afins, o faro policial dos agentes ainda conseguiu perceber uma agenda sob o telefone.

- Porque é que tem aqui o nome do Senhor Adriano Pinto? - perguntou o Pires. Guímaro apertou o nó da gravata e, sabendo que não podia encobrir o nome de um dos grandes barões do futebol, respondeu um pouco envergonhado:

- Esse número é da minha mulher...

- A sua mulher tem negócios com o Senhor Pinto?

- Não é bem isso - disse Guímaro -, acontece simplesmente que eles são muito amigos, e como eu apito sempre jogos longe de casa, o Senhor Pinto faz o favor de passear ao domingo com a minha mulher. É muito simpático da parte dele.

A mulher de Guímaro é que continuava a não falar. A filha chorava num canto da sala. E assim partiram para a capital.

O dia nascia quente. Nos campos, os homens iniciavam a faina, e um «TIR» punha as tripas do Rex de fora, fazendo rolar a sua cabeça para a valeta, onde ficou de olhos abertos, como se estivesse atento à partida de Guímaro para Lisboa, algemado, no banco de trás de um reles Fiat «Tipo» apenas de três portas e com o escape meio roto.

Ao mesmo tempo, outras brigadas da «Judite» atacavam noutros pontos do País. A «Operação Golpe de Estádio» estava finalmente em marcha.

Na casa de Reinaldo Teles, na cidade do Porto, este conhecido dirigente preparava-se para se deitar quando a campanha soou. Eram sensivelmente 7 horas, e a madrugada já se apresentava quente.

- Polícia!

Reinaldo, empresário da noite, ex-campeão de boxe, como lá mais para diante se verá, fez a sua melhor pose para enfrentar os agentes, tentando adivinhar o que é que se estava a passar. Num primeiro momento, pensou que tinha sido traído por uma das suas putas e talvez por isso é que exclamou...

- Puta de vida!

A polícia entrou e inquiriu:

- Onde guarda os documentos?

- Que documentos?

- Documentos.

Reinaldo quis saber mais.

- Isso tem a ver com droga?

Irritado, Borges, o agente 23 da 2ª secção, abanou a cabeça.

- Não, se tivesse a ver com droga não tínhamos tocado à porta. E agora deixe-se de conversa e mostre-nos os documentos.

- Droga de vida! - voltou Reinaldo a descair-se.

Reinaldo mostrou o passaporte e o bilhete de identidade.

- Já visitei 24 países! - disse, sem que ninguém registasse o menor espanto. - Já fui à Letónia! - insistiu.

- Queremos mais! - gritou o Borges com aquele olhar parado que a malta lá na «Judite» tentava sempre evitar, pois era sinal de que o dia não estava a correr bem ao agente 23. Nessas ocasiões, Agostinho, o seu parceiro contava até 24.

Reinaldo pressentiu o perigo e abriu o cofre. E os agentes foram rápidos na busca. - Quem lhe deu este cheque? - quis saber o Borges.

Reinaldo quase foi fulminado pela pergunta, mas aguentou o «murro», pois era homem para não se ir abaixo facilmente e não queria deixar ficar mal o patrão.

Reinaldo o que queria era morrer. Pensou que tinha terminado ali a sua fulgurante carreira de dirigente desportivo. Num curto lapso de tempo, recordou a sua ascensão no clube que sempre amou: chulo, pugilista, seccionista, segurança, amigo pessoal do patrão, seu confidente e, finalmente, único homem em quem ele confiava.

- E eu a pensar que um dia seria tão famoso como a Carmen Miranda - disse baixinho.

A documentação encontrada foi considerada insuficiente para determinar a prisão imediata de Reinaldo Teles. Embora relutantes, os agentes retiraram-se, não sem antes admirarem uma reprodução de «Mona Lisa» que lhes sorria no corredor de acesso à porta principal da casa de Reinaldo. Reinaldo estava aliviado e correu atrás dos agentes.

- Senhor Borges, não quer um café.

- Não senhor, prefiro um poema - e bateu com a porta na cara de Reinaldo, que estava longe de pensar que o agente 23 ia aos jogos de futebol para se inspirar. O estádio para ele seria sempre «um pequeno búzio onde murmura o mundo», como um dia escreveu o poeta Álvaro Magalhães.

«Mas isso é muito areia para a pick-up do Reinaldo», pensou, enquanto entrava no seu automóvel com aquele olhar parado muito especial que levou o seu colega a preferir regressar à sede montado num velho autocarro: o «78».

Na sua casa, ainda descalço, Reinaldo Teles respirou fundo, mas o telefone já tocava. Do outro lado da linha, tremendo de medo, ouviu-se a voz do seu fiel amigo Luis César, ex-jornalista e ex-bate-chapas promovido à pressão como paga de favores no tempo da sua meteórica ascensão como dirigente desportivo, num ano da grande seca que rebentou com os stocks da «Super Bock».

- Revistaram a minha casa, Reinaldo.

- Também a minha foi revistada, Jorge. Estamos feitos.

- Tem calma, pá, o chefe tem muita força. É intocável.

- Mas nós não somos...

- Ouve lá, mas não estás filiado no partido?

- Estou, mas para que é que isso serve? Pá, vamos é ter calma, não te enerves, o general não nos vai deixar cair, com medo que a gente chibe. Levaram-me um cheque, Jorge. E aí, encontraram alguma coisa?

- Não sei, ainda não vi bem. Mas eu estava limpo. Quiseram apenas saber como é que eu levava um vida tão boa a ganhar apenas 90 contos por mês. Os gajos até sabiam que eu tinha dado um apartamento à minha amante...

- Tamos feitos!

- Calma, Reinaldo, agora sou eu que te digo para teres calma. Ainda não fomos dentro.

- E terá ido alguém?

- O Guímaro?! A esta hora já está preso...

- Mas desliga o telefone que já deve estar sob escuta. Vamos falar disto com o chefe, no clube.

Reinaldo bebeu um café que a mulher, Luísa, lhe serviu antes de sair de casa e mandou a filha comprar os jornais desportivos.

- Vamos matar o filho da puta que nos denunciou - atirou, entre dentes, e a salivar pelo canto esquerdo da boca.

Para recordar velhos tempos, fez um movimento de pernas, golpeou o ar com um gancho de esquerda e terminou com um directo aos queixos de coisa nenhuma. O peixinho vermelho do aquário boiava de barriga para o ar.

- Porra, quantas vezes tenho de dizer que não se pode dar comida a mais ao animal, minha besta! - berrou Reinaldo, entornando o café nas calças de linho, o que o levou a mais um movimento de pernas que a idade já não lhe consentiu, pois terminou estatelado no tapete de Arraiolos que tinha à entrada da casa de banho.

- Puta de vida - gemeu, com um bolbo já a crescer-lhe na canela.

A polícia tinha colocado em marcha uma operação de grande envergadura. O objectivo era claro: apanhar a rede de corruptores e corrompidos envolvidos no mundo da arbitragem portuguesa. A operação nascera há vários meses, após algumas denúncias. Os jornais desportivos tinham-se mesmo antecipado à investigação policial. E, no meio futebolístico, as histórias sucediam-se. A polícia não podia ignorar mais o que se passava nos bastidores da bola.

A organização tinha quatro anos de histórias de malandrice. A rede era já um polvo. Do artesanato dos primeiros tempos, passara-se ao mais refinado profissionalismo. A empresa, altamente lucrativa, mas sem nome ou registo comercial, movimentava, por semana, milhares de contos. Isentos de tributação, o que ainda dava mais gozo...

Reinaldo era o operacional. O patrão era, obviamente, Pinto da Costa. E Luis César nunca se importava de sujar as mãos e de dar a cara. Os outros dois desconfiavam mesmo que seria capaz de se submeter a uma lobotomia por amor à causa (amigos do círculo mafioso garantiam mesmo que isso já tinha acontecido). Não era necessário mais ninguém nas operações especiais.

Era tudo muito claro: metade de cada aposta para eles, outra metade para os árbitros. Os «patos» estavam sempre dispostos a entrar com muita massa, principalmente na recta final do campeonato. Quando as provas principais se iniciavam, o estado-maior decidia logo quem subia e quem descia, na certeza de que era nos escalões mais baixos que mais alto se ganhava.

Eis um bom exemplo do sucesso desta empresa sem nome:

um clube da I Divisão investiu no final do campeonato, 50 mil contos para evitar a descida. O dinheiro foi entregue a Luis César. Mas o clube desceu, pois por vezes a bola teimava em ser mesmo redonda. Ou, se calhar, foi o Jorge que se esqueceu dos pagamentos.

Quando a polícia começou a investigar, pensou que seria fácil apanhar os tubarões. Mas rapidamente percebeu que tinha de usar um isco de alta qualidade. Não chegava armadilhar um cheque. Aliás, essa tinha sido uma tática que o advogado(Lourenço Pinto) do patrão tinha usado para fazer o seu show-off, apanhando assim um juiz de campo que estava mais que chamuscado.

De um dia para o outro, com a polícia em campo, a música deixou de se ouvir, os pares imobilizaram-se no meio do salão e alguém gritou, quase em pânico: «Chamaram a polícia!». Desde esse dia, tudo mudou. Os árbitros fugiam como o Diabo da cruz de qualquer contacto, o volume de negócios caiu abruptamente e uma calma de morte instalou-se no mundo da bola. O gestor da conta de Luis César ousou até perguntar-lhe se estava a pensar mudar de banco, o que provocou no titular da segunda maior conta daquela agência uma reacção eléctrica:

- Homem, não me fale em bancos que me faz lembrar os tribunais...

A caminho de Lisboa, José Guímaro contava os marcos quilómetros. «Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, mais um quilómetro, um, dois...»

- Cala-te, pá, que ainda me fazes dormir! - gritou o agente Pires, que era quem conduzia o Fiat «Tipo».

- Deixa-o lá, pá, ao menos o gajo demonstra que sabe contar.

Guímaro ia responder com uma «contas é comigo», mas travou a tempo. - Quero mijar - disse baixinho.

Os agentes não ouviram bem.

- O quê?

- Quero urinar - corrigiu, pensando que se tinha excedido.

O «Tipo» encostou à berma da estrada nacional, e Guímaro foi convidado a sair. Os dois agentes discutiam alguns pormenores da missão quando o voltaram a ouvir. - Senhores, algemado não posso fazer chichi...

Mas teve de fazer.

- E faz tudo agora! - gritou o agente Pires.

- Mais cedo ou mais tarde, o gajo vai deitar tudo cá para fora - juntou o seu colega de profissão.

Mas Guímaro riu-se para dentro. O problema principal, afinal, era não poder fazer uma mijinha a tempo e em condições. O resto, ia resolver-se. «A propósito» - pensou -, que «será que o patrão já sabe o que me aconteceu?». Foi uma pergunta fatal. Depois dela Guímaro, perdeu a conta aos marcos quilométricos.

- Não te esqueças, temos de parar em Rio Maior para comprar um pão-de-ló - fez questão de avisar o Marques, acendendo mais um «suave».

O dia prometia ser longo e quente. O «Tipo» derrapou ligeiramente numa curva e desapareceu no lusco-fusco, preparando-se para ultrapassar um comboio de camiões. O castelo de Pombal continuava no seu sítio. O Marques nem por isso...

O patrão, o chefe, ele, já sabia. E já esperava. Melhor do que ninguém, ele sabia que aquilo um dia ia acontecer. Aliás, já tinha até avisado os adeptos do seu clube para as possíveis manobras das forças da ordem. Coisas de filmes, pensou, antes de passar à consulta dos recortes de jornais, devidamente destacados a amarelo por Luis César, mestre na confecção de coisas miúdas e autor de uma obra prima na restauração de um Fiat 600 que fora esmagado por uma «Berliet».

Pinto da Costa, ele, o chefe, pois, o patrão, o «boss», pediu à telefonista que lhe bloqueasse a linha. Precisava de [reflectir. Com](#) a gatinha de estimação no colo, sentouse no sofá e perdeu-se nas suas recordações.

Há 20 anos...

ASCENSÃO DE UM SEMINARISTA

Há 20 anos...

O Verão estava insuportável. O calor sufocava, e o futebol preparava-se para iniciar mais uma época. Os jogadores, regressados de férias, vinham com pouca vontade de trabalhar.

Os dirigentes, esses, estavam mais atarefados do que nunca. Eram as contratações, o estudo das novas directrizes e a organização dos respectivos departamentos o que mais os preocupava. Mas as atenções estavam viradas para o maior clube da cidade (Porto).

Anunciavam-se grandes transformações para um novo mandato de Américo de Sá, um dirigente de corpo inteiro cuja figura e postura se assemelhava à de um aristocrata. Educado, afável, mas um tanto pretensioso, seguia uma linha directiva com mais de trinta anos. Nos últimos tempos, as vitórias começavam a sorrir e até veio um título já esperado há muitos anos.

O clube estava a ganhar uma nova estrutura organizativa, fruto da revolução política que anos antes tinha acontecido e o aproveitamento correcto das linhas de acção traçadas pelos partidos apontavam para a regionalização e a descentralização do poder.

Alguns homens do Norte tinham ganho força nos mecanismos estatais e tentavam implantar na sua região uma retaguarda de pressão para combater a tendência de esquerda que vinha da região sul. O momento foi soberbamente aproveitado em toda a sua extensão e teve como principal mentor José Maria Pedroto, o técnico mais conceituado do futebol português.

O homem já tinha revelado, mesmo como jogador, uma inteligência invulgar e, logo que tomou conta do clube do seu coração, procurou colocar um plano que noutros tempos se tinha mostrado de difícil execução.

Para o acompanhar, escolheu elementos que já antes se tinham feito notar pela sua forte dinâmica. O seu mais directo colaborador era Pinto da Costa, o homem que chefiava o departamento e participava em toda a estratégia por ele montada. Pinto da Costa movia-se habilmente pelos corredores do poder, possuía uma memória invulgar, e escrúpulos era coisa que se não lhe conhecia. Hábil na utilização do discurso, atacava as suas vítimas com uma certa ironia, mas não tinha contemplanções para quem se lhe atravessasse no caminho.

Esta dupla era imbatível, mas perigosa. Ambos já tinham mostrado a sua intuição e poder de manobra quando conseguiram ludibriar o poder que outrora vinha da capital e dos clubes que normalmente dividiam entre si os prazeres da vitória. O certo é que do Norte surgia um intruso a querer também saborear esses incomensuráveis prazeres da conquista. Aquele título, ganho depois de tantos anos de luta contra as mais miseráveis injustiças, era uma lança cravada em terras de Mouros. Um verdadeiro desafio àqueles que usavam e abusavam do poder que possuíam. Mais do que tudo, tinha sido uma vitória do Norte. Os populares rejubilavam com o feito, mesmo a gostarem de outras cores clubísticas. Pedroto surgiu como um herói e passou a ser a bandeira dos humilhados e oprimidos. Lenine não faria melhor.

Mas tanto Pedroto como Pinto da Costa sabiam o perigo que isso representava e prepararam-se para enfrentar novos ataques. Era necessário ser duro na acção e lutar sem contemplanções contra o inimigo, mas o presidente do clube e os seus pares não possuíam a estaleca necessária para os acompanhar nesta corrida louca contra a hegemonia da capital. Américo de Sá mais parecia um aristocrata e no futebol os punhos de renda estavam a passar de moda.

- Com o Sá, não vamos a lado nenhum! - choramingou PC.

- Ir, vamos. Mas quando atravessamos a Ponte da Arrábida já estamos a perder! - atirou Pedroto, sempre mais pragmático e mostrando mais uma vez que era um homem que anda sempre um passo ou dois à frente dos restantes.

Pinto da Costa, com a sua cara de bebé chorão e os óculos descaídos sobre o nariz, sorriu e tentou imaginar a melhor forma de dar a volta ao problema. Havia que contar com duas situações, antes do mais.

Pedroto era agressivo, competente e justo. Lutava como ninguém e por aquilo em que acreditava e não se deixava "comer por lorpa", mas preservava os seus amigos e era incapaz de trair quem se envolvesse com ele na acção.

Tinha de se arranjar uma solução ajustada ao prestígio de Américo de Sá.

Todas as noites, Pedroto gostava de um joguinho e cartas, e o seu jogo predilecto era a "ricardina". O local de encontro e de jogo era a tasca do Ilídio Pinto, também proprietário da mercearia Petúlia. Nas catacumbas, uma nova fé clubística crescia, mas esta estava pronta para soltar os leões sobre o dono do Circo...

Depois de uns copos e de uma conversa animada sobre futebol, a noite acabava sempre na cave da mercearia com o tal jogo da "ricardina". Ilídio Pinto sofria como ninguém os problemas do clube. O seu maior sonho era ser um dia director do departamento de futebol, mas havia muitos mais candidatos para o lugar, e ninguém o levava a sério. E, que se soubesse, o cargo não era prémio que saísse como brinde do bolo-rei. Mas a inteligência era um dote que não contemplava o Ilídio. Lá que era um homem astuto, era. E lá que estava cheio de dinheiro, disse também ninguém duvidava. E como estava sempre de bolsa aberta para ir em socorro dos problemas do clube, havia que deixá-lo pensar que o sonho um dia se iria realizar. A sua riqueza tinha como base muita poupança e o segredo roubado ao seu antigo patrão da receita da broa de Avintes. Em poucos anos, apesar de ter a sua mercearia noutra zona, transformou-se no "Rei da Broa de Avintes" e as vendas foram de vento em popa. Os negócios estavam maus, a economia fraca, o País vivia tempos difíceis, e a broa de Avintes sempre era barata e enchia os foles do estômago dos menos favorecidos. E a bolsa do Ilídio.

A noite estava quente, e o ambiente alegre, mas PC chegou de semblante carregado e fez um sinal de cumplicidade a Pedroto:

- Porque é que está com um ar tão «saturno»?

Pedroto quase se desfazia numa gargalhada, mas Pinto da Costa, já habituado às bacoradas do Ilídio, respondeu com a ironia que lhe era habitual:

- É do tempo, e os astros não ajudam.

Depois de ter dado uma palmada nas costas do Ilídio, adivinhando-lhe as intenções, foi-lhe dizendo:

- Vamos a uma partidinha!

O Ilídio não deixou de mostrar um sorriso rasgado de orelha a orelha. Era daquilo que ele mais gostava. Não se importava de perder todas as noites. A broa de Avintes dava para tudo. O importante era estar com os heróis que fizeram do seu clube campeão.

Mandou fechar a loja, meteu o apuro do dia no bolso e foi de imediato buscar as cartas. PC aproveitou a ausência e contou a sua estratégia a Pedroto.

- A melhor forma de conseguirmos levar em frente o nosso plano, é convencermos o Américo de Sá de que o futebol no clube tem de ser totalmente autónomo. Ou seja ele gere o clube e nós tomamos conta do futebol.

- Por acaso não lhe fica nada mal o papel de corta-fitas. Como é que vamos fazer isso? - perguntou PC largando um sorriso cúmplice.

- Ele é capaz de não aceitar essa situação com tanta facilidade.

Entretanto, o Ilídio chegou com o baralho de cartas, e ouvindo as últimas frases, perguntou com um ar de quem não está a entender nada.

- O Américo Tomás vai voltar?

Pedroto piscou o olho a Pinto da Costa e mudou o tema à conversa.

- PC, é desta que vais jogar a «ricardina»?

- Bem sabes que jogo de cartas não é comigo. Os meus jogos são outros.

Chegaram outros convidados para uma partidinha e começou o saque ao Ilídio. Irritado com tanta falta de sorte, o dono da mercearia só via na sua frente o desfiar dos naipes que lhe tinham tocado. Pinto da Costa assistia impávido e sereno ao baralhar das cartas e á forma como eram distribuídas. E pensou: «Um dia serei eu a distribuir o jogo». Algo aborrecido, levantou-se e aproveitando o entusiasmo do Ilídio, subiu á mercearia e começou a retirar alguns chocolates das prateleiras. Voltou a descer e, com o à-vontade que lhe era peculiar, distribuiu algumas tabletes pelos jogadores. O Ilídio também se serviu, sem dar conta que as mesmas lhe foram roubadas, tal o seu entusiasmo pelo jogo.

Pedroto riu-se, e os presentes também não se contiveram. O Ilídio parece ter acordado e, dando uma dentada no chocolate, pensou em voz alta:

- Vocês estão a rir-se muito, devem ter bom jogo. Mas não faz mal, a minha sorte também há-de chegar.

A sorte só lhe chegou no dia seguinte com a venda de mais broa de Avintes.

No final do joguinho de cartas, Pedroto convidou PC para uns fadinhos.

Sempre era um sítio recatado para uma conversa a dois. Já só faltava um dia para que a equipa de futebol se apresentasse e nada estava definido em relação à chefia do departamento de futebol.

- O Américo de Sá já me convidou para continuar, mas temos de ter mais poder para fazer frente aos mouros.

Pedroto era um homem de soluções rápidas e não esteve com meias medidas, lançando a sua proposta a PC.

- Amanhã vais falar com o homem e dizes-lhe que aceitas continuar no cargo, mas com algumas condições, e aproveitas para expor o teu plano. Não tenhas problemas, porque o título ganhou deu-nos uma tal força, que é difícil haver gente com coragem para nos derrubar.

Confiante nas palavras do "mestre", PC marcou encontro com Américo de Sá e colocou-o ao corrente do seu plano. Américo de Sá mostrou-se desconfiado e delicadamente disse "talvez sim", o que bem podia ser traduzido por "certamente que não". E para que Pinto da Costa não ficasse com dúvidas, o presidente fez mesmo questão de precisar:

- Mas, para já, se quer ficar com o departamento de futebol, fica, embora nas condições anteriores.

PC não estava a contar com aquela resposta e ficou lívido de raiva. Bateu com a porta e saiu, pensando na velha máxima de Júlio César que era para si o referencial da vida: "Antes ser o primeiro numa aldeia que ser o segundo em Roma".

Pinto da Costa telefonou de imediato a Pedroto e colocou-o ao corrente da situação. - Temos que nos encontrar com urgência para sabermos o que vamos fazer amanhã. Pedroto tentou colocar alguma água na fervura e tranquilizou PC.

- Vem já a minha casa, para elaborarmos a estratégia para amanhã.

em pouco tempo tudo ficou gizado. Os tempos do PREC ainda estavam bem vivos, e se o Américo de Sá se julgava importante, iria ter de se vergar ao poder popular. Dizia PC:

- Tem calma. Essas coisas não se tratam dessa forma. Em primeiro lugar vamos fazer um comunicado e amanhã revolucionamos isto tudo.

Nessa noite voltaram a encontrar-se na Petúlia para afinarem a estratégia. Mas como não se sabia muito bem no que é que aquilo tudo ia resultar, era melhor colocarem Ilídio Pinto no plano, estabeleceu PC. Pedroto reagiu pela negativa.

- Deixa o Ilídio em paz, porque ele ainda é capaz de nos estragar a estratégia.

- Estás doído. Vamos só dar-lhe um cheirinho. Nunca se sabe se vamos necessitar de dinheiro, e se for caso disso, onde é que o vamos buscar?

Pedroto hesitou, mas acabou por concordar. Convidaram o Ilídio para a reunião e contaram-lhe apenas algumas peripécias do plano. O Ilídio revelou-se eufórico, como quando lhe saía bom jogo. Era mesmo aquilo que ele queria. O Américo de Sá não ia aguentar este ataque e abandonava o clube. O Pinto da Costa passava a presidente, e ele realizava o seu velho sonho: tomar conta do departamento de futebol.

O Ilídio até foi mais cedo para a cama, depois de ter dito ao Pedroto e ao PC que podiam contar com tudo o que necessitassem. Mesmo dinheiro, a quantia que fosse necessária. Logo que chegou a casa, não resistiu. Tirou a bata de trabalho e foi ao roupeiro escolher o seu melhor fato. Vestiu-o, colocou uma gravata, foi a uma pequena gaveta da cómoda e retirou uma braçadeira com uma inscrição bordada a branco: «delegado ao jogo». Passeou-se um pouco no quarto de cabeça erguida e começou a gritar para a mulher, que já estava a dormir:

- Levanta-te que isso não é nada. Vai à esquerda. Vai lá, corre. Corta, passa, chuta que é golo! A mulher acordou estremunhada e, vendo o Ilídio naqueles propósitos, logo pensou: «Ai que o meu Ilídio ficou maluquinho!»

- Mulher, estás a ver um futuro delegado ao jogo! Amanhã vai haver um golpe de estádio e ninguém mais nos vai poder parar.

A Dona Virgínia, sem perceber o que se estava a passar, pensou: «E mais uma das maluquices do meu marido». E virou-se para o outro lado, voltando a adormecer, pois, de manhã, bem cedinho, tinha que estar no seu posto a fabricar a broinha.

Pedroto foi o primeiro a entrar no estádio e logo que os jogadores chegaram fez uma reunião e contou-lhes o que se estava a passar.

- Rapazes, se queremos continuar a ganhar, a conquistar títulos e a criar fama, temos de manter o grupo unido. Fomos nós que conseguimos realizar o sonho de conquista do título e não queremos ficar por aqui. Tenho a informar-vos que o nosso presidente, Américo de Sá, excluiu o Pinto da Costa do departamento de futebol e, sendo assim, não trabalho com mais ninguém. Fora a ditadura e os incompetentes. Unidos ninguém nos vence.

Um dos jogadores, atento e entusiasmado com o discurso, ainda esboçou a palavra de ordem:

- Os jogadores unidos jamais serão...

Atento, Pedroto travou o entusiasmo do jogador.

- Alto aí! Por esse caminho não, porque às tantas ainda dizem que somos comunistas, e isto não é um golpe de Estado. Isto é apenas um golpe de estádio.

O Ilídio não perdeu pitada do que estava a acontecer. Entusiasmado com a possibilidade de poder realizar o seu velho sonho de chefiar o departamento de futebol, subiu a um banco e apoiou Pedroto:

- É isso mesmo. Isto não é um golpe de Estado, é um golpe de estádio.

Pedroto retirou o chapéu que lhe encobria o «capachinho», fez deslizar os dedos pelos poucos cabelos de que ainda era proprietário, enquanto pensava na melhor forma de fazer sair o Ilídio, para que a bronca não fosse ainda mais longe. Pediu então a todos os presentes:

- Gostava de ficar agora sozinho com os jogadores e a equipa técnica. Ó António, pede aos restantes que saiam!

Novamente na posse do comando da situação, Pedroto explanou as linhas mestras do seu plano, como se estivesse apenas a dar a tática para o próximo jogo:

- O Américo de Sá não tem o direito de travar a caminhada gloriosa do nosso clube. Nós assumimos uma grande responsabilidade para com os nossos associados e não podemos desiludi-los. Neste momento, não há outra alternativa. Ou ele ou nós e nós somos a verdadeira glória do clube. Somos os únicos capazes de lutar contra os mouros, de os derrotar novamente, como fez D. Afonso Henriques.

O ambiente voltou a aquecer, e o entusiasmo da maior parte dos jogadores tomou conta da situação. Discutiui-se a melhor forma de enfrentar o problema e ficou acordado escrever-se um comunicado para entregar á Imprensa, dando-lhes conta da situação. Um dos jogadores ainda disse:

- Quem vai buscar uma folha de papel?

Mas Pedroto apressou-se a acrescentar:

- Não vale e pena. Dormi toda a noite sobre o assunto e por acaso até já trago aqui o comunicado feito.

Alguns jogadores ficaram desconfiados. Aquilo mais parecia um golpe de uma organização comunista.

Trabalhadores a quererem tomar conta das empresas tem dado mau resultado. Resolveram logo pôr em causa aquela acção.

Houve alguma discussão no balneário e, como a maioria estava de acordo, resolveram encostar a direcção á parede. Ou aceitavam as condições de Pinto da Costa, ou vamos todos embora.

Mas o tiro saiu-lhes pela culatra. Américo de Sá não se deixou abater pela intimidação e não aceitou as exigências. O escândalo rebentou.

Só quatro jogadores ficaram de fora da situação e alinharam com Américo de Sá, os outros foram para a mercearia do Ilídio Pinto.

Os grupos de pessoas com influência no clube dividiu-se. Se era verdade que tanto Pedroto como Pinto da Costa tinham feito uma autêntica revolução no futebol quando ganharam o título, também não era menos verdade que não estava certo que se aproveitassem da situação para assaltar o poder.

Moviam-se nos bastidores os mais variados tipos de influências, porque acima de tudo estavam os mais elementares interesses do clube. Os prejuízos podiam ser desastrosos, estavam a perder-se dias de preparação, o campeonato estava á porta e a equipa iria ressentir-se disso se o braço de ferro não terminasse. Sob o comando de um preparador físico, os jogadores treinavam-se nas ruas da cidade e no final cada um ia tomar banho a sua casa. Era o descabro. Nunca antes se tinha assistido a coisa igual.

Estava na hora de o Ilídio entrar em cena. Reuniu-se com Pedroto e PC e perguntoulhe o que é que podia fazer para ajudar. Sentiu-se de imediato um brilho nos olhos de PC. Estava ali a resolução para parte do problema.

- Precisamos de dinheiro para pagar o estágio aos jogadores. Vamos mandá-los para onde ninguém os encontre. Assim, eles podem trabalhar em paz, até que tudo isto se resolva. Temos também de lhes garantir os vencimentos no final do mês. Ilídio, você arranja dinheiro para fazer face a estas despesas?

O Ilídio gostava de se sentir útil. Era ele que ia resolver o problema. A carteira era a sua divisa e colocou-a ao dispor da situação. Aquele estava a ser um dia bom, pois já vendera 500 broas.

Os jogadores hospedaram-se numa estalagem junto ao pinhal e tudo se complicou ainda mais. Toda a gente queria saber onde estavam os craques. A imprensa procurava e não encontrava. Criaram-se grupos de espiões de parte a parte. A pressão aumentava, e o Ilídio tinha de retirar os seus dividendos. A sua oportunidade não tardava, mas toda a gente tinha de ficar a saber que era ele que estava a financiar a situação. Mandou chamar um jornalista amigo e confessou-lhe:

- Fui eu que dei o dinheiro para o estágio. Eles estão.. bzzzzzzzzzzzz

No outro dia, os jogadores voltaram a ser «assaltados pela malta dos jornais. Novo escândalo. Américo de Sá não dava sinais de fraqueza. Resistiu a todos os tipos de pressão. Foram reuniões, mais reuniões e assembleias gerais. Mas o presidente e os seus homens não recuaram um milímetro que fosse.

GOLPE DE ESTÁDIO

Vencidos pelo tempo e pela persistência, todos os jogadores recuaram. Todos...menos um: António Oliveira.

Pedroto e Pinto da Costa ficaram sozinhos. Américo de Sá tinha vencido. Contratou um novo treinador e ofereceu a chefia do departamento de futebol a um homem da sua confiança.

O Ilídio é que não perdeu tempo. Quando viu as coisas mal paradas, resolveu virar-se para o outro lado. Telefonou ao Américo de Sá e defendeu-se:

- Olhe que aquilo do dinheiro do estágio não fui eu que dei. É tudo mentira. O presidente já sabe que pode contar comigo. Se for necessário contratar jogadores e um novo treinador, já sabe que não há problema nenhum!

Ninguém tinha dúvidas de que iria ser necessário muito dinheiro, e no clube não abundavam os mecenas. Numa situação destas, o Ilídio podia vir a ser muito útil.

Pinto da Costa, Pedroto e o «capitão» de equipa, António Oliveira, mantiveram as duas posições. Tinham sido derrotados, mas não havia nada a uni-los. Cada um que se safasse da forma que lhe desse mais jeito.

Pedroto, sem abandonar a mania da conquista da capital aos Mouros, instalou-se na terra de D. Afonso Henriques.

- A luta continua. Vai ser aqui que me vou inspirar para voltar a conquistar o poder. Levou com ele o António, seu adjunto. O preparador físico também tinha desertado e procurado encosto no grupo de Américo de Sá. Só mesmo António Oliveira resistiu, preferindo o desemprego á humilhação de voltar atrás. Tinha assumido uma posição e mantinha-a, mesmo que agora pensasse que tudo estava errado.

- Vamos com calma. Roma e Penafiel não se fizeram num dia.

Dito isto, virou á esquerda, travou a fundo e abriu a porta a uma miúda que por ali estava encostada a um candeeiro.

CAPITULO III

TELES, REINALDO TELES

Pinto da Costa assumiu a derrota, mas não a digeriu. Parecia perdido para o futebol. A sua atitude revolucionária tinha deixado marcas bastante profundas. O seu futuro como dirigente estava severamente comprometido, mas Pinto da Costa sempre acreditou que no futebol é o golo que comanda as atitudes e as situações e que provoca a queda dos dirigentes e treinadores. Por isso, PC não se deixava abater com tanta facilidade. A sua resistência não tinha limites e afinal só tinha perdido uma batalha. O importante, agora, era fazer com que o seu clube tivesse alguns desaires. Tinha, por isso, de montar a sua estratégia, mesmo sem os seus anteriores aliados.

Os seus companheiros, os da tentativa de revolução, colocaram-se á margem para se aliarem a quem ficou com o poder, e os profissionais seguiriam o seu rumo, a sua vida era aquela; e, mais tarde ou mais cedo, acabariam por surgir novos empregos. Eram artistas do futebol, tinham mérito e qualidade. O seu caso era mais difícil. Era um dirigente com algum carisma ganho á custa do prestígio de Pedroto. A sua personalidade e capacidade ainda não tinham sido verdadeiramente testadas. Faltava-lhe prestígio para fazer frente a Américo de Sá. E não podia continuar a vender fogões toda a vida...

Sem abandonar os bastidores do futebol, foi minando a gerência de Américo de Sá. Não era homem para ser derrotado com tanta facilidade, mas em alguns momentos chegou mesmo a sentir o desespero de uma causa que parecia perdida. Mestre a colocar o boato a circular, fez constar que um clube da capital lhe tinha dirigido o convite para assumir o comando do departamento de futebol. O objectivo era deixar passar a mensagem de que o inimigo tinha visto nele superiores qualidades e, perante tal facto, esperar que algumas vozes se levantassem, reconhecendo o erro que tinham cometido. Mas acabou por acontecer o contrário. A credibilidade de Pinto da Costa em relação ás posições que tomou em defesa do Norte foi afectada.

Apercebendo-se de que a sua estratégia não resultara, logo se apressou a desmentir o boato posto por ele a circular. As eleições estavam próximas e era necessário estabelecer um plano mais sólido para derrotar Américo de Sá. Não era homem para viver sob o domínio da derrota ou mudar de atitude procurando novamente as boas graças do presidente. Na sua personalidade e forma de estar não encaixava a imagem de um falhado.

Pinto da Costa passou a sua idade escolar num colégio onde imperava uma grande influência da religião católica e quando atingiu o liceu foi internado num colégio de padres. Dos mais prestigiados do Norte do País. Ali fabricavam-se verdadeiros homens. Eram testados como cobaias para poderem enfrentar no futuro as mais adversas contrariedades da vida.

Uma das disciplinas era constituída pela defesa individual de cada aluno perante toda a turma e, já nessa altura Pinto da Costa era tido como o mais desenvolvido no uso do discurso, na sua capacidade de raciocínio rápido e retenção na memória de dados essenciais. Inteligente e astuto como um verdadeiro jesuíta, bem cedo começou a demonstrar um grande sentido de chefia. Sabia como dividir para reinar, utilizando um ar cândido e descomprometido quando algumas atitudes de má-fé lhe eram dirigidas.

Atirava a pedra e sabia como esconder a mão. Mas a sua verdadeira arma era a grande capacidade de trabalho e a completa dedicação a tudo o que fazia. Chegou a pensar ordenar-se padre, e o director do colégio apostava que, se ele seguisse essa carreira, iríamos ter o segundo papa português.

A sua postura, a sua forma de falar e de estar deram-lhe sempre um toque clerical. A mesma mão que abençoava os amigos, empunhava a cruz onde ele havia de crucificálos. Cativava, fazia amizades com facilidade e sabia como as utilizar e destruir como se nunca tivesse culpa de nada.

Nunca foi grande atleta, mas a sua paixão pelo desporto atirou-o para o dirigismo. Começou por baixo, mas não foi necessário muito tempo para chegar ao topo da pirâmide. Destronar Américo de Sá era agora o seu maior desafio. Começou então a rodear-se de amigos com algum prestígio no clube, procurando apoios para se candidatar. Tarefa que não era fácil. Na altura, para se ser presidente de um clube de futebol era necessário ser-se um empresário de sucesso e ter dinheiro disponível para enfrentar algumas situações, e esse não era o caso de Pinto da Costa. Ele sabia-o como ninguém e procurou então apoiar-se em pessoas abastadas economicamente, não dispensando o seu grande amigo, Ilídio Pinto.

Havia, no entanto, uma situação que era necessário ultrapassar. O Ilídio tinha-se encostado ao Américo de Sá, mas PC sabia que ele estaria sempre do lado de quem tivesse o poder e, com alguma facilidade, jogava sempre com um pau de dois bicos.

O certo é que Ilídio tinha o dinheiro, e PC iria necessitar desse apoio. Tinha também na mão outra gente que vivia desafogadamente em termos financeiros e que por terem sido preteridos por Américo de Sá se colocaram do seu lado, mas esses eram mais inteligentes e não seria fácil arrancar-lhes o dinheiro sem lhes dar nada em troca.

Não podia também colocar em risco uma nova derrota. Tinha de ir à luta pela certa, e o momento era propício porque se começava a notar uma certa instabilidade no seio do clube. Tudo servia para se atacar a gerência de Américo de Sá. Faziam-se assembleias gerais agitadíssimas, com Pinto da Costa a colocar algumas pessoas estrategicamente no meio dos sócios a criar a confusão.

Américo de Sá passou momentos de grande desespero, porque lhe era impossível controlar a situação. Foi então que tomou consciência da existência de um jovem com alguma história no clube. Reinaldo Teles, campeão nacional de boxe e na altura treinador, foi a solução encontrada para controlar as agitadas assembleias gerais. Expugilista, brigão, chulo e nutrido uma certa paixão por negócios ilícitos, ofereceu-se para arrumar a casa e impor a ordem nas confusões programadas por Pinto da Costa. Era treinador de boxe do clube e reuniu os seus rapazes para patrulharem a sala, e o certo é que com alguns murros e cabeçadas acabou por conquistar o lugar de chefe da segurança de Américo de Sá.

Pinto da Costa temia-o, porque não era um brigão vulgar e muito menos um marginal estúpido e incompetente. Reinaldo Teles tinha um espírito e uma personalidade muito idênticos aos de PC. Dava as ordens para descascar á fartazana e depois surgia como o apaziguador, o bom rapaz que anda tinha a ver com aquela violência. PC detestava-o, mas viu nele a solução para o futuro.

Reinaldo Teles era um ás a esgrimir os punhos, sabia avaliar com grande exactidão a capacidade dos seus adversários, e quando não os podia vencer trazia-os para junto de si. Um anjo, este rapaz que veio bastante jovem de uma aldeia transmontana para servir numa tasca de um tio. O estabelecimento estava aberto toda a noite, numa altura em que ainda existiam poucas discotecas. E as que funcionavam em pleno estavam viradas para o alterno e a prostituição. Mas R. Teles sabia que «putas e vinho verde» só combinam nas horas e nos locais certos. Havia que tratar da vidinha.

Ajudava o seu tio pela madrugada dentro e vivia com entusiasmo as cenas de pancadaria entre azeiteiros, putas e marginais. O seu sonho era um dia vir a ser como eles. Homens valentes, com charme, e mulheres tratadas a pontapé a levarem-lhes o apuro da noite e o que até tinham roubado ao prazer. Sobre as delícias do amor, Reinaldo propagandeava dotes extraordinários, como fruto da leitura de um livrinho que comprara na Feira de Vandoma, uma obra cujo título tinha algo a ver com cama (obviamente) e que ensinava a combinar o beijo inclinado com o beijo pressionado. Essa era a matéria que Reinaldo dominava perfeitamente, como já se disse, com destaque para a arte de beijar.

Mas ainda estava longe de ser o rei na noite, sendo por norma acordado por mais um pedido da Bety ou da Lady, pois as putas por aqueles lados tinham todas nomes ingleses...

- Ó miúdo, serve-me aí uma sande de fígado com molho e cebola e um copo desse verde rasca que o teu tio tem aí!

Reinaldo Teles não se deixava comover. Afinal, eram putas. Tinham de ser tratadas assim. Enrugando a face, com os cantos da boca a quebrarem para baixo, fazia inchar o peito, punha-se em bicos de pés na tentativa de imitar os chulos e atirava com o prato da sande e o copo para a frente da mulher enquanto pensava: «Ainda vais trabalhar para mim». Foi então que um indivíduo com cara de rato, esquelético e de cabelo oleoso, se foi encostando á prostituta que Reinaldo servia e, com uma habilidade nata, meteu os garfos na carteira e roubou-lhe o porta-moedas. Reinaldo, que estava por detrás do balcão a retirar da montra de vidro um naco de polvo envolto em cebola, viu a cena e não perdeu a sua oportunidade de brilhar. Saiu do balcão e, com determinação, agarrou o carteirista e evitou que a Alzira, mais conhecida por Lady, ficasse sem os poucos tostões que o seu chulo lhe deixou.

Apercebendo-se de toda a cena, a Alzira levantou a mão e deu um soco no carteirista enquanto lhe dizia:

- Ah, meu filho da puta de choringal!

Sem tempo para pensar, Reinaldo Teles nem sequer hesitou quando se apercebeu que o carteirista ia responder á agressão. Formando um salto, deu uma cabeçada seguida de uma esquerda no choringa e este esparramou-se no chão sem vontade de se levantar. Quando o pôde fazer, nem sequer olhou para trás, deitando a fugir pela rua abaixo.

Os presentes fartaram-se de gabar Reinaldo, não só pela sua coragem como também por aquela esquerda indomável. A Alzira esqueceu-se de que tinha sido vítima de roubo e começou a medir o miúdo de alto a baixo com um sorriso comprometedor e, olhando por cima do ombro, disse-lhe quase num sussurro:

- Hoje tens direito a uma de graça!

- Com direito a beijo pressionado?- quis logo saber Reinaldo.

Que sim, disse ela. Reinaldo Teles não cabia em si. Puxou do pente que trazia no bolso de trás das calças, passou-o pelos cabelos e não deixou ninguém perceber que ainda era virgem. Pegou no resto do vinho que sobrou no copo da Alzira e emborcou-o de uma golada enquanto lhe dizia:

- Estou-te com uma sede!

Quando fechou a tasca, lá estava a Lady á sua espera para uma madrugada de amor. Mas estava, ainda, Reinaldo com a chave metida na porta, e já o chulo da Alzira lhe tocava no ombro.

- Onde pensas que vais meu filho. O estabelecimento já fechou. Se queres desenferrujar o prego, espera para amanhã e não te esqueças de trazes trocado.

Reinaldo Teles ficou fora de si. Já estava a pensar com os tomates, e aquele gajo não lhe podia vir estragar a festa. Olhou de alto a baixo o chulo. Fixou-o bem nos olhos e achou que lhe podia dar uma tareia. A sua célebre esquerda saltou como um gancho e abateu-se nos queixos do chulo. Ainda este não se tinha recomposto e já levava um meia dúzia de socos, caindo KO no passeio.

Numa só noite, Reinaldo tinha abatido dois adversários. Alzira não hesitou. Estava cheia daquele chulo, e Reinaldo serio o seu novo amante. Meteu-lhe o braço e, com firmeza, levou-o até ao seu quarto alugado, por trás da Igreja da Trindade. Por coincidência ou não, os sinos tocaram a assinalar as cinco da matina e uma gata berrou de cio.

Reinaldo estava eufórico e, depois de ter descascado em dois duros da noite, não podia de forma alguma deixar perceber que aquela era a sua primeira noite de amor. As suas calças de bombazina preta começaram a ser afagadas por Alzira enquanto ela se despia.

Ao ver o seu par de mamas, Reinaldo não se aguentou mais e teve uma ejaculação. Lady sentiu as calças humedecidas.

- Já te vieste?

Reinaldo, sem mostrar atrapalhação por aquele percalço, ensaiou uma vez mais a pose de durão.

- Isto é só uma amostra. Vê se te preparas depressa.

E em que pressinha se foi a virgindade de Reinaldo Teles.

Alzira ficou encantada com toda aquela fogosidade e, mostrando-se submissa, pediu com um certo carinho:

- A partir de hoje vais ser o meu chulo?

Reinaldo sorriu, enquanto puxava as calças para a cintura e apertava o cinto.

- Depois da sova que deu ao teu chulo, achas que ele teria coragem de aparecer? O teu homem a partir de hoje, claro que sou eu.

Mas para que essa conquista ganhasse forma, havia muitas lutas para vencer. Os pretendentes faziam fila porque o negócio estava mau e havia de aparecer um valentão a conquistar os seus direitos da mesma forma que o fez Reinaldo.

Alzira gostava do miúdo, era forte e atrevido, mas para ficar com ele tinha de pensar numa forma de o proteger. Reinaldo tinha punhos, mas faltava-lhe a experiência. De súbito, veio a solução. Ela tinha um cliente que era treinador de boxe do maior clube da cidade(Porto)e ia-lhe apresentar Reinaldo Teles para o rapaz poder ir lá fazer uns treinos.

Uma semana depois, o tal treinador de boxe disse a Alzira que Reinaldo tinha futuro. A partir daí, quando as coisas aqueciam no «Ginginha», a tasca do seu tio, R. Teles fazia uns treinos extra, passando a ser conhecido e respeitado. Depois de fechar a tasca, aproveitava a boleia de um amigo e ia ter com a Alzira, que atacava em Santos Pousada.

Trazia o apuro e a rapariga. Os dois estavam apaixonados. O beijo pressionado passava à história.

Reinaldo começou a somar êxitos no boxe e acabou por deixar o emprego na tasca do seu tio para se colocar como segurança e porteiro numa casa de alternos. Foi aí que conheceu a Luísa. Mas um dia, Alzira descobriu tudo, entrou pela boite dentro, localizou a Luísa, que bebia uma garrafa de champanhe com um cliente enquanto este a beijava no pescoço, pegou-lhe pelos cabelos, atirou-a por cima da mesa e armou por ali uma algazarra tremenda.

Reinaldo Teles tentou acalmar as coisas. Não podia perder o emprego e lá convenceu Alzira a ir-se embora, não sem antes esta prometer que matava a Luísa se ela continuasse atrás do homem dela.

Reinaldo Teles tinha-se tornado num dos chulos mais importantes da cidade e, com a ajuda da Luísa, acabou por comprar o seu próprio estabelecimento. O rapaz tinha jeito para o negócio, e a Luísa tinha uma perspicácia tremenda para escolher as melhores putas.

Ambicioso, inteligente, hipócrita e já com algum poder económico, Reinaldo Teles tinha apenas mais um sonho: ser campeão nacional de boxe. Ele era bom de punhos, mas havia outros melhores.

Com algum sacrifício e habilidade, conseguiu chegar á fase que lhe permitiu disputar o título. O seu adversário era poderoso e Teles não se podia arriscar a deixar fugir o seu sonho. Sempre inclinado para negócios marginais, colocou logo em prática um plano diabólico. Ele sabia que no boxe profissional a corrupção por parte de grupos marginais era uma prática constante e quase normalizada, e num ápice resolveu o seu problema. Contactou o seu adversário, negociou a vitória no terceiro "round" e um KO mal disfarçado deu-lhe a oportunidade de saltar no ringue elevando as luvas em sinal de vitória.

Era importante para o seu negócio que os jornais noticiassem no dia seguinte que ele era o novo campeão nacional de boxe. Aquele título significava respeito e medo. Os factores mais importantes para quem quer gerir com tranquilidade uma casa de alternos e de prostituição.

Este fora o seu primeiro acto no mundo da corrupção, e Teles ficou fascinado com o poder do dinheiro. Afinal, ele tinha feito um investimento altamente rentável. Pagou para conquistar o título, realizou o seu sonho e duplicou a facturação no seu estabelecimento. Ninguém se arriscava a criar conflitos na sua área de alternos e muito menos a deixar contas penduradas. Os punhos de um campeão eram sempre temidos.

CAPITULO IV

FINALMENTE, O PODER

Aproximavam-se novas eleições e Pinto da Costa ia ganhando terreno. O treinador austríaco(Hermann Stessl) que fora convidado para tomar conta do seu clube sob a gerência de Américo de Sá não estava a dar conta do recado. Os sócios habituaram-se aos títulos e queriam mais, mas a bola teimava em não entrar na baliza.

Enquanto isso, PC esfregava as mãos e preparava a sua candidatura. Os apoios eram cada vez mais fortes, e uma nova estratégia foi colocada em movimento. Ele tinha de apostar forte na vitória eleitoral e, aproveitando os maus resultados da equipa, organizou por todas as freguesias da cidade sessões de esclarecimento com uma programação meticulosa. Iniciava-se, assim, a «Operação Ácido Sulfúrico», cuja alternativa, em caso de falhanço, tinha o nome de código de «Operação Cicuta».

Na organização dos seus comícios, PC deu sempre preferência aos bairros pobres e à parte velha da cidade. Era aí que estava o povo e a força do clube. PC organizou o seu staff comandando um grupo de associados aos quais impôs serem eles a obrigarem-no a partir para uma candidatura. Desenvolveu-se então o célebre grupo dos 500, do qual saíram elementos devidamente comandados que se distribuíam pelos cantos das salas onde eram organizadas as tais sessões de esclarecimento. A missão deles era empolgar as sessões e fazer perguntas previamente combinadas com Pinto da Costa.

Numa dessas noites, na Associação Recreativa de Miragaia, foi assim:

- Presidente, qual é o principal inimigo do clube?

- Antes de mais, repito, ainda não presidente...

Gargalhada geral, e PC tomou as rédeas à sala, não evitando porém a queda de estuque sobre o novo casaco,

- O principal inimigo está dentro do clube, o servilismo a Lisboa. Estamos fartos de ser espoliados. Chegou a hora de dizer «basta».

Com uma cajadada, PC matava dois coelhos. Para além do mais, o discurso saía-lhe cada vez mais com mais facilidade e tudo era acompanhado, comentado e analisado pelo imprensa desportiva e jornais diários. A cidade e Américo de Sá viviam sob o fogo cerrado de Pinto da Costa. O presidente já não podia sair à rua sozinho, e as assembleias gerais eram cada vez mais escaldantes, levando mesmo o doutor Sá ao desespero e a chorar em público. Foi nessa altura que Reinaldo Teles teve o seu papel mais importante. Organizou um grupo de guarda-costas recrutados nos quadros da secção de boxe do clube que, com alguns rufias nocturnos à mistura, organizou alguns ataques a jornalistas que de uma forma ou outra denunciavam a protecção a Pinto da Costa.

Evidenciando alguma inteligência e revelando o seu carácter de hipócrita, Reinaldo Teles verificou que a derrota de Américo de Sá era mais que evidente, e assim se foi distanciando da protecção que prometera ao seu presidente. Algumas figuras notáveis da cidade aliaram-se a Pinto da Costa e, no momento das eleições, a derrota foi fatal para Américo de Sá.

Pinto da Costa tinha conseguido realizar o seu sonho, levando como trunfo o seu grande amigo e companheiro de luta Pedroto, o técnico que tinha conseguido o título para o seu clube.

Fernando Gomes, o ponta de lança mais cobiçado, tinha sido emprestado a um clube espanhol e serviu de bandeira para ajudar à vitória. Também ele regressou. Mas António Oliveira, o ex-capitão que nunca se deixou dominar pelos designios de Américo de Sá, recusando-se terminantemente a regressar ao clube, passou por momentos bem difíceis.

Não de ordem económica, mas psicológica. Tinham-lhe sido vedadas todas as entradas numa equipa que estivesse ao seu nível. Foi marginalizado e refugiou-se num grupo de amigos, não recebendo a ajuda de ninguém, mesmo de Pinto da Costa, pelo qual deu a cara. António Oliveira era uma vedeta do nosso futebol, uma estrela, um génio, e não podias ser esquecido. Foram meses de desespero. Foi sair da ribalta para o anonimato, mas nada vergou a personalidade deste jogador, Ficou sozinho, mas manteve a classe que sempre foi a sua imagem de marca.

Sem clube e sem a mínima vontade de treinar, refugiou-se no ambiente nocturno tão ao seu gosto. Copos e mulheres eram a alma que mantinha de pé a forte estrutura psíquica do «Caddilaque» - apelido que carinhosamente lhe fora colocado pelos amigos mais chegados. Eram bacanais atrás de bacanais devidamente organizados no seu apartamento. Por aquele espaço passaram os melhores ballets de inglesas que actuavam nos casinos nortenhos, as melhores strip-teasers, as habituais frequentadoras das discotecas e também travestis que satisfiziam as delícias de algumas convidadas lésbicas e bissexuais. Sexo em grupo era o prato forte.

Após alguns meses de paragem, António Oliveira resolveu voltar à actividade, mas antes, na companhia de alguns amigos foi passar uns dias a Bordéus, onde esteve a ajudar na vindima. E só no seu regresso, com um visual totalmente novo, de cabelo encaracolado e sem bigode, aceitou um convite do clube da sua terra natal (Penafiel). Tinha uma equipa modesta, mas como era treinador-jogador, abria uma actividade totalmente nova no nosso futebol, revolucionando o sistema e isso teria sempre um enorme impacto mediático. Era a demonstração cabal de que António era, de facto um homem inteligente, que sabia estar e conhecia o terreno que pisava. A sua estrela voltava a brilhar e de tal forma que logo foi cobiçado por um grande clube da capital.

António não sabia viver sem a companhia do seu irmão, o Joaquim Oliveira. Foram sempre muito chegados. O Joaquim Oliveira tinha uma discoteca de alternos e rivalizava com Reinaldo Teles. O seu mundo eram as putas, tal como Reinaldo, de quem diferia muito em termos de personalidade e carácter. Reinaldo era um valentão. Joaquim Oliveira era pacífico e não era chulo, muito pelo contrário: chamavam-lhe andor porque gostava de se rodear de putas e pagar tudo. Todas as noites promovia ceias com dançarinas e também com algumas miúdas ligadas aos alternos. Levava sempre consigo amigos para se querer impor e provar que também era alguém.

O negócio não dava para tudo, e vieram as dificuldades. As dívidas aumentaram e, com a ida do seu irmão para um clube da capital (Sporting) tudo piorava. Vieram as penhoras. E logo que António Oliveira se impôs no seu novo clube, tratou de arranjar um negócio para o seu irmão, uma queijaria nas imediações do estádio, onde era normal alguns jornalistas abastecerem-se sem pagar ou apenas por um preço simbólico (mantinha-se assim a tradição de «pato»). O irmão, pelo seu lado tinha-se assumido novamente como jogador treinador e, com a ajuda do seu novo presidente, resolveu abrir uma agência de contratações de jogadores. A sua missão era contratar jogadores não só para o clube do seu primo, mas também para os outros. Foi criada a Olivedesportos.

Mas Joaquim Oliveira não estava talhado para esta missão cuja actividade em Portugal ainda era muito pouco reconhecida. A fuga acabou por surgir através de um sistema de publicidade montado nos estádios, explorando os painéis. António e o seu irmão Joaquim continuavam de boas relações com Pinto da Costa, mas este quando, quando foi eleito presidente, resolveu encetar uma pequena guerra com João Rocha, eximigrante nos «States» e presidente do clube onde António estava a jogar e a treinar (Sporting). As relações entre ambos esfriaram até á altura em que Pinto da Costa resolveu tentar trazer novamente o António para o seu clube, mas o jogador manteve sempre um comportamento de grande responsabilidade. Para além de alguns defeitos, tinha uma grande virtude: nunca esquecia os seus amigos. João Rocha fora o homem que lhe dera uma nova oportunidade para voltar ao top do futebol português, que o ajudou a montar a agência de publicidade para o seu irmão num momento difícil para ambos, e António não podia de forma alguma esquecer tudo isso. Recusou o convite, mas Pinto da Costa não perdoou.

A guerra estabeleceu-se entre ambos até ao ódio e continuou até muito depois de António ter abandonado o clube da capital e optado pela actividade de treinador. António e o seu irmão nem queriam ouvir falar em Pinto da Costa. «Dá comichão só de pensar nele», dizia um deles, o mais novo, mas claramente o mais esperto.

A guerra entre os dois clubes e os respectivos presidentes foi aumentando. Pinto da Costa tinha feito com que o seu clube voltasse às vitórias e aos títulos e, como sempre foi amante de uma guerrinha, mantinha a sua bem acesa com João Rocha.

A estratégia era de Pedroto:

- No Norte só há um clube com força e na capital há dois, por isso só há uma forma de os poder dividir e lutarmos contra eles. Temos de estar sempre bem com um e abrir guerra ao outro.

Pinto da Costa absorveu a filosofia do «mestre» e acrescentou:

- Tens toda a razão e até podemos alternar essa guerra, abrindo fogo sempre sobre o clube que estiver em melhores condições para poder lutar pelo título.

Frustrada a tentativa de levar para o seu clube o António e em resposta a João Rocha por este ter ripostado com a contratação de dois jogadores da sua equipa, Pinto da Costa num acção relâmpago contratou um miúdo que na altura estava a dar nas vistas no clube do seu inimigo João Rocha. Nessa altura, estava longe de imaginar que seria aquele jogador que iria dar início ao seu grande golpe de estádio. O miúdo morava no Montijo e era anunciado como um craque de eleição. Mas o clube de Rocha abriu a guarda e, numa noite de lua cheia, um funcionário do clube rival do Norte acelerou no seu Renault até ao Montijo, não se esqueceu de comprar no caminho um pão-de-ló em Rio Maior para oferecer à família do rapaz e trouxe-o para a «Invicta», onde o craque se manteve como que sequestrado durante alguns dias. «É o Eusébio branco», dizia-se, se calhar com alguma legitimidade. O craque era conhecido pelo nome de guerra de Futre.

Entretanto, Reinaldo Teles, depois de ter abandonado Américo de Sá, mesmo antes de este ter perdido as eleições, insinuou-se perante PC e, como este ainda não se tinha esquecido da dimensão das dificuldades que lhe foram criadas pelo rapazinho que era treinador de boxe do seu clube, achou por bem abrir-lhe a porta e oferecer-lhe o lugar de chefe de segurança. Reinaldo Teles, consta, mandou abrir duas garrafas de champanhe «Moelas & Cabron», marca que o Fuinha, um dos seus empregados, não conseguiu encontrar no mercado, mas no fim ninguém reparava que era apenas «Raposeira» o néctar que entrondeava.

Pedroto nunca esteve muito de acordo com essa acção. Era um indivíduo seguro, competente e com grande personalidade e não gostava muito, nem sequer apoiava, acções de violência ou de alguma forma marginais. Lutava por aquilo em que acreditava e tecia estratégias para a sua luta, contestando, vociferando e acusando de uma forma directa.

Tornou-se polémico, irreverente e estabeleceu uma acção de combate virada essencialmente para a arbitragem, cujo controlo partia da capital.

Por isso, contratou para a sua equipa um ex-jornalista(Luis César) com a mania das estatísticas, e a sua primeira missão foi a de elaborar um ficheiro de todos os árbitros de 1ª categoria, contendo o maior número de informações. Nome, morada, actividade extra, número de filhos e datas de nascimento de toda a gente do agregado familiar.

Como era contra a violência, e Pinto da Costa não se cansava de gabar os dotes de Reinaldo Teles, Pedroto pediu ao presidente para lhe entregar a missão de ir a casa dos árbitros no dia do aniversário destes ou de um dos seus familiares para entregar uma pequena lembrança, independentemente do facto de esse árbitro ter ou não ter apitado qualquer jogo do clube. Era o início de uma operação de charme que resultaria em pleno.

- Reinaldo, hoje tens de ir a Setúbal entregar uma prenda para o filho do árbitro Carlos Fortes, que faz anos- pediu, certo dia, PC.

Reinaldo Teles, sempre pronto para estas acções, lá rumou até Setúbal com um fio de ouro e uma medalha gravada com o nome do filho do árbitro. Mas, quando lá chegou, não encontrou ninguém em casa. Uma vizinha, que estava na varanda a estender roupa, disse-lhe que tinham ido todos a casa da sogra festejar os anos do miúdo. Reinaldo não perdeu tempo:

- Sabe dizer-me onde mora a sogra?

- Mora em Lisboa - respondeu a vizinha, dando de imediato a respectiva morada. Reinaldo atravessou a Ponte e uma hora depois lá estava na casa da sogra de Carlos Fortes para entregar a respectiva prenda ao filho do árbitro.

Cenas como esta sucederam-se, e todos aceitavam com agrado tamanha amabilidade. Era um gesto bonito e que ninguém podia condenar. Não estava em causa qualquer jogo ou favor, mas uma amabilidade que não era muito normal no futebol.

Pinto da Costa e Pedroto tinham escolhido a pessoa ideal para executar tal missão. Reinaldo Teles era bem sucedido quando espelhava a face da inocência, do desinteresse, do bom amigo.

Foram dezenas e dezenas de missões como esta que deram entrada a Reinaldo Teles na intimidade dos árbitros. Depois de um gesto daqueles, era normal que convidassem Reinaldo para um brinde ou mesmo para ficar um pouco na festa familiar. Nasceram amizades e compadrios. Convites para encontros mais para o Norte e de preferência no seu bar de alternos, com mulheres e copos disponíveis.

Luísa tinha tomado conta do negócio, e a sua experiência de mulher da vida muito batida ajudava a controlar e a organizar umas cenas de sexo com as miúdas escolhidas pelos árbitros que visitavam Reinaldo no seu estabelecimento.

Pedroto desconfiava da situação e andava assustado com o negócio, mas a doença tomou conta dele e perdeu força, muito embora comandasse todas as operações e estabelecesse estratégias a partir do seu leito, com a cumplicidade do seu fiel adjunto António.

Pinto da Costa não gostava da política que estava a ser adoptada e, picado por Reinaldo Teles, com quem tinha relações já muito estreitas, começou a trair o seu grande amigo Pedroto. Reinaldo sabia que o técnico não gostava muito do seu estilo nem apoiava algumas das suas acções. Queria dar dignidade ao clube, e um chulo não seria a personagem ideal para representar em diversas acções a grandiosidade do projecto que ele queria atingir.

Reinaldo Teles sabia insinuar-se perante as pessoas. Começou a convidar o presidente para uns copos no seu território. PC nunca se tinha visto rodeado de tantas mulheres. Tinha uma educação de seminarista e nunca lhe passara pela cabeça trair a sua mulher, mas um dia não resistiu às investidas de uma das funcionárias do seu grande amigo Reinaldo Teles. A mulher tinha sido bem escolhida por Luísa e educada por Reinaldo. PC sentiu-se no céu, quando desceu ao leito do amor. Nunca tinha vivido experiência como aquela. Deu consigo a pensar: - Como é que foi possível andar 40 anos sem conhecer uma experiência como esta?

Reinaldo tinha ganho a sua primeira batalha. O presidente ficou agarrado a ele através do amor de terceiras (e de quartas, quintas, sextas... não sendo também incomum aos sábados...). Vieram outras experiências, outras mulheres e Pinto da Costa andava eufórico.

Depois de Pedroto ter morrido, Reinaldo Teles passou a ser o expoente máximo de Pinto da Costa, e os outros vice-presidentes do clube não andavam nada contentes com a situação. Um dos grandes amigos de PC chegou mesmo a comentar:

- O PC tem uma cabeça extraordinária. O seu mal foi ter começado a ir ao pito aos 40 anos. Isto dito assim nem parece nada, mas a verdade é que a vida nocturna transformou por completo Pinto da Costa, que pensou, por momentos, ter alcançado o paraíso na Terra.

Reinaldo Teles tinha uma influência extraordinária sobre PC, levando-o mesmo a dizer que só confiava em Reinaldo e no seu gato. Luísa geria o «Play-Girl», o novo bar de Reinaldo, com uma eficiência extraordinária, mas não passava de uma ex-puta, ou mais propriamente de uma puta reformada, mas ainda com boa pinta. A amizade entre ela e PC tinha aumentado graças aos excelentes encontros que ela lhe ia conseguindo com as suas melhores raparigas.

A ligação de Reinaldo Teles ao futebol proporcionava-lhe bons negócios e passos gigantescos na sua ascensão na direcção do clube. A acção de charme com os árbitros evoluía cada vez mais. Os dirigentes que não aceitavam Reinaldo iam sendo afastados.

Mesmo aqueles que já tinham uma amizade de longos anos com Pinto da Costa. O sexo tinha tomado conta da mente do homem e não havia nada nem ninguém capaz de o fazer parar e encarar a situação de uma forma mais digna.

A assiduidade de Pinto da Costa era quase diária e não havia forma de alterar os hábitos adquiridos. As mulheres desfilavam pela sua mesa e ele só tinha de escolher qual queria comer e a forma como o queria fazer. Era norma ser o patrão o primeiro a experimentar as novas empregadas, mas essa função no «Play-Girl» passou a pertencer a PC. Era a porta aberta para o êxito e a ascensão de Reinaldo Teles.

CAPITULO V

A GALINHA DOS OVOS DE OURO

O clube de Pinto da Costa tinha atingido o auge tanto em termos nacionais como europeus. Era o apogeu, o delírio e o júbilo de um povo que nunca se tinha visto em tamanha aventura. PC fez esquecer o seu velho e grande amigo Pedroto, evitando qualquer comentário que pudesse recordar o velho mestre. A glória tinha de ser só sua e de mais ninguém. A cidade caiu-lhe aos pés, e foi a partir dessa altura que PC tomou consciência do poder que tinha e que Reinaldo Teles começou a alimentar a sua grande esperança de um dia vir a ser alguém no seu clube.

Reinaldo tinha Pinto da Costa quase na mão, através dos assíduos encontros deste último com as suas miúdas. As amantes sucediam-se e até entravam em lista de espera. PC sentia-se um Dom-Juan e conhecia uma vida totalmente diferente daquela a que sempre foi habituado. O poder alimentou ainda mais a sua ambição e começaram aí as traições aos seus melhores amigos.

Umás como pura defesa pessoal, outras para abrir caminhos para os que iam chegando e prometiam uma maior subserviência, o que lhe dava a garantia de poder governar sozinho e principalmente sem ter de dar muitas explicações.

Os títulos traziam muito dinheiro para os cofres do clube Pinto da Costa já tinha esquecido os momentos em que era apenas um vendedor de fogões, muito embora continuasse ligado à mesma firma, onde mantinha uma posição superior. Os milhares com que tinha de lidar começaram a toldar-lhe a mente e a aumentar a sua ambição.

O seu clube era um grande chamariz para os grandes negócios e não faltaram oportunistas para tirar partido disso. Foi nessa altura que surgiu um empresário italiano muito ligado à venda de jogadores, mas com negócios ilícitos à mistura. Luciano D'Onofrio já tinha jogado futebol em Portugal, e acabou por criar raízes no nosso país, mais propriamente a sul, aproveitando uma grande parte do seu tempo para entrar nas redes ligadas ao tráfico de droga... e era mesmo vital aquele ponto geográfico para o negócio!

Luciano D'Onofrio, um indivíduo baixo, magro e com cara de rato, de nariz afilado mais parecendo um bico, apareceu pela mão de Reinaldo Teles e recebeu a benção de PC.

D'Onofrio era um empresário sem escrúpulos e com alguns mandatos de captura em diversos países europeus, precisamente por tráfico de droga, mas foi acolhido como uma pessoa de grande interesse para o clube. Pinto da Costa foi quem mais lucrou com a sua vinda. Os jogadores do seu clube inflacionaram-se no mercado europeu, e D'Onofrio viu ali um grande negócio para si e para PC. Em todos os jogadores que fossem negociados para o clube ou que saíssem dele, o presidente teria sempre a sua percentagem, desde que mais ninguém interferisse no negócio. Após o recebimento das primeiras comissões Pinto da Costa via-se rodeado por dois elementos ligados ao mundo do crime. Não era segredo para ninguém que Luciano D'Onofrio tinha ligações com a Mafia italiana e que Reinaldo mais alguns familiares viveram sempre de habilidades e negócios marginais, negócios centralizados na prostituição e na receptação de objectos roubados. «Pena é que estes ramos não estejam inscritos nos fundos comunitários», costumava dizer Reinaldo, que um dia ficou deliciado quando em Amesterdão viu umas garinas expostas em montras. Por um só momento, Reinaldo viu a rua de Santa Catarina transformada um gigantesco bordel, imaginando situações do tipo «leve três e pague duas» ou «pague o seu bacanal em dez suaves prestações». Mas era sonhar muito alto. Foi este tipo de gente que fez engolir em seco muitas pessoas honestas e com dignidade que estavam ligadas ao clube. Alguns protestaram, defenderam a ideia de que o clube tinha de ser gerido com mais transparência e acabaram por ser afastados. Como aconteceu com Alberto Magalhães, reputadíssimo empresário.

PC, cada vez mais lá no alto, qual Deus do Olimpo, qual César à frente das legiões, não dava tréguas:

- Aqui quem manda sou eu, e quem não estiver bem que se afaste!

O clube vivia momentos conturbados em termos directivos, mas os resultados desportivos eram óptimos. Consequentemente, Reinaldo Teles ia subindo na hierarquia do clube. Já tinha subido de chefe de segurança a chefe de departamento de futebol, uma ascensão que deixou muita gente de boca aberta, mas que foi aceite sem grande contestação, pois nessa altura já Reinaldo tinha todo o seu staff de segurança organizado. Reuniu alguns dos maiores rufias da cidade, alguns dos seus conhecidos dos negócios marginais e de prostituição, e impôs um cordão de silêncio tanto a jornalistas como a dirigentes. Quem contestasse ou denunciasse algo que não convinha, recebia a visita de um desses marginais e ficava sem vontade de dizer mais nada, subordinando-se ao silêncio e à aceitação dos factos.

Nem os sócios conseguiam fugir a esta perseguição.

Mas quando as derrotas surgem ou os resultados demoram a aparecer e as exibições não são as melhores, há sempre associados que contestam. No final de um jogo em que o clube tinha perdido, um associado, passando ao lado dos balneários, não se coibiu de lançar alguns insultos ao presidente e seus pares.

- Filhos da puta, chulos, vão trabalhar!

Pinto da Costa, que estava de sobretudo e mãos nos bolsos, tendo a seu lado Reinaldo Teles e mais dois dirigentes de menor importância, todos rodeados por quatro capangas, deu de imediato uma ordem em surdina:

- Fodam-me esse gajo!

Os quatro capangas deram meia volta, seguiram o indivíduo até às imediações do estádio e deram-lhe uma sova, perante o olhar incrédulo das outras pessoas que não sabiam muito bem o que se estava a passar. Era a lei da força e do silêncio.

O esquema estava montado, e dirigente que ousasse abandonar o clube e falar do que ouviu ou viu, sabia bem o que lhe poderia acontecer.

O grupo de seguranças foi-se refinando alicerçado pela parcialidade e impunidade com que os próprios jagunços era tratados e alongou-se até alguns agentes de autoridade que não se importavam de ostentar as suas armas como forma de intimidação. Foi sobre esta onde de poder e segurança que Pinto da Costa construiu o seu império e imperializou a sua própria imagem. Ele sentia-se um Al Capone à portuguesa, com a vantagem de não poder ser apanhado pelo fisco, pois não tinha rendimentos legais que justificassem qualquer tributação. Tinha, isso sim, o poder nas mãos e ficou ainda mais seguro disso a partir do dia em que se aliou a um bruxo muito conceituado em terras brasileiras que dava pelo nome de Pai João (Delane Vieira), um bruxo que não se limitava aos orixás, fornecendo também a equipa de futebol com frasquinhos de vidro que continham um guaraná em pó muito especial, esmagado por uma tribo de índios do interior do Brasil. O speed, normalmente recomendado para os gulosos do sexo, ajudava os craques e, aliado à normal injeção de «vitaminas», tornava-os super-homens dentro do campo. E era certo que a aparelhagem do anti-doping estava completamente desajustada para detectar o que quer que fosse. Mas até este sector, a seu tempo, foi devidamente controlado.

Entretanto, Reinaldo Teles não cessava a sua actividade, continuando a arranjar as melhores amantes para Pinto da Costa e a dar-lhe toda a protecção. Rodeado de poder, mas ainda sem dinheiro, o presidente, como lhe chamava Reinaldo, tinha algumas limitações, mas nunca esqueceu o velho amigo Ilídio Pinto, a quem continuava a extorquir o dinheiro que queria para efectuar alguns negócios, sempre com a promessa de que um dia este viria a ser vice do futebol profissional.

- É uma questão de tempo. Você tem de ter paciência. Necessito de si em lugares mais importantes para a vida do clube. Um dia o futebol será seu.

Com estas palavras de Pinto da Costa, o Ilídio lá ia passando uns cheques e cobrindo algumas despesas, porque fortuna pessoal foi coisa que nunca se conheceu ao presidente.

O grande negócio acabaria por surgir.

Um clube espanhol (Atlético de Madrid) interessou-se pela aquisição de Futre, e o seu presidente resolveu vir a Portugal contactar o jogador, sem antes consultar o clube de Pinto da Costa. Mas a organização, constituída por mais de uma dezena de guardacostas, estava sempre bem informado de tudo quanto se passava na cidade e essencialmente dos assuntos que diziam respeito ao clube. Por isso, quando chegou a boa nova de que o presidente do clube espanhol estava em Portugal para falar com Futre, foi de imediato colocado um plano de ataque em marcha, cujo nome de código era «A Caça à Peseta».

Apesar de Gil y Gil estar, no seu país, bem à altura de Pinto da Costa, quando veio a Portugal estava muito longe de saber o que lhe ia acontecer. Chegou ao Porto e combinou encontro com um empresário, para avaliar a possibilidade de levar Futre para Espanha. O bar era pequeno e decorado de uma forma simples. No fundo da sala, um pouco na penumbra, estava sentado Gil y Gil à espera do tal empresário quando irromperam pela sala dentro quatro indivíduos que, sem darem cavaco a ninguém, o rodearam e apertaram contra a parede, lançando o aviso:

- Se voltas aqui sem primeiro falares com o presidente do nosso clube, podes ter a certeza que não saís daqui vivo. Na próxima, não há aviso! - rugiu Reinaldo, decalcando o final da sua declaração de um filme que tinha visto em Pinheiro da Cruz.

Estas palavras foram ditas com tanta certeza e segurança que Gil y Gil quase se mijou pelas pernas abaixo. Fora a sua primeira lição como futuro presidente de um dos melhores clubes espanhóis. «Coño, em Portugal não se brinca», suspirou, ainda com as pernas a tremer como varinhas verdes.

Gil y Gil não disse palavra, limitando-se a sair do bar e a enfiar-se na sua viatura, acelerando, sem olhar para trás, até Espanha. Gil até se esqueceu de comprar um queijo da serra em Vilar Formoso, como prometera a Carmen, a sua amante de Madrid/Sul.

Já no seu território, contactou directamente com Pinto da Costa, e este, sem muitas palavras, indicou-lhe um interlocutor: Luciano D'Onofrio.

- O seu braço direito? - quis saber Gil.

- Mais ou menos, pois será ele a conduzir o assunto - informou PC.

Gil y Gil ficou tão impressionado com a acção de Pinto da Costa que resolveu oferecer um extra ao seu congénere português: uma vivenda em Madrid.

- Sim senhor, mas numa zona fina, se faz favor - aceitou PC de pronto.

D'Onofrio entretanto colocou outro jogador (Rui Barros) de PC num clube italiano (Juventus) e a soma da venda de Futre e desse jogador vendido para Itália foi de 1 milhão e 200 mil contos, uma verba que PC nunca teria imaginado poder passar pelas suas mãos. De imediato, PC juntou todo aquele dinheiro e abriu uma conta particular, prometendo aos seus parceiros de direcção que aquela verba iria servir exclusivamente para a compra de jogadores para o clube. Todos acreditaram, mas esse dinheiro desapareceu como o fumo. Para amostra não ficou nem sequer um mísero escudo.

As ligações de Pinto da Costa com situações marginais começaram a ser comentadas, e isso criou um certo descontentamento entre alguns directores, nomeadamente no patrão da sua empresa, Alfredo Costa, e presidente do Conselho Fiscal do clube. Ninguém como Alfredo Costa conhecia a vida de Pinto da Costa e, por isso, sabia muito bem que este andava a vivera além das suas reais possibilidades, entrando em outros negócios e noutras sociedades, sem se lhe conhecer a proveniência do dinheiro. Desconfiado desta situação, como presidente do Conselho Fiscal do Clube, Alfredo Costa um dia interpelou Pinto da Costa sobre o milhão e duzentos mil contos da venda dos dois jogadores, mas como resposta obteve apenas:

- Não tenho de dar contas a ninguém.

Alfredo Costa estava de pé frente à secretária de Pinto da Costa e quase não acreditou no que estava a ouvir. Aquela era a confirmação de que o dinheiro tinha mesmo desaparecido e não pactuou mais com a situação, demitindo-se do seu lugar de presidente do Conselho Fiscal do clube, ao mesmo tempo que intimava Pinto da Costa a abandonar a sua empresa.

Alfredo Costa não teve contemplações:

- Recuso-se a trabalhar com gente desonesta. Na minha empresa não posso ter indivíduos do seu quilate.

Pinto da Costa estava na mó de cima e não ficou muito preocupado com a situação. Uma grande parte daquele milhão tinha sido investido em várias empresas com ligações a familiares seus, mas sem o mínimo de capacidade de gestão, e todas acabaram por falir. O dinheiro fácil nunca é bem gerido, e o clube já estava a pagar as aventuras do seu presidente.

Mas os fiéis associados pouco se importavam com essas contas. Eles não queriam saber de gestão, mas de golos, e esses não faltavam. Pinto da Costa e Reinaldo Teles também sabiam disso e tinham de se organizar no sentido de garantir que esses golos e essas vitórias nunca haveriam de faltar.

Para deixar a empresa onde trabalhava, Pinto da Costa ainda teve que pagar sete mil contos e ficou sem carro por uns tempos. O milhão e tal de contos tinha desaparecido sem deixar rastros e tinha deixado de...rastos PC, a contas com a justiça, por cheques sem cobertura e penhoras a bens pessoais. Foi um momento difícil, mas que não abateu o presidente, levando-o antes a pensar que o seu negócio era o futebol. Era nessa área que se movia como peixe na água, e a modalidade não estava a ser devidamente explorada. Todos os movimentos foram reprogramados, de forma a que o clube tivesse uma gestão capaz de alimentar o seu presidente.

Reinaldo Teles acabou por subir na escala do poder no clube. O vice para o futebol foi afastado, e Reinaldo chegou-se mais ao presidente, ocupando o lugar deixado vago.

A vaidade pessoal de Reinaldo levou-o a abrir mais uma casa de alternos, desta vez mais chique e refinada. As putas eram de melhor qualidade e o champanhe também. Pinto da Costa não perdia um strip-tease, e quando lhe agradava, saboreava ao vivo a estrela do espectáculo. PC sentia-se cada vez mais um Al Capone à portuguesa.

Sempre rodeado de guarda-costas, assumia a pose do gangster e já tratava as raparigas da forma que um dia vira num filme americano, nos seus tempos de liceu.

Tinham surgido alguns escândalos e alimentava-se a desconfiança em relação à forma como os dinheiros estavam a ser geridos e distribuídos, mas aos poucos a organização refinou-se, de forma a não deixar rastros. Luciano D'Onofrio era um gangsterzinho e foise apercebendo da forma pouco cuidada e pouco profissional como os assuntos eram tratados e em alguns negócios governou-se com mais dinheiro do que aquele que ficara combinado, e para anular essas fugas, Pinto da Costa resolveu montar uma sociedade secreta na Suíça para que existisse um maior secretismo. D'Onofrio era uma figura envolta em algum mistério. Tanto aparecia como, quase por artes mágicas, desaparecia, o que acontecia normalmente quando se adivinhavam maus momentos. Estas artes de prestidigitador livram-no de muitos sarilhos, embora alguns anos mais tarde Luciano não tivesse conseguido evitar alguns dias de detenção num calabouço suíço, por suposta ligação a um caso futebolístico que abalou o futebol francês(Marselha).

PC confiava cegamente no seu amigo Luciano.

- D'Onofrio, vamos legalizar a nossa situação montando uma empresa de compra e venda de jogadores. No meu clube só você vende e compra todos os atletas, mas podemos estender o nosso negócio até outros clubes desde que se mantenha segredo absoluto.

- Está bem, presidente, você é que manda. Um dia ainda há-se ser como o Berlusconi. Pinto da Costa não perdeu tempo.

- Vamos já formar essa sociedade, porque tenho um negócio para ser feito já. Na semana seguinte já estavam os dois na Suíça para legalizarem a empresa de compra e venda de jogadores.

O seu primeiro negócio foi com um clube francês(Matra Racing de Paris) cujo treinador(Artur Jorge) já tinha passado pelo clube de PC.

- Temos de realizar dinheiro, porque as coisas não estão muito boas. As empresas que tenho montado têm dado uma grande barraca e levam-me o dinheiro todo. Temos o Plácido para vender a um clube francês.

Luciano D'Onofrio arregalou os olhos e disse com espanto:

- Mas, presidente, esse jogador não tem cotação europeia.

- Não se preocupe com isso, porque quem lá está vai querê-lo.

D'Onofrio, ainda sem acreditar no que ouvia, apesar de toda a sua experiência no mundo das vigarices, perguntou:

- Como vai ser feito o negócio?

- O nosso clube vende o Plácido à nossa empresa por 60 mil contos e nós vendemo-lo ao clube francês por 160 mil contos.

- Desses negócios é que eu gosto. Ganhamos mais que o clube.

- Tenho que dar uma volta à minha vida e começar a ganhar dinheiro, porque o que já perdi não foi pouco. No futebol é que está o nosso grande negócio.

Luciano D'Onofrio arregalou os olhos e pensou de imediato em ir um pouco mais adiante, mas resolveu não falar disso com o presidente. Preferia colocar o problema a Reinaldo Teles, que era um elemento mais acessível para as situações de ilegalidade.

Logo que pôde, encontrou-se com Reinaldo Teles e convenceu-o a falar com o presidente.

- Reinaldo, temos um negócio que dá dinheiro que se farta, mas tens de ser tu a falar disso ao presidente.

Reinaldo olhou-o pensativo, mas lá acabou por se decidir.

- Não venhas com tangas p'ra mim. Diz lá que o que queres que proponha ao presidente.

- Tenho feito aí uns negócios com cocaína e nem imaginas o lucro que isso dá. - Estás maluco.

Pensas que o presidente vai numa coisa dessas?

- As coisas estão más e é necessário realizar [dinheiro. Com](#) a protecção que o futebol dá, podemos trabalhar à vontade.

Reinaldo Teles convenceu-se de que, de facto, havia alguma razão nas palavras de Luciano D'Onofrio e comprometeu-se a falar com o presidente sobre o assunto.

Pinto da Costa ouviu atentamente Reinaldo e mandou-o avançar com a ideia, mas ele queria ficar de fora.

- Resolvam lá isso vocês os dois, mas deixem-me de fora para poder controlar melhor a situação.

Reinaldo Teles não era burro e ficou desconfiado. Naquele momento não disse nada mas, passados dias, voltou a falar do assuntos.

- O melhor é ficarmos os dois de fora, e eu arranjo alguém para tratar do assunto directamente com D'Onofrio.

De início, o negócio correu bastante bem, mas passados alguns meses, a polícia começou a ameaçar com algumas buscas, tendo inclusive ido esperar o autocarro do clube à portagem dos Carvalhos para o revistar de alto a baixo. Mas nunca encontrou nada, porque a rede estava bem montada e não faltavam informadores. No entanto, Pinto da Costa sentiu o perigo que essa situação podia estar a criar e, como tinha consciência de que inimigos era coisa que não lhe faltava, depois das primeiras prisões de pessoas ligadas ao grupo que actuava em paralelo com D'Onofrio, deu ordem para se terminar com o negócio da cocaína que começava a ser vendida um pouco descaradamente pelos jogadores de futebol.

Pinto da Costa não perdia tempo. Não dormia só para pensar. A «coca» garantia muitas horas de espertina, no fim de contas.

CAPITULO VI

AVENTURA NO MÉXICO

O «Jumbo» da «Lufthansa» voava a uma velocidade de cruzeiro próxima dos 900 km/h e tinha vento pela popa. Lá em baixo, a extensa pradaria do Texas anunciava já o final da viagem, algures no México, numa cidade chamada Saltillo, que seria onde a selecção iria estagiar durante três semanas para os jogos da fase final do Campeonato do Mundo.

Espreitando pela escotilha da cauda, enquanto mexia com os dedos os cubos de gelo do copo de whisky, Joaquim Oliveira sonhava com uma nova vida. Para trás queria que ficassem os meses de muito trabalho, convencendo os patrões do futebol de que seria lucrativo explorar a publicidade estática dos estádios. Tanto labutou que conseguiu convencer alguns, bem como os responsáveis pela selecção nacional.

Aliás, este até foi o seu trabalho mais fácil, pois na Federação mandavam todos e não mandava ninguém. O presidente (Silva Resende) até era uma figura com vocação eclesiástica.

No jacto, os jogadores partiam para mais uma rodada de «sueca» e o seleccionador (Torres) tentava dormir um pouco. Os jornalistas aproveitavam para pôr as leituras em dia, e meia dúzia de viajantes tentava perceber o que se passava, de facto, no interior do avião. Simplificando as coisas, era apenas mais uma equipa de futebol em viagem pelo mundo. Esta tinha a singularidade de ser a equipa portuguesa. Apenas mais uma equipa.

A chegada a Saltillo, após uma escala na capital mexicana, foi de arrepiar. Naquele mundo novo de comancheros, um exército esperava a equipa. Homens de metralhadora vigiavam o hotel da selecção, colocados em posições estratégicas, bem no centro de um inóspito planalto.

- Vai ser pior que Alcatraz!- vaticinou o «capitão» de equipa (Bento), que ainda estava longe de pensar o quanto estava iludido.

O hotel chamava-se «La Torre» e constava de uma grande torre onde se alojava a recepção e o restaurante, rodeada por duas filas de apartamentos ao estilo duplex, que foi onde ficaram os nossos jogadores e os jornalistas, cada grupo no seu bloco. O dono do hotel era um mexicano branco e gordo, que desde logo apresentou a sua ainda mais anafada esposa, ainda jovem, portanto, «com hipóteses de ser comestível lá para o fim da segunda semana», como logo alguém referiu.

Faltavam mais de três semanas para o início da competição. Havia que iniciar a adaptação à altitude das cidades onde os jogos iam decorrer. No fim da pradaria, junto à encosta de um monte, um complexo desportivo novinho em folha estava à disposição da equipa portuguesa. O relvado é que deixava um pouco a desejar. Enrolado num sarape, em pose para o único repórter-fotográfico da comitiva, o seleccionador mais parecia um guardador de rebanhos da pradaria do Norte do México, não fosse andar por ali um tal de Joaquim Oliveira a comandar um grupo de trabalhadores locais. De martelo em punho, ele dava o exemplo, pregando os primeiros painéis à volta do campo de treinos e berrando constantemente com os seus contratados, todos eles muito próximo da indignância.

- Foda-se para os Mexicanos. Parecem alentejanos!

Os dias passaram depressa, primeiro. Havia que mostrar trabalho, uma equipa de futebol só tem 11 lugares. Mas logo o tédio foi tomando de assalto os jogadores. E foi assim que estes se lembraram que continuavam por negociar os prémios de participação e as respectivas participações nas receitas publicitárias angariadas. Como o presidente continuava em Lisboa, falaram com o vice e com o treinador. Mas a resposta tardou, os dias começaram a passar mais devagar e um dia a revolta aconteceu. Ou melhor, uma noite. Depois do jantar - mais uma vez servido pelo diligente Evaristo, cozinheiro famoso que tinha vindo de Portugal com a equipa -, os craques fecharam-se na sala do restaurante e decidiram...fazer greve. O 25 de Abril já tinha sido á 11 anos, o

País vivia ainda os resquícios de PREC, mas, curiosamente, não aceitou muito bem a decisão dos jogadores, anunciada no dia seguinte, na penthouse do hotel, tendo como fundo a imensa paisagem da pradaria mexicana e a pequena cidade de Saltillo. Os telexes crepitaram, os telefones ficaram impedidos, mas a notícia chegou depressa à nação - os craques queriam dinheiro, caso contrário...

Joaquim Oliveira pensou que estava tudo perdido.

- Logo agora, que acabei de colocar o último painel! - desabafava para o seu irmão António, que também se tinha integrado na comitiva. Este, conhecedor de muitas marés e das manhas dos craques, desvalorizou a questão.

- Calma, Joaquim, isto ainda vai ao sítio - e dito isto reparou numa miúda que saía de um jeep.

- Esta, garanto-vos que nem vai entrar aqui! - disse para um jornalista. Dito e feito. António trocou duas palavras com a miúda à entrada do hotel e seguiu com ela para o quarto.

- Este é craque em tudo - comentou o «mascote» da selecção, um velhinho fotógrafo de Albergaria que todos tratavam por «Admirável». Aliás, «Admirável» viria a revelar-se como uma peça fundamental nas negociações dos jogadores com os responsáveis da selecção, montando também guarda quando os craques se fechavam nos seus muitos plenários.

Estava Portugal inteiro suspenso do desfecho desta novela quando o presidente da Federação finalmente chegou. Mas a primeira coisa que fez foi ir à missa, o que deixou alguns jogadores desconfiados, pois pensaram que estava tudo descoberto e que o homem fora pedir perdão pelos muitos pecados cometidos no hotel «La Torre» desde que ali tinham chegado os portugueses. É que aquela história da segurança era tudo balela. Os próprios seguranças eram os primeiros a promover uma certa libertinagem, oferecendo todo o tipo de chicas pela módica quantia de dez dólares. Mas não eram muito bons a organizar, pois não raras vezes as chicas iam bater à porta dos jornalistas, e deles chegaram a aproveitar as ofertas...

No Hotel «La Torre», como se comentava mais tarde, «até as carochinhas e os esquilos marchavam». Após duas semanas de estágio, o pessoal feminino da limpeza já conhecia, por exemplo, todas as pregas da barriga do Evaristo, que um dia de tão entusiasmado, até se esqueceu de queimar o leite creme, o que ia originando outra revolta. As miúdas apareciam de todos os lados e convites não faltavam. Por exemplo, numa das noites de folga, alguns dos craques puderam mesmo viajar alguns quilómetros até a um rancho, onde se realizou um barbecue que ficou conhecido apenas pela antepenúltima e penúltima letras.

Joaquim Oliveira não via a hora de tudo aquilo se resolver, mas o seu desespero ainda estava longe de ter atingido o clímax. Que aconteceu depois da célebre noite em que o presidente da Federação brindou um grupo de jornalistas portugueses e brasileiros com uma sessão de anedotas picantes. Curiosamente, no dia seguinte estava praticamente tudo resolvido e para quase todos, menos para Joaquim Oliveira. Nessa noite, um pé-devento passou pelo campo de treinos e varreu os painéis publicitários ali colocados com tanto suor e empenho.

- Que mais me irá acontecer? - chorava Joaquim Oliveira, longe de imaginar que aquela tempestade era o início de uma carreira fulminante de empresário desportivo.

Depois da tempestade, veio a bonança. Também podia ter vindo o Bonanza, que a paisagem era a ideal e não faltavam ali pistoleiros. Os jogadores acalmaram-se com a proximidade da competição, e um jornalista do «Libération», de rabinho de cavalo e caneta em punho, ficou profundamente desolado quando encontrou a equipa portuguesa a trabalhar no duro, embora sem resistir a umas tantas, e inevitáveis, escapadelas nocturnas. O defeso esquerdo, entretanto, apaixonou-se pela mulher do dono do hotel, sendo visto a namorar num banco de jardim ao lado da piscina. Entre os jornalistas, a rebeldia era também geral, com uns a tomarem o partido dos dirigentes e outros o partido dos jogadores. Até se dizia que tinha sido um jornalista o redactor dos comunicados dos jogadores, para uns claramente decalcados das folhas de combate do PCP. Esta controvérsia iria gerar, mais tarde, alguns desaguisados. E o Joaquim? A vida melhorava para o Joaquim.

Acalmados os ventos e caladas as iras, finalmente a sua publicidade era vista em Portugal. O Joaquim podia, enfim, ir à discoteca do outro lado da rua. Talvez o seu irmão lhe apresentasse uma miúda.

Miúdas...

Para um jogador muito especial, elas eram quase tudo. Futre, vedeta em ascensão, gostava muito delas mas também queria um lugar na equipa, fazendo tudo para o conseguir, ao ponto de em plena recepção do hotel levar o seleccionador ao desespero.

- Tenho de jogar, e ponto final - dizia do alto dos seus 19 anos. Como se não obtivesse certeza do facto, dedicava-se a outras actividades, ficando célebre uma longa espera da equipa.

- Onde andará o Futre? - perguntavam, até que alguém topou a sua cabeleira. Nas traseiras de uma pick-up de portas abertas, Futre era surpreendido na fase terminal da jogada ofensiva a que todos chamavam «chupa-chupa». A miúda não gostou muito da interrupção, e o Futre voltou a amuar.

- Ou isto, ou a titularidade! - ameaçou, mas já ninguém se importou com isso, especialmente depois de ter sido confirmada a notícia de que um português ali residente tinha sido apanhado a dormir com dois cameramen brasileiros...

Chegou o dia «D». Do outro lado, os ingleses eram claramente os favoritos. Do nosso lado, já ninguém sabia o que estava a valer, pois o melhor que se tinha arranjado como aferidor da forma da selecção tinha sido uma equipa de cozinheiros e estucadores. Girou a bola e a equipa portuguesa conseguiu marcar um golo, que foi quanto bastou para a vitória. Foi a festa. Embora ainda faltassem dois jogos para o fim do apuramento, a euforia instalou-se no Hotel La Torre e no dia seguinte houve festa. Na penthouse do hotel, os movimentos revolucionários eram trocados por outro tipo de manobras ofensivas, mas estas tendo como alvo jovens entre os 16 e os 25 anos. O sobe-e-desce durou quase toda a noite, ante o olhar benevolente do seleccionador e de uns tantos jornalistas que o acompanhavam nos copos.

O clima era de completa descontração depois de uma série de dias de tensão. A vitória sobre a Inglaterra fez esquecer tudo o que estava para trás. Mas a seguir a esta vitória veio uma derrota, com a Polónia, e tudo voltou à estaca zero. Tudo se ia decidir noutra cidade, frente a uma selecção marroquina comandada por um brasileiro, que até mandou o recado de que se Portugal quisesse empatar o jogo, era capaz de se arranjar, pois o resultado também interessava à selecção que comandava. Passado o recado, um responsável da selecção reagiu com um arrogante «nem pensar, vamos é golear os gajos».

No bar do hotel, pela noite dentro, o seleccionador falava assim com o seu adjunto: - Estou com fé...

- Na Nossa Senhora de Fátima?

- Não, pá, nos rapazes. Eles não podem perder, caso contrário são chacinados no regresso.

- Olha que não sei. No fundo, já fizeram bastante. Chegaram aqui, ganharam aos ingleses...

- ...comeram gajas em série...

- E nós?...

- Parvos fomos, pá!

No louco hotel de Guadalajara, os jogadores já se roíam de saudades das miúdas que tinham conhecido em Saltillo. Crê-se mesmo que essa seria a sua maior motivação para vencerem Marrocos, pois se tal acontecesse voltariam a jogar nas imediações de Saltillo. Mas Portugal perdeu e por muitos. Oh desgraça!...

Joaquim Oliveira voltou a amuar, o irmão nem por isso (já estava cansado de «trabalhar as miúdas»), e até o embaixador acabou molhado da cabeça aos pés quando entrou no balneário da equipa portuguesa. Um dos craques, que tinha partido a perna depois do primeiro jogo (Bento), chorava a um canto, e o presidente mantinha-se na tribuna de honra, reunindo desde logo um grupo à volta e iniciando um discurso do tipo «eu bem dizia que estes excessos revolucionários...», o que desde logo mereceu parangonas na imprensa portuguesa do dia seguinte. Os heróis voltavam à sua condição de homens, melhor, de vermes.

Por isso, o regresso a Portugal fez-se praticamente em silêncio. E as miúdas de Saltillo, inconsoláveis, fizeram rezar missas pelo menos por o envio de uma carta. Um dos jogadores disse mesmo: «Seleção, nunca mais, com esta gente». António Oliveira apreciou a atitude, recordando os tempos em que se manteve coerentemente dissidente. Ver-se-ia mais tarde que o jogador que António admirou também iria cumprir a sua promessa.

Onze anos depois, o Hotel La Torre continua no mesmo sítio. Um pouco mais degradado, é verdade, com menos água na piscina, mas a paisagem continua a ser a mesma. Só a mulher do Senhor La Torre já lá não mora, pois fugiu para Tijuana com um jogador de póquer.

CAPITULO VII

A Grande Aliança

A «operação Saltillo» tinha sido um sucesso para a Olivedesportos e mais propriamente para Joaquim Oliveira. Pinto da Costa estava atento a toda a situação e, numa altura em que queria reorganizar todos os seus negócios na área do futebol, tornava-se imperioso abarcar todas as áreas onde fosse fácil ganhar dinheiro. A Olivedesportos começou a estar no seus horizontes, mas o ódio que os parentes Oliveira lhe tinham não tornava fácil a sua aproximação. PC não podia perder tempo. Tinham estalado algumas broncas, só abafadas pelo forte poder que o clube tinha a nível regional. Foram presas pessoas por tráfico de droga cuja aproximação ao seu clube era mais que evidente. Um ex-jogador do seu clube(Mariano) foi mesmo preso à porta do estádio com uma quantidade grande de cocaína. Estabeleciam-se ligações a uma rede que estava sediada no centro do País. Os jornais começaram a falar no assunto, e alguns jornalistas tiveram emboscadas à porta de sua casa para os fazer calar, efeito que foi conseguido com muita cobertura de ordem jurídica. PC sentia-se bem apoiado, mas também sabia que não podia abusar da situação. Foram momentos de muita pressão e incerteza. Pinto da Costa funcionava um pouco como o capataz de uma grande quinta, e o excesso de confiança levou-o a acções sobre as quais acabou por perder o controlo. Os escândalos rebentavam, com alguns dos seus seguranças a exibirem armas de grande calibre. Um presidente de um clube de Lisboa(Belenenses) jurou a mesmo a pés juntos que o corpo de segurança de PC viajava com bazucas nos porta-bagagens, assunto que abriu um telejornal, deixando PC algo embaraçado. «Vá lá, que foi o telejornal do canal dois», desabafou.

Pinto da Costa e o seu filho não davam um passo sem levarem consigo pelo menos dois seguranças. Este tipo de situação não agradava à maior parte das pessoas que o rodeavam, e algumas foram-se afastando. Não queriam ser conotadas com associações de criminosos, sabendo-se que a maior parte desses seguranças eram marginais com extensos cadastros. Foi o período em que Pinto da Costa assumiu com maior influência o papel de Al Capone à portuguesa, consolidando uma organização que abrangia vários sectores.

Entretanto, Reinaldo Teles tinha feito seu assessor um jornalista sem o mínimo de escrúpulos e que fora colocado à pressão nesta área de actividade por um amigo, também ele escriba, mas com um cadastro de muitos anos de prisão, devido a actividades relacionadas com assaltos, vigarices e conto do vigário. Fora a política que o colocara num lugar de destaque, e ainda hoje não se sabe que tipo de registo criminal foi entregue no Sindicato para lhe activarem a carteira.

O certo é que o Jorge Gomes, de apelido «Chapeiro», sem saber muito bem como, deixou a sua oficina de automóveis para se dedicar ao jornalismo - e nem sequer se tratava de uma questão de talento - aparecendo a assinar umas linhas.

-Gosto muito do jornalismo, mas não sei escrever uma linha - disse o Jorge ao Proença, mas logo este lhe explicou o seu plano.

-Não tens de escrever nada. Isso depois vais aprendendo. O que interessa agora é que tu entres. A agência não tem viatura própria para se fazerem os serviços, e eu compro um carrinho em segunda mão, marco muitas viagens, trazes os recados, eu escrevo-os e ganhamos o dinheiro dos quilómetros. Já sabes que como sou eu que assino as despesas, podes meter sempre umas viagens a mais, e no fim do mês fazemos um balúrdio.

Este era o tipo de pessoa ideal para servir os desígnios de Reinaldo Teles, sempre pronto para um negócio marginal. O Jorge Chapeiro(Gomes), como era conhecido na praça, levava todos os recados de Reinaldo e PC para o seu órgão de informação e mais tarde teve direito a um lugar de destaque no clube, aberto pelo seu amigo Reinaldo, que começava a não ter rival à altura na estrutura directiva de Pinto da Costa, transformando-se rapidamente no número dois de toda a organização. Mas antes de se retirar das lides jornalísticas, Jorge Gomes foi autor de uma grande proeza que muito sensibilizou Pinto da Costa e o «Mister» Octávio: «chapou» nos jornais, através de uma série de takes difundidos pela sua agência, o exclusivo da expulsão de Fernando Gomes de um estágio que a equipa estava a realizar na Madeira, facto que determinou a saída do craque do clube. No momento certo, o Jorge divulgou a versão que interessava, e esse facto acabou por ser determinante na sua contratação

Reinaldo Teles, foi aos poucos, afastando todas as personagens ligadas ao clube que não pactuavam com o seu estilo de vida e muito menos com a força que ele tinha em toda a estrutura directiva. Para os substituir, Reinaldo levou para a sua direcção familiares e amigos, colocando-os em pontos estratégicos, ao mesmo tempo que Pinto da Costa fazia tudo para o promover e fazer esquecer que ao seu lado tinha um marginal, um elemento sem escrúpulos.

No novo modelo de organização, nada foi esquecido. Para cobrir alguns negócios ilícitos, era necessário ter sempre à mão bons advogados. Na primeira escolha, PC não foi muito feliz. Arranjou um causídico sem grande talento para a defesa, mas sem o mínimo de escrúpulos. Era pau para toda a colher desde que sobrasse algum dinheiro para ele. Tinha lata, era descarado, falava muito e dizia pouco. Mas, para organizar o seu braço jurídico, vieram mais conselheiros cuja experiência em criminologia era muito vasta. Nada era feito ao acaso.

Reinaldo Teles tratou do braço relacionado com a segurança, convidando para o efeito um seu irmão. Joaquim Pinheiro passou a gerir os capangas. Já nada funcionava como antes. Havia que se implantar uma maior segurança. Os tempos em que Pinto da Costa se reunia com os capangas à quarta-feira para ordenar quem havia de ser silenciado já tinham acabado. Assim, a casa começa a ser reconstruída e devidamente ordenada a partir das suas fundações. Já nada se fazia ao acaso e, para alimentar os lucros, a Olivedesportos tinha de passar para o seu domínio.

Pinto da Costa falou disso com Reinaldo Teles.

-Achas que vamos conseguir dar a volta aos Oliveiras e metermo-nos na Olivedesportos?

-Eles cresceram agora um pouco, mas o volume de negócios ainda é baixo. Ó presidente, ninguém consegue fugir à tentação do dinheiro. Eles sabem que o presidente tem poder. É quem manda no futebol, e se querem ganhar dinheiro, o melhor que têm a fazer é aliarem-se a nós. Eles já verificaram que os da «mata» não dão nada a ninguém e perderam todo o poder que tinham.

-Mas como é que nos vamos aproximar deles?

-Deixe isso comigo. Continuo a ser amigo dos dois. O António não está a treinar nenhum clube, vou abordá-lo sobre essa situação e apalpo terreno em relação à Olivedesportos. -É isso mesmo. Trate-me disso o mais breve possível.

Reinaldo Teles saiu todo emproado do gabinete do presidente e nessa mesma noite foi procurar o Oliveira, encontrando-o num pub no interior de um shopping da cidade. Reinaldo fez-se encontrado, falou de futebol e do êxito que a Olivedesportos tinha tido na operação do «Mundial» do México.

-Vocês mereciam melhor sorte. Precisavam de ser ajudados por gente com poder no futebol. Isso é um grande negócio se for bem gerido. O teu irmão tem jeito para esse tipo de coisas.

António, que nunca foi estúpido, olhou de soslaio Reinaldo e compreendeu logo onde ele queria chegar, mas deixou que este se aproximasse mais do assunto que o tinha levado ali. Embalado pelas palavras, Reinaldo começou a falar do negócio que PC tinha montado recentemente e dos lucros que tinha obtido.

-O homem começou a ver que as agências de viagem ganhavam um balúrdio com as deslocações das equipas ao estrangeiro e resolveu montar um negócio desses por conta dele (Cosmos). Convidou um gajo que sabe da poda e aquilo é uma mina. O tipo que ele convidou era um dos dealers da maior agência da cidade e ficou famoso por vender viagens a Fátima à saída da missa das nove. Agora, quem quiser ir no avião com os jogadores e ficar no mesmo hotel, paga o dobro. Já viste quanto é que isso dá?

O António mandou vir mais dois whiskys, puxou de um cigarro, ofereceu outro a Reinaldo e disse num tom desinteressado:

-Ele é que estava bom para se aliar a nós na Olivedesportos.

Reinaldo quase saltou do banco alto em que estava sentado, mas não denunciou a sua alegria e, alinhando no jogo de palavras, respondeu:

-Bem... se quiseres, eu posso falar ao homem.

-Deixa-te de merdas, paga lá estes copos e marca encontro comigo e com ele.

Reinaldo desatou a rir, mas não perdeu a postura nem deu a entender que se tinha encontrado com António precisamente com aquela intenção.

-És sempre a mesma merda. Ainda estou para ver quando és tu a pagar um copo. Deves ser judeu.

No dia seguinte, Reinaldo contactou com António (Oliveira) e marcou encontro entre ele e Pinto da Costa num hotel da cidade. Eram cinco da tarde quando se reuniram. Pinto da Costa ia acompanhado de Reinaldo Teles, e António já lá estava sentado num maple, na companhia de um copo.

PC nem sequer deu a entender que algum dia estivessem zangados. Começou a conversar com António como se tivessem recuado ao tempo em que ele era apenas chefe de departamento de futebol e o António jogador. Tudo o que se tinha passado depois, simplesmente não existia.

Pinto da Costa foi o primeiro a falar:

-Está sem clube neste momento?

-Estou, mas também não estou preocupado com isso.

-Compreendo. A vossa empresa está a dar os primeiros passos, e pelos vistos está a ir bem.

Estava estabelecido o diálogo entre ambos, e Reinaldo Teles despediu-se, argumentando como desculpa que tinha umas coisas a tratar.

Pinto da Costa sentou-se no maple ao lado de António e começaram a discutir o assunto que os tinha juntado novamente.

-O seu irmão parece que tem lá uma rapariga a trabalhar que é um espectáculo em publicidade. Teve sorte porque não há muita gente qualificada nesse sector.

-De facto, a Adélia é uma profissional impecável.

Discutiram depois alguns projectos em relação à empresa, mas não avançaram muito, porque ainda havia um problema chamado Joaquim Oliveira.

O irmão do António tinha um ódio visceral a Pinto da Costa e estava longe de saber daquele encontro. No entanto, PC nunca escondeu o jogo. Mostrou-se logo interessado em participar na actividade da empresa, mas de uma forma discreta.

-O meu trabalho nunca poderá ser directo. A minha influência em todo o negócio será feita nos bastidores e vocês só têm de seguir à risca as minhas instruções e vão ver que não se vão dar arrepender.

-Nós estamos abertos a uma negociação e vamos avançar com esse projecto, mas o meu irmão tem de ter uma parte muito activa em toda a organização.

-Com isso não há problema. Marque um encontro, e nós resolvemos tudo.

No dia seguinte, António telefonou para Lisboa e falou com o irmão. Marcou um encontro no Porto no mesmo hotel e à mesma hora mas não lhe falou na conversa que tinha tido com Pinto da Costa e muito menos que já se tinha encontrado com ele.

António confessou mesmo a um amigo:

-Se dissesse ao meu irmão que nos íamos encontrar com Pinto da Costa, tenho a certeza que ele não aparecia. O melhor é não lhe dizer nada e esperar pela sua reacção. À hora marcada, lá estavam, no mesmo hotel. Pinto da Costa e António Oliveira. O Joaquim entrou acompanhado da Adélia, olhou para o bar e viu logo o seu irmão, mas PC estava de costas e, quando se apercebeu da situação, ficou lívido de raiva, mas soube aguentar o choque. Para o seu irmão estar acompanhado de tal personagem, devia estar a acontecer algo de muito importante.

Defendendo-se, cumprimentou o irmão e esperou pelo que vinha a seguir. Pinto da Costa levantou-se, cumprimentou-o e, a medo, Joaquim Oliveira lançou também a sua mão para a frente.

Tentado quebrar o gelo, António disse:

-Vamos sentar-nos.

Adélia não sabia bem o que fazer, e Joaquim Oliveira deu-lhe instruções para fazer uns telefonemas e retirar-se do local.

Ninguém sabia bem como começar a conversa, e foi novamente Pinto da Costa quem deu o toque de partida.

-Então, como é que se tem dado lá pela capital?

-Mais ou menos - respondeu Joaquim Oliveira, ainda receoso.

António não era homem para perder muito tempo com conversa fiada e foi logo directo ao assunto.

-Estive ontem reunido com o Senhor Pinto da Costa, e ele quer aliar-se a nós para ajudar a fazer crescer a Olivedesportos.

Joaquim Oliveira ficou mais descansado, deixou aliviar a pressão a que tinha estado submetido, e iniciou-se o meeting negocial. No final de mais de duas horas de conversa, foram jantar, desta vez já na companhia de Adélia.

No dia seguinte, estava mais um negócio em marcha. Era a fuga para a frente nos negócios do futebol, que poderia vir a salvar os milhares perdidos noutros projectos. Pinto da Costa tinha-se convencido completamente que o ramo em que melhor mexia era o futebol e não se podia distrair porque a sua posição já tinha atingido um grau tão elevado que não dava para voltar a vender fogões. Mais do que isso. Não podia perder poder, porque os inimigos já eram tantos que, no momento em que deixasse de ser presidente do clube, o mais certo era ser preso.

Para além da publicidade nos estádios, a Olivedesportos tinha de se dedicar às transmissões directas dos jogos pela televisão. Este era o grande trunfo de Pinto da Costa e que foi muito bem acolhido por Joaquim Oliveira. Os clubes de futebol tinham-se unido através de uma Liga, e Pinto da Costa movia-se como ninguém nesse sector, apesar de não ter lá qualquer cargo directivo. Através dos seus jogos de bastidores, jogando com várias situações, conseguiu arranjar o primeiro negócio para a Olivedesportos.

Sob as suas ordens, Joaquim Oliveira encontrou-se com personagens ligadas à televisão e com grande poder no sector. Pinto da Costa tinha-lhe garantido que a melhor situação para se atingir qualquer objectivo é o dinheiro.

-Toda a gente gosta e quase ninguém resiste. Só tem de se saber como é que se vai lançar o anzol.

Joaquim Oliveira nunca deixou o gosto pela noite. As grandes discotecas de Lisboa e os melhores pubs foram sempre locais que não deixou de frequentar. Através de conhecidos, surgiram algumas amigas de apurado físico que serviram de isco para as personagens ligadas à televisão. Cresceram as amizades, e as portas acabaram por ser abertas.

De facto, Pinto da Costa tinha razão: era tudo uma questão de dinheiro. Joaquim Oliveira, com uns poucos milhares de contos, conseguiu fazer com que a televisão não interferisse directamente no negócio das transmissões directas. A Olivedesportos não tinha nada a ver com televisão nem meios para fazer qualquer transmissão, mas a televisão tinha de negociar com eles se queria transmitir os jogos.

Claro que esta situação fez correr muita tinta, e Pinto da Costa voltou a sair um pouco chamuscado, percebendo-se que ele estava indirectamente ligado ao negócio. Mas voltou a sair por cima da situação.

Para garantir a sua participação nos lucros da empresa, um dos vices da sua confiança foi feito sócio, mas acabou por abandonar essa ideia, até porque os seus projectos iam para além do primeiro negócio efectuado. Os «Oliveiras» passaram a fazer parte da sua gente de confiança, muito embora o ex-jogador e treinador se mantivesse sempre afastado de qualquer contacto ou tipo de negócio. Era inteligente de mais para se deixar envolver por situações menos claras. A sua participação surgia somente na distribuição dos lucros.

Para afastar qualquer tipo de desconfiança, Pinto da Costa colocou logo em prática outro projecto. A sua participação na agência de viagens estava a ficar um pouco comprometida. Ele não podia surgir de forma alguma como um dos interessados no negócio e tudo passou a ser gerido através de uma holding encabeçada por Joaquim Oliveira.

O futebol começava enfim a dar os seus lucros. Mas era necessário criar um sector de poder onde se pudesse promover a imagem das pessoas ligadas a todos estes negócios e que por razões conhecidas saíssem chamuscadas. Um jornal desportivo ou uma rádio local era o ideal. A ideia começou a avançar, mas a rádio local não deu resultado. O poder de comunicação tinha de ser nacional.

Ao longo dos tempos, Pinto da Costa foi semeando a sua força na comunicação social, promovendo jornalistas ao mesmo tempo que os colocava em posições chave no interior dos jornais desportivos. Sem grande esforço, conseguiu criar o seu clã. Arranjava bons empregos, com a condição de ditar o silêncio quando melhor lhe convinha.

Os escândalos rebentavam, mas tinham sempre uma dimensão muito restrita. Nem era necessário pedir censura. Os próprios jornalistas tinham a consciência de que no clube de Pinto da Costa não se podia tocar e quem não respeitasse essas regras recebia um primeiro aviso dos capangas e eram-lhe fechadas todas as portas de acesso à informação. PC conseguiu, assim, implantar a lei do medo. Uma ditadura capaz de fazer inveja a um Salazar ou a um Pinochet, indo mesmo ao ponto de «sugerir» às direcções de alguns jornais, quais os jornalistas que gostaria de ver a tratar dos assuntos do seu clube. Para ajudar, os jornais desportivos entravam também numa

guerra declarada pelas audiências, o que permitiu a PC jogar sempre com o chamado pau de dois bicos, ora fazendo de conta que favorecia este, ora mudando a sua simpatia para o outro. Os directores dos jornais sabiam bem como gerir a situação.

CAPITULO VIII O OVO DE COLOMBO

Na Ribeira do Porto, dois homens estão frente a frente, tendo como intermediário um copo quase a transbordar de vodka. Um deles foi o craque do clube da cidade (Fernando Gomes). O outro é um jornalista desportivo. Ambos recordam os bons velhos tempos, quando Pinto da Costa era apenas um elemento de uma equipa que então ganhava sem precisar de recorrer a meios ilícitos e sem possibilitar o ganho de milhares de contos a marginais e arrivistas.

O jogador começou a conversa:

- Este mundo é mesmo ingrato.

- A quem o dizes - suspirou o jornalista.

- Parece que estão todos contra mim. Até o teu colega Tavares Teles me vigarizou em mil contos. Disse que ia escrever o livro da minha vida, pediu o adiantamento e o livro foi um ar que se lhe deu...

- Que é que se há-de fazer? Este mundo do futebol é mesmo assim. Também não te despediram do clube sob o argumento de que tinhas faltado ao jantar?

- Essa é que foi... Deus do céu, só de pensar o quanto eu gosto daquele clube! Mas esse moço de recados, o Octávio, vai ter um bonito funeral.

- Não acredites nisso - retorquiu o jornalista, baixando o tom, pois acabara de entrar no bar um elemento que não conseguiu identificar. - o tipo sabe enganá-los com falinhas mansas. Sabes que com todo o dinheiro que tem ainda está a dever mil paus ao director do meu jornal, uma coisa dos tempos de Coimbra?

- Vou sair do futebol - anunciou o craque, após uma longa pausa. - Este mundo não vale a pena: só os vigaristas, os bruxos e os indigentes é que têm futuro. E não vale a pena metê-los todos num convento, um a um, pois rapidamente iriam acabar por convencer os próprios santos. Bah!, que se lixem esses gajos...

- Tem fé, amigo, pois vão acabar por cair de podres.

Mas Fernando Gomes, o craque, não estava num dia positivo. Fechou os olhos e por momentos recordou os golos que marcou, viu-se de braços no ar, os cabelos molhados, correndo para os adeptos, subindo a rede, abraçando o presidente e pensando que o mundo se resumia ao estádio.

- Lembras-te quando disseste que a sensação de marcar um golo era superior à de um orgasmo? - perguntou o jornalista, quebrando um silêncio apenas embalado por uma música do Rui Veloso que se ouvia em fundo.

Fernando Gomes desfiou as suas mágoas, num lamento-monólogo que foi subindo de tom:

- Já sei que não sou um génio; nem acabei o curso dos liceus, mas não sou como aquela besta do «capitão» (João Pinto), que ia para os estágios sempre com o mesmo livro, continuando a ler no local que nós íamos marcando, ora mais adiante ora mais para trás. Mas corri um pouco o mundo, leio os jornais e não me dou com a ralé. Até dizem que tenho voz radiofónica e quem sabe se não poderei ser um dia um grande comentador desportivo. Ah, mas o meu sonho, o meu grande sonho, é ser presidente do clube, isso sim, isso iria encher-me as medidas! Eu sei, eu sei, não digas nada, já sei que só depois de o homem morrer é que terei algumas hipóteses. Mas ele não vai morrer tão cedo. Não sei como, mas consegui a protecção da Nossa Senhora de Fátima. Sim, da Nossa Senhora de Fátima. O cabrão! Só a mim é que ela não aparece...

Fernando estava inconsolável:

- Não lhe vou perdoar nunca o facto de me ter obrigado a acabar a carreira noutro clube, logo eu, o símbolo daquele emblema, a sua imagem de marca, o primeiro a darlhe algum dinheirinho para o bolso e o favorito do Pedroto.

Aqui Fernando teve uma ideia:

- Ouve lá, e se eu lançasse uma campanha para dar o nome de Pedroto ao nosso estádio? A ideia nasceu ali, naquele momento, mas no mesmo dia, PC teve dela conhecimento. - Vão ter que esperar sentados! - rugiu, sem conseguir esconder que lhe estavam a tentar cravar um espinho na pata.

A ideia nasceu, foi regada e germinou. Numa noite de Inverno, foi mesmo debatida e aplaudida num colóquio que se realizou nos arredores da cidade do Porto. Os jornais fizeram eco do acontecimento, mas nenhum jornalista ousou perguntar a PC o que pensava da ideia. PC evitou sempre a pergunta, na certeza de que o assunto acabaria por ficar esquecido.

- O Pedroto já lá tem uma lápide, não precisa de mais homenagens e, c'um raio, se ele merece o nome no estádio, o que é que eu não mereço? - Interrogou PC os botões do seu novo fato príncipe-de-Gales.

Hernâni Gonçalves foi um jogador muito discreto. O melhor que conseguia era de quando em quando, partir a perna ao melhor jogador da equipa contrária. Para compensar a falta de talento, tomava mais duas pastilhas que as aconselháveis e injectava-se por conta própria, ao ponto de um dia, o médico do clube o ter aconselhado a parar, pelo menos, durante 24 horas com aquilo, sob o risco de bater a bota. Hernâni Gonçalves era tão ambicioso como tosco. É certo que acabou a carreira aos 30 anos e com a calvície a pronunciar-se, mas terminou-a em beleza: com uma boa conta bancária e um chorudo cheque por ter derrubado um adversário na área de rigor, proporcionando um penalti que salvou a equipa contrária de descida de divisão. O lance não causou qualquer tipo de suspeitas, pois o Hernâni Gonçalves era mesma assim - às vezes acertava, outras não.

Mas a história de Hernâni Gonçalves pouca relevância teria na história da vida de Pinto da Costa, se o primeiro não acabasse por se tornar um grande amigo do segundo, depois de ser apresentado por António Oliveira. Rapidamente se gerou ali alguma cumplicidade, não faltando a adorná-la o habitual naipe de mulheres da vida, desde a classe de iniciadas até às sêniore em fim de carreira. Para ajudar, o País vivia um ascensão económica que tinha os dias mais ou menos contados, mas que iria ser boa enquanto durasse.

Com o Hernâni Gonçalves a controlar as miúdas e o António Oliveira a dar a tática, PC tinha a vida nocturna que queria, mas, ao contrário de Reinaldo, continuava muito agarrado ao dinheiro, não o arriscando na roleta. Esta última acabou por se revelar a desgraça de Reinaldo, que aí foi deixando largas centenas de contos, proporcionando também a um conhecido jornalista algumas jogadas de risco, em especial quando a equipa se deslocava à Madeira. Sempre adiantado dois passos em relação aos restantes, António Oliveira foi-se afastando do grupo, mas nunca se desligou. Hernâni Gonçalves, entretanto, leu dois livros policiais e começou a falar como um doutor, deixando de ser adjunto do António - então um treinador de mediano sucesso - para se tornar técnico principal. O conhecimento que tinha da arte das pastilhas acabou por se aliar a um feeling muito especial e, rapidamente, enquanto ia esvaziando o stock de uma farmácia próxima de Paredes, conheceu o sucesso.

- O futebol é um espanto. Ainda ontem estava a queimar o couro no pelados e hoje eis-me a fumar um charuto e a dar bitaites para os jornais! - dizia Hernâni Gonçalves para a mulher, enquanto apreciava as miúdas que se passeavam no areal de Cancun, onde uma conhecida apresentadora de televisão fazia discretamente amor com dois jovens craques que nesse ano tinham surgido na ribalta.

- Chegou a hora de começar a apanhar peixe graúdo, pois estou farto de andar aos figos! - desabafou, longe de saber que nesse momento, PC tinha engendrado mais um plano diabólico. O plano era simples e partia do seguinte pressuposto: no futebol, nem só os jogadores são a mercadoria; há que contar também com o treinador.

- E os treinadores, Reinaldo, é que marcam golos ou os permitem! - referiu PC, merecendo o assentimento de Reinaldo.

- Vai ser canja - continuou o presidente. - Fulano precisa de clube, e nós arranjamos esse clube, a quem damos a garantia de que, com aquele treinador, é que a equipa não desce; não sendo preciso dizer mais nada, eles ficam logo a saber que nós seremos os anjos-da-guarda.

- E o que é que nós vamos ganhar com isso, presidente?

- Tudo. Começamos por ganhar nos treinadores, que nos vendem a alma para o que for preciso. Depois, ganhamos com os clubes que os contratam, que também nos ficam a dever favores. Mas não é tudo. Para além de eventuais comissões que virão directamente para os nossos bolsos, os bons jogadores que aparecerem nesses clubes ficam garantidos para o nosso lado e aqueles que forem excedentários do nosso plantel podem ir asilar para esses clubes, o que nos desobriga logo de lhes pagar os ordenados. Isto é o ovo de Colombo.

- De quem?

- De Colombo, do tipo que descobriu a América. Não julgues que também ele não enganou os Espanhóis. No fundo, era de Génova. O Cristovão...

- Quem? O da televisão?

- Não, burro, o Cristovão Colombo, e repara que até ele se enganou, pois pensava que estava a descobrir o caminho para Índia quando descobriu a América. Foi o que me disse a Nancy, a nova, aquela que trabalhava num videoclube...

- E que tal?

- Para o Colombo não correu mal...

- Não presidente, que tal a Nancy?

- Ah, a Nancy!...boa, sabe aquelas coisas dos filmes...

- ...o beijo pressionado?!

- Qual beijo pressionado, qual quê! Aquelas coisas mais complicadas. Mas não desconversemos. Quero que fique assente que a partir de hoje temos de formar um lobbie...

- Ó chefe, mas isso compra-se com dólares ou com pesetas!...

- Calado - prosseguiu, já algo irritado, Pinto da Costa. - Vai ser assim: andam por aí uns rapazes com talento, alguns até foram nossos jogadores, mas os clubes são mais que muitos e as melhores oportunidades normalmente são dadas aos treinadores estrangeiros. Vamos acabar com isso. A nossa garantia vai abrir os olhos aos clubes, que passarão a perguntar-nos que treinador é que podem contratar. Nós é que o escolhemos, percebes? Mas o rapaz que for escolhido já sabe que nos deve não um, mas muitos favores, entendes? Para além de passarmos a controlar o que já sabes, ficamos também com a certeza de que eles farão tudo para derrotar os nossos adversários directos, enquanto que nos jogos com a nossa equipa!... percebeste agora?

- Mas, ó presidente, isso é genial!

- Claro...

O plano foi posto em marcha logo nessa temporada, tendo como cabeça de fila o Hernâni Gonçalves, também conhecido por «Fixe». Os clubes da região caíram nas palminhas de PC, só um deles desceu por manifesto azar, e os adversários directos, por norma, tramaram-se nas deslocações aos terrenos das equipas controladas. Como se tal não bastasse, PC foi pedindo alguns adiantamentos ao longo da época aos presidentes mais abonados, que ficavam satisfeitos só pelo facto de surgirem ao lado de PC ante as câmaras dos repórteres-fotográficos. Um deles, o Manuel Lopes Rodrigues, até se deu ao luxo de reunir na sua quinta os mais ricos empresários da região, com estes, a troco de um galhardete autografado, a entregarem nas mãos de PC uma generosa quantia «para ajudar o clube mais representativo da região».

Na altura, alguns jornalistas ainda tentaram investigar uma história que podia ser o fio da meada ou o fim da picada. Era a história de um jogador belga (Cadorin) que, nos minutos finais de um jogo no estádio do clube grande, entrou em campo, ao que se supõe, apenas para, na sua área, provocar uma grande penalidade, jogando a bola com a mão e dando assim a possibilidade à equipa da casa de vencer o jogo e não se atrapalhar na corrida para o título. O jogador desapareceu de circulação, e a última vez que foi visto foi a fazer compras em Roterdão, supondo-se que hoje vive desafogadamente numa quinta dos arredores de Liège, onde todos os anos, pelo Natal, recebe um peru com uma mensagem de PC.

E o Hernâni Gonçalves? De subida em subida, foi até onde pôde. Depois, claro, já não podia subir mais. PC tinha encontrado um livro num caixote cujo autor era um tal doutor Peter, defensor dos princípios de competência.

- Reinaldo, isto é assim: tu só és competente até determinado nível; se o ultrapassares, passar a ser um incompetente, percebes?

Reinaldo mais uma vez não percebeu bem, pois, como ele mesmo dizia, tinha uma cabeça que trabalhava a «carvão».

- O Hernâni Gonçalves é bom nestas coisas. Quanto muito, posso arranjar maneira de o pôr a treinar a selecção de sub-12, se é que isso o realiza. Mais é que não. Fica onde está e caladinho, e isto é se quer continuar a passar férias a Cancun.

O Hernâni Gonçalves concordou, apenas com um pedido. No final da próxima época, preferia ir de férias para as Seychelles!

CAPITULO IX

O Negócio Florescente

Pinto da Costa tinha a consciência de que era ele quem mandava no futebol. Aos poucos, apoderou-se dos centros de decisão mais importantes, oferecendo lugares a pessoas da sua inteira confiança cuja personalidade era marcada pela ausência de escrúpulos, dignidade e vergonha, transformando-as em autênticas marionetas.

A Olivedesportos e a agência de viagens(Cosmos) sobrefacturavam tudo o que estava ligado ao futebol, e ninguém se queixava. Os contratos federativos eram assinados sem que a concorrência fosse levada em linha de conta, e como Pinto da Costa falira todas as suas empresas, queimando milhares de contos ganhos à custa do seu clube, tinha de apostar forte nesta sua nova estrutura financeira. Mas os inimigos que fora deixando atrás de si, principalmente aqueles que discordavam da forma pouco honesta como ele geria esta situação, procuravam todas as provas com o sentido de o desmascarar. Devido às imensas vigarices que fez, Pinto da Costa estava impedido de passar cheques e constituir qualquer empresa, mas rodeou-se de gente da sua inteira confiança para lhe dar cobertura para os seus negócios e não deixar rastros para qualquer acusação.

Já tinha organizado o seu braço armado, cuja chefia do sector entregou ao irmão de Reinaldo Teles. O medo silenciava os que tinham vontade de falar. Constituiu depois o braço jurídico, rodeando-se de advogados de poucos escrúpulos, mas peritos em matéria de crime, que lhe davam todos os conselhos necessários à gestão da situação, bem como as fórmulas para camuflar todas as provas capazes de pôr a nu os processos marginais utilizados para a soma dos dividendos. A cobertura política fechava o círculo.

Pinto da Costa achava-se cada vez mais forte e impenetrável. A sua vaidade levou-o mesmo a pensar que, pelo menos, no Norte, ninguém tinha mais poder do que ele, e o certo é que, mesmo sabendo-se dos negócios ilícitos e ligações a pessoas como Reinaldo Teles, numa sociedade discriminatória e preconceituosa, toda a gente vergava a espinha na tentativa de poder servir o dono do futebol.

O facto de Reinaldo Teles ser o seu homem de confiança e de estar fortemente envolvido em tráfico de carne branca, com a importação maciça de prostitutas brasileiras para o seu bar e para outros, enquanto alguns dos seus familiares surgiam envolvidos em negócios de droga, não tinha o mínimo peso no conceito das grandes famílias. Reinaldo Teles ganhou peso e prestígio, e mesmo a sua mulher, Luísa, apesar de se conhecer a sua responsabilidade na gestão do putedo do seu bar, era acolhida no seio do clube e na sociedade nortenha como uma grande dama, merecendo, inclusive, por parte das mulheres de outros vices do clube, com muito maior peso moral e sem passado na Rua Santos Pousada, um acolhimento fora do vulgar. Esta empatia, dizia-se, ficava a dever-se a algumas festas livres organizadas por Luísa nos quartos de hotéis durante as viagens do clube ao estrangeiro. Luísa já há muito que tinha perdido o gosto pelos homens. E as mulheres começaram a ser a sua grande paixão.

Reinaldo Teles não parava de subir na estrutura do clube e na consideração de PC. O jovem que muitos anos antes tinha vindo servir na tasca do tio, estava em verdadeira ascensão. Já ninguém o conseguia parar. O trabalho que desenvolvera durante cerca de três anos a levar prendas aos árbitros e familiares em dias de aniversário fizera com que angariasse grandes amizades no sector, que se foram prolongando em visitas ao seu bar.

Reinaldo Teles sabia como gerir essa situação:

-Presidente, há duas coisas a que os homens não resistem: mulheres e dinheiro.

-Eu que o diga. Só de me lembrar que andei 40 anos in vitro, até me dá agonia. Foste tu que me deste a conhecer a vida e que me ensinaste a tirar partido dela.

-Reinaldo Teles tinha em mente um plano que antevia ser bastante rentável e discutiu-o com o presidente.

-A maior parte dos árbitros está na minha mão. Tenho-lhes arranjado umas gajas, e no meu bar nenhum deles paga copos. Penso que chegou a altura de rentabilizar esse meu investimento, e podemos dividir os lucros.

Pinto da Costa ouviu com atenção o plano de Reinaldo, mas não respondeu logo. Levantou-se da sua secretária, dirigiu-se a um gabinete ao lado, tropeçou no fio do telefone e quando voltou disse com uma calma impressionante:

-Esse assunto é muito delicado e perigoso. Eu não posso aparecer nem sequer ser suspeito. Não quero o mínimo de contactos com qualquer árbitro. Trata tu dessa situação e vais-me informando de como tudo se está a passar. Ah!... Não te esqueças dos lucros.

-Não se preocupe presidente. Vou tratar das coisas à minha maneira.

negócio do bar de Reinaldo Teles estava em completa ascensão. As mulheres contratadas eram seleccionadas entre as melhores e quem fosse amigo do patrão não tinha de pagar tanto champanhe para poder usufruir de uma boa companhia. Alguns dirigentes de futebol tornaram-se clientes assíduos do bar de Reinaldo e começaram a reparar nos estreitos laços de amizade que existiam entre os árbitros e Reinaldo.

la começar mais uma sessão de strip-tease, quando o empregado colocou uma garrafa ainda intacta de whisky velho sobre uma mesa. Encheu dois copos, perguntou aos clientes se queriam muito gelo, e um deles, acenando com a cabeça, pediu coca-cola para misturar. Quando o empregado se preparava para rodar sobre os calcanhares, o outro pediu: -Diga por favor ao Reinaldo Teles se pode vir aqui à mesa tomar um whisky comigo. -Dou já o recado ao patrão - disse o empregado, enquanto se dirigia para o balcão. Reinaldo olhou por cima das mesas para verificar quem o tinha convidado, e viu que se tratava do presidente e o chefe de departamento de futebol de um clube nortenho. Largou um sorriso disfarçado e fez sinal de que ia já lá ter.

Começou o strip-tease e, na parte final, o presidente do tal clube já tinha esquecido o futebol, concentrando-se noutras jogadas.

-Mas que ricas mamas a gaja tem!

-Quando o Reinaldo vier cá, vamos mandá-la vir para a nossa mesa.

Vinte minutos depois, Reinaldo Teles sentava-se na mesa dos dois elementos que o tinham convidado, e o tal presidente, sem esquecer as mamas da striper, perguntou de imediato:

-A gaja não pode vir para a nossa mesa?

-Quem? A striper?

-Essa mesmo.

-Deixe-se disso. Tenho aqui coisa muito melhor, e de qualquer forma não é possível chamá-la porque ela tem outro espectáculo no «Pérola Negra» e já se foi embora.

Reinaldo Teles olhou para trás, fez um gesto ao seu empregado para se aproximar, falando-lhe no ouvido. Dois minutos depois estavam a sentar-se na mesa duas belas raparigas. -Diga se isto não é muito melhor.

Os dois comparsas olharam-se de frente e concordaram em surdina. Veio champanhe para a mesa, e as carícias das mulheres fizeram esquecer por completo o que tinha motivado os dois elementos a chamarem Reinaldo.

Discretamente, Reinaldo saiu da mesa e foi juntar-se a outros clientes.

No dia seguinte, os mesmos indivíduos lá estavam a marcar presença:

-Desta vez temos mesmo de falar com o homem, por causa do árbitro de domingo - disse o presidente, afundando os dedos nas coxas de uma rapariga.

chefe de departamento de futebol, enquanto concordava com a ideia, lançava um sorriso à miúda do dia anterior.

Não esteja com essas merdas. Hoje vamos falar de coisas sérias.

empregado trouxe a garrafa com o whisky que sobrara do dia anterior e levou o mesmo recado ao patrão.

Reinaldo Teles sentou-se novamente na mesa dos clientes do dia anterior e não deixou de perguntar:

-Então, gostaram do material de ontem?

-Gostamos, mas hoje queremos outra coisa...

-Isso arranja-se. Há ainda coisa melhor.

-Não é disso que estamos a falar.

-Ai não? Então de que é?

-Você é amigo de tantos árbitros e nós no domingo precisamos de ganhar. Podia falar com o António Batista... e é só dizer quanto quer.

Reinaldo não respondeu logo, mas passados uns segundos levou aos lábios o copo que trazia na mão e acabou por dizer:

-Amanhã falo com ele, sem falta. Deixe isso comigo.

-Quanto é que temos de dar?

-Depois combina-se isso.

No dia seguinte, Reinaldo estava a telefonar para o emprego do árbitro.

-Ó pá, no domingo vais apitar um jogo dum gajo muito meu amigo. Não quero pedir favor nenhum, mas pelo menos não o prejudiques.

-Ele pode ficar descansado, e se for necessário, até se dá uma ajudazinha. Sem escândalos, para não haver merdas.

-Isso é o ideal. Porta-te bem, que vais receber uma boa prenda.

-Fica à vontade, que eu trato do resto.

Radiante com a situação, Reinaldo viu logo que aquilo era um negócio dos diabos. Não tinha dúvidas, eram favas contadas.

Telefonou ao presidente do tal clube e não esteve com meias medidas.

-Está tudo resolvido. Não vai ser por causa do árbitro que vocês vão perder. Ele diz que vai dar uma ajuda, mas não entra em escândalos. Os vossos jogadores que se esforcem, que caiam na área, que de resto não vai haver problema.

-E quanto é que temos de dar ao homem?

-Hoje, sem falta, venham ao meu bar e tragam 800 dele, que eu é que me encarrego de dar o bolo ao homem.

-Reinaldo, está combinado.

Nesse dia à noite lá estavam os dois com o cheque, que entregaram directamente a Reinaldo Teles. Reinaldo estava com Jorge Gomes, seu amigo de todos os dias e das grandes farras. Gomes era o homem da sua confiança e o pombo-correio das notícias que mais interessavam.

Reinaldo Teles resolveu abrir-se com o amigo.

-O Mesquita, o presidente do clube...

-Já sei quem é. Aquele que esteve um dia destes aí - atirou Jorge Gomes.

-Veio falar comigo para eu combinar com o árbitro do jogo dele de domingo. Já está tudo acertado. O homem entregou-me agora 800 contos, mas tenho um problema! No domingo jogamos fora e não vou poder estar nesse jogo. Tu é que podias ir lá e entregar o dinheiro ao árbitro no final do jogo. Vais jantar com ele. Ninguém te topa e entregas-lhe a pasta. Mas não é todo. Ele leva quinhentinhos, e o resto é para mim e tu também tens a tua parte.

Conforme o combinado, no domingo lá estava o Jorge Gomes. O jogo correu às mil maravilhas, e o clube ganhou sem dificuldades. Verificando que aquilo tinha sido fácil de mais, Jorge Gomes começou a pensar que era uma dor de alma estar a dar ao árbitro os 500 contos, e a partir daí tomou uma resolução. Encontrou-se com o árbitro no final da partida, foi jantar com ele e os fiscais de linha, pagou a conta e no final disse:

-Amanhã, passem pelo bar do Reinaldo para beberem um copo, que ele tem lá uma prenda para vocês.

O árbitro ficou todo contente e Jorge Gomes também.

Na segunda-feira de tarde passou por uma ourivesaria, comprou um relógio de ouro que custou 200 contos e foi ter com Reinaldo já no final da tarde.

-Então, correu tudo bem ontem? - perguntou Reinaldo.

-Às mil maravilhas. Mas não dei a pasta aos homens.

-O quê? Não deste a pasta aos árbitros? Porquê?

-Tem calma, não te irrites. Aquilo foi simples de mais. O árbitro quase não teve de fazer nada para dar a vitória aos gajos. No final fui jantar com os árbitros e disse-lhes para eles passarem por cá hoje e que tu lhes darás uma prenda.

-E o que é que lhes vou dar?

-Já tratei de tudo. Fui comprar um relógio de ouro. Está aqui. É bonito, não é? Custou 200 contos, e agora guardas o resto. Não te preocupes, que ele vai ficar todo contente. Eu já me apercebi disso ontem.

Quando o árbitro entrou no bar, Reinaldo não estava nada à vontade. Mas, quando lhe ofereceu o relógio de ouro e viu o árbitro de olhos esbugalhados, começou a ficar mais calmo. O Jorge Gomes afinal tinha razão. Ele ficou todo contente.

-Isto é para você não se atrasar na corrida para internacional - disse Reinaldo ao árbitro em questão.

-Obrigado, amigo, e já sabe que pode contar comigo todos os segundos - agradeceu o homem que se sentava no outro lado da mesa, já agarrado a uma miúda que era a novidade da noite.

Mais adiante, Reinaldo pôde finalmente falar a sós com Jorge Gomes.

-Mas que grande negócio, este!

-Das oitocentas broas ficamos com seiscentinhos sem trabalho nenhum, e ainda por cima o presidente telefonou-me ao princípio da tarde a agradecer-me. Mas que grande negócio!

Jorge Gomes tinha mostrado eficiência, e a partir daquele momento já não se colocava a hipótese de ele poder vir a ficar de fora de novos negócios.

-Tens começar a trabalhar comigo. Deixa lá isso do jornalismo, que eu vou falar com o presidente e vamos arranjar-te um lugar.

Jorge Gomes, que tinha ficado com 150 contos do bolo, aceitou logo o convite, e passados alguns dias já estava ao serviço do clube de Reinaldo e a colaborar directamente com Pinto da Costa, que entretanto tinha tido conhecimento dos predicados do rapaz. O negócio estava montado e era necessário dar um melhor andamento à situação. O presidente que tinha dado os 800 contos passou a ir mais vezes ao bar e a ter mais encontros com Reinaldo.

-Você é um tipo porreirinho. Quando quisermos mais um favorzito voltamos a falar consigo, doutor. OK?

-O que quiser. Vocês já sabem que faço isto desinteressadamente. Estou sempre disposto a ajudar os meus amigos.

Discrição é coisa que não existe no seio dos dirigentes de futebol, e Reinaldo sabia muito bem disso. Por isso, a notícia correu em rastilho rápido e depressa se ficou a saber que quem quisesse uns favores no mundo da arbitragem só tinha de falar com o Reinaldo.

-Ele é um espectáculo. Conhece toda a gente.

O bar do Reinaldo começou a ser mais frequentado por dirigentes do nosso futebol. O volume de negócios aumentou e os pedidos não se fizeram esperar. Jorge Gomes estava dentro de todo o sistema, e os dirigentes já falavam também com ele. Parecia um mundo de apostas clandestinas, mas era evidente a desorganização do sistema. Não havia, no entanto, grande problemas, porque tudo era feito num círculo muito restrito.

Reinaldo Teles estava a apalpar terreno, não sabendo muito bem até onde podia ir e com que árbitros podia negociar à vontade. Alguns deles, principalmente árbitros da capital, passaram, entretanto, a frequentar o seu bar nas deslocações que faziam ao Norte. Um deles, durante uma daquelas visitas de cortesia em dia de aniversário, pediu mesmo a Reinaldo que meses mais tarde fosse padrinho da sua filha que iria nascer. Começava a ficar tudo controlado. As noites de orgia sucediam-se nos fins-de-semana mais quentes, e o negócio prosperava.

-Isto é o que eu sempre disse. Ninguém resiste às mulheres e ao dinheiro - filosofava Reinaldo, do alto do seu banco do bar, mexendo os cubos de gelo e deitando um olhar de paxá ao seu harém, então em plena laboração, quer na pista quer nos locais menos iluminados do bar.

Luísa Teles, por sua vez, também estava entusiasmada com o negócio. Era dinheiro que entrava, sem impostos, e ela sabia como escolher as melhores mulheres para os árbitros, deixando-os agarrados a grandes momentos de felicidade. Reinaldo Teles estava a tornar-se num expert em arbitragem e nos seus negócios marginais. E acabou por cimentar a sua fama quando, em vésperas de um jogo internacional no qual o seu clube participava, lhe coube, como sempre, a missão de proporcionar à equipa da arbitragem momentos de grande prazer.

O trio de arbitragem para esse jogo era escocês, e esse foi um pomenor que passou a Reinaldo, que estava longe de pensar que o facto de os homens usarem saís pudesse transformar a sua virilidade. Por isso, preparou para os visitantes três miúdas de estalo, com a particularidade de uma delas se assumir como especialista na «tripla», fazendo também cenas lésbicas.

Quando lhes apresentaram três bonitas raparigas, os fiscais de linha ficaram de olhos em bico e começaram logo a babar-se, mas o árbitro fez má cara e mostrou a intenção de se retirar. Reinaldo foi chamado à pressa para resolver aquela situação e, em menos de 20

minutos, foi a uma discoteca sua conhecida, trouxe um barman de bom porte atlético e ar de machão [latino. Com](#) bigode descaído nos cantos, cabelo liso e tez morena e com um gosto muito especial em comer machos, a presa cumpriu na perfeição os desejos do caçador escocês.

O episódio foi muito comentado, e Reinaldo esteve duas horas a receber telefonemas de parabéns. No seu gabinete, com a gata ao colo, Pinto da Costa sorria e pensava para os seus botões:

-É deste tipo de pessoas que eu gosto. Capazes de resolver as mais intrincadas situações e no mais curto espaço de tempo.

Era a afirmação em absoluto de Reinaldo Teles no mundo da arbitragem.

SUA EXCELENCIA, A GANÂNCIA

O bar de Reinaldo começou a ser ponto de encontro para aqueles que queriam usufruir dos favores da arbitragem. Dirigentes e árbitros encontravam-se assiduamente no local, mas nunca tinham um contacto directo, uma situação que foi sempre muito bem controlada, para que não houvesse fugas de informação, tanto em relação a favores como aos preços estipulados.

Lentamente, foi criada uma bem organizada rede de corrupção na arbitragem gerida, por cima, por Reinaldo Teles, contando este com um assistente directo: Jorge Gomes. Os árbitros das mais variadas regiões, logo que pisavam o chão da cidade, iam de imediato ao encontro de Reinaldo. Não pediam nada, e muito menos ofereciam qualquer tipo de favor; aguardavam antes, pacientemente, por uma abordagem. No início, estabeleceu-se uma certa confusão promíscua no negócio, e esta situação não era a mais aconselhável. As pessoas começavam a falar de mais, pois já nada passava despercebido, e Reinaldo Teles teve de reorganizar o negócio, colocando as cartas na mesa de Pinto da Costa.

-Eles parecem moscas a cair no meu bar. A coisa já está a dar muita bronca. -Que coisa?

-Aquele negócio dos árbitros. Começou a insinuar-se que eu era capaz de resolver tudo, e os gajos não me largam. São os dirigentes de um lado e os árbitros do outro. Nunca pensei que esta situação pudesse atingir este nível. Uns só querem vitórias; e os outros, dinheiro...

-Deixa lá. Ao menos, fica toda a gente satisfeita. Esse negócio tem de começar a se gerir de uma forma mais segura. Isso vai dar muito dinheiro, mas é necessário saber fazer as coisas. Roma e Pavia não se fizeram num dia.

Estava dado o mote para o arranque de uma organização mais capaz e eficiente, e o plano foi colocado em marcha. Havia receptividade de parte, a parte e isso já era um bom avanço. O tempo em que o clube gastava dinheiro para controlar algumas arbitragens já tinha passado. Os árbitros sabiam exactamente onde estava o poder e como se chegar a ele, e, se, em paralelo, se podia ganhar dinheiro, muito melhor.

Pinto da Costa estava consciente de que todos o temiam. Não tinha o mínimo de pruridos quando queria esmagar um inimigo. Não fazia ameaças, mas os que se mostrassem contra o seu poder podiam ter a certeza de que obteriam uma resposta de acordo com a situação e sem qualquer tipo de contempações. Perante tal quadro, era muito mais proveitoso estar ligado a Reinaldo Teles. Para além do dinheiro que podiam ganhar, tinham toda a cobertura possível dentro do Conselho de Arbitragem, área onde Pinto da Costa e os seus pares se moviam com bastante à-vontade, contando com a colaboração de um presidente da sua inteira confiança. Pinto da Costa gostava de evidenciar de uma forma discreta esse poder. Era uma forma de fazer saber que quem mandava era ele. Quem estivesse sob a sua protecção tinha as melhores nomeações e as melhores classificações. E protegia quem se aliasse a ele, incentivando a aproximação dos mais indecisos.

PC queria uma organização perfeita e o controlo absoluto sobre todas as situações. Mas os jornalistas eram indiscretos e perigosos para o negócio. Não era muito saudável que se levantassem muitas suspeitas, e esse sector tinha também de começar a ser muito bem controlado. Pinto da Costa sabia insinuar-se e cativar. Quando lhe convinha, promovia encontros com directores de jornais e, de uma forma desinteressada, começava a gabar-lhes os feitos e o trabalho. Incentivados pela guerra estabelecida pela concorrência e sabendo que quem obtivesse maior número de informações junto dos grandes clubes era quem mais vendia, ninguém se negava a esses encontros. Era impossível, porém, controlar toda a gente

e, através de algumas acções de intimidação, estabeleceu-se um clima de medo para os que teimavam em mostrar-se independentes.

Normalmente às quartas-feiras, o presidente reunia-se com os jagunços e indicava-lhes qual o jornalista que tinha de ser encostado e insultado. Nos dias dos jogos, os contratados passeavam livremente pelo camarote da Imprensa e, através de insultos e ameaças, exerciam uma tremenda pressão sobre alguns jornalistas. A intenção era clara: promover o medo e o conseqüente silêncio. Durante a semana, quem tivesse o atrevimento de não analisar uma situação conforme lhes convinha podia ter a certeza que tinha à sua espera na primeira oportunidade alguém com o seu jornal na mão a ameaçar que o fazia engolir aquele pedaço de papel.

Pinto da Costa era mestre na política da divisão, e ao longo dos tempos foi criando divisões entre os jornalistas, porque tinha consciência do perigo que representavam quando todos se resolvessem unir e impor os seus direitos. A organização era-lhe favorável, e ele sabia como jogar todos os seus trunfos. Um negócios implantado no seio da arbitragem era exactamente aquilo que lhe faltava. A Olivedesportos e a agência de viagens «Cosmos» estavam a facturar como nunca. Tinha conseguido vários exclusivos que lhe permitiam efectuar o mais variado tipo de operações, sobrefacturando sem medo de poder ser contestado. Tinha o presidente federativo na mão, e até nem foi muito difícil conseguir isso. Dava-lhe gozo colocar os da capital a trabalhar para a sua organização. Um cartão de crédito sem limite e umas viagens oferecidas ao casal que comandava as operações federativas bastaram para que pudesse facturar alguns milhões. Pinto da Costa estava adiantado em relação a todos os outros. Já há muito que tinha entendido que o futebol era a indústria que mais rendia em 90 minutos.

Mas PC não era infalível. Também cometia os seus erros. Quando, através do, agora, grande amigo e sócio camuflado, Joaquim Oliveira, ofereceu um cartão de crédito sem limite ao federativo e à sua mulher, nunca lhe passou pela cabeça que a mulher deste, numa das viagens da nossa selecção, se lembrasse de utilizar o respectivo cartão em compras pessoais, gastando quase dois mil contos. O cartão foi de imediato cancelado. Numa viagem a Liechtenstein, principado onde o clube de PC foi disputar um jogo particular, um emigrante português, que se dedicava à pintura de automóveis e também fazia uma perninha como empresário de jogadores de futebol, conseguiu criar uma grande amizade com PC e Reinaldo. O indivíduo tinha boa pinta e falava várias línguas. Era inteligente e mostrou-se conhecedor do ramo. E como era necessário preencher a vaga de Luciano D'Onofrio, a solução estava mesmo ali à mão. José Veiga tinha todos os predicados para entrar na organização e, num ápice, apareceu em Portugal como sócio de Joaquim Oliveira. Grande jogadores começaram a passar pela sua mão. Ganhou prestígio, mas a sua ligação aos Oliveira limitava a sua acção. PC estabeleceu então uma nova estratégia:

-O José Veiga tem-se mostrado competente e capaz. Tem-nos dado muito dinheiro a ganhar, mas está na hora de se desfazer a sociedade.

Joaquim Oliveira não entendeu onde o presidente queria chegar e não hesitou em perguntar:

-Mas não estou a entender. Se ele nos está a dar bom dinheiro, porque é que vamos desfazer a sociedade?

PC tinha acordado mal-disposto e, ainda por cima, a sua gata, logo pela manhã, tinhalhe derramado leite sobre as calças. Olhando a nódoa mal disfarçada junto à carcela, explicou o seu plano:

-Se desligarmos o José Veiga da nossa organização, simulando um desentendimento, ele fica mais livre para poder trabalhar com outros clubes, nomeadamente com os nossos maiores [adversários. Com](#) esta acção, para além dos lucros que daí podemos retirar, ficamos com a possibilidade de minar os nossos adversários por dentro. Ficamos com o campo livre para lhes vendermos jogadores com rótulo dourado, mas fora de prazo, e também podemos vender os seus melhores jogadores para clubes estrangeiros, criando, assim, focos de instabilidade ao mesmo tempo que se lhes diminui a força.

Joaquim Oliveira nem queria acreditar no que ouvia. Aquele homem era de facto um manancial de inteligência. Dois dias depois, estava desfeita a sociedade e, tal como fora previsto, José Veiga tornou-se num dos empresários mais conceituados da nossa praça.

Mas a completa organização do sector da arbitragem, era o negócio que agora fazia perder mais tempo a PC. Reinaldo Teles tinha descoberto o ovo de Colombo e revelado jeito para controlar a situação.

Com um tiro podia matar com facilidade dois coelhos. O seu clube não tinha dinheiro para andar a gastar em arbitragens, e a sua política nunca foi a de gastar, mas sim a de cobrar. Toda a gente sabia que ele não era homem endinheirado, e alguns dos que, nos primeiros anos, ainda ajudaram o clube quando se tornou necessário, agora fugiam a essa situação, porque se sentiam traídos com os negócios efectuados por PC. Era a velha filosofia de que era possível enganar toda a gente durante muito tempo, mas não sempre. Como gostava de dizer, «não corre mais o que caminha, mas sim o que mais imagina». Por isso, tornava-se necessário pensar sempre em novas estratégias.

Quem emprestava dinheiro queria garantias, e o clube ia ficando hipotecado a essas situações, perdendo algum património sem que ninguém levantasse a voz para travar esse tipo de situações. Pinto da Costa sentia-se inatingível. Estava acima do poder e até o desafiava, sem ser punido por isso. Tinha a força do seu clube por trás. As vitórias, os golos e as alegrias. Tudo era feito em nome do futebol.

Pinto da Costa sabia que tinha muitos inimigos, e não podia falhar dentro do relvado. O controlo sobre árbitros era a solução que mais garantias dava para que se continuasse a somar títulos, e Reinaldo Teles tinha a solução na mão, sem gastar dinheiro com isso, muito pelo contrário, ganhando milhares. Reinaldo limitou-se a deixar germinar o negócio. Não era necessário movimentar-se. As pessoas vinham ter com ele para estabelecer o primeiro contacto. Já não se negociava com prendas, mas com dinheiro vivo. Foi mesmo estabelecida uma tabela, mas Jorge Gomes não estava muito de acordo.

-Isso das tabelas não tem jeito nenhum. Os jogos têm de valer pela importância que têm.

-És capaz de ter razão, mas aqui no bar está a dar muita barraca. Temos de falar como presidente.

Pinto da Costa já se tinha apercebido da situação e também não andava muito satisfeito com a exposição pública. Havia que evitar um devassa que, de dia para dia, se tornava mais fácil de empreender, principalmente da parte dos inimigos do costume. Ele mesmo era cliente assíduo do bar e não queria ser visto no local na companhia de árbitros e muito menos envolver-se directamente no negócio.

-Vamos «lavar» a imagem que está a passar lá para fora. Esta situação tem que ser alterada. Muito embora utilizes o teu bar para o primeiro contacto, combinas depois os encontros para o restaurante do teu primo. O local é mais decente, menos visto, e não é tão frequentado por gente do futebol. E sempre tem ao lado um bom jardim que dará sempre para meditar um bocadito...

-Também acho que essa é a posição mais acertada. Vamos mudar isto, e já - concordou Reinaldo.

Com uma organização mais eficiente, Reinaldo Teles elaborou uma carteira de árbitros seleccionados por preços, acessibilidade, categoria e forma de actuar. O prémio de cada favor era estabelecido conforme a importância do jogo, e de início, Reinaldo cobrava apenas um terço do estabelecido, mas, mais tarde, quando verificou que os seus favores eram cada vez mais requisitados, passou a cobrar 50 por cento.

Ninguém discutia preços nem duvidava do empenhamento de Reinaldo Teles, que sempre que lhe era possível marcava a presença no jogo onde estabelecera o seu melhor negócio.

Mas o volume de pedidos cresceu tanto, que Jorge Gomes começou a ser mais requisitado, entrando no negócio a todo o vapor. Enquanto Reinaldo assumia os seus compromissos e as suas responsabilidades no negócio, Jorge Gomes estava mais virado para o lucro fácil. Fazia-se intermediário, cobrava a respectiva verba e nem sempre os árbitros viam a fracção combinada, o que dava origem a alguns protestos rapidamente silenciados com as ameaças do costume.

Jorge Gomes foi mais [longe. Com](#) a ambição de ganhar tudo, a maior parte das vezes nem sequer falava com os árbitros e esperava simplesmente que os resultados fossem favoráveis para ficar com a respectiva verba. O negócio até era muito mais rentável na 2ª Divisão. Os jogos eram menos vistos, os árbitros estavam menos expostos e toda a gente

queria subir. Foi num negócio entre duas equipas de 2ª Divisão que Jorge Gomes foi pela primeira vez desmascarado nas suas vigarices. O árbitro era alentejano, mas tinha um compadre no Porto, proprietário de um restaurante. O lugar era típico e até se cantava lá o fado. Um representante de um dos clubes foi falar com o dono desse restaurante, levando uma proposta em carteira.

-Sabemos que és compadre do João Cravo, e ele vem apitar, no domingo. Não podemos perder. Tens de nos ajudar.

-Está bem, eu falo com o homem.

-Quanto é que achas que lhe podemos dar?

-Mil contos, mas 200 são para mim.

-Tudo combinado. Trata do negócio.

Passados poucos dias, o mesmo elemento desse clube surgiu no restaurante do compadre de João Cravo para lhe dizer:

-Não trates de nada, porque o meu vice e o meu presidente foram falar com o Reinaldo Teles, e ele garantiu que tratava do assunto todo. Para tratar disso, já ficou lá com dois mil contos.

-Mas eu resolvia isso com mil.

-Oh, pá, nem me quero meter nessa merda! Mandaram-me falar contigo e foram ao bar do gajo e ele sacou-lhes dois mil contos. Fiquei bera com isso e obriguei-os a prometerem-me que os teus 200 contos estão garantidos.

-Tudo bem, não há problema. O Reinaldo que me telefone que eu trato do encontro. O homem vem de véspera e janta no meu restaurante.

Na véspera do tal jantar, Jorge Gomes telefonou ao dono do restaurante e combinou o encontro com o árbitro. Quando este chegou, foi logo posto ao corrente do que se estava a passar e esperou até quase de madrugada por Jorge Gomes. Como esta não aparecia, acabaram por desistir, embora mantendo a esperança de que ele telefonasse. Mas até à hora do jogo... nem um telefonema nem uma palavra.

O clube que entregou os dois mil contos a Reinaldo ganhou, mas sem qualquer interferência do árbitro. No final, de regresso ao restaurante do seu compadre, o árbitro voltou a falar no assunto.

-O Jorge Gomes não me ligou nem disse nada.

-São uns filhos da puta. Ficaram com os dois mil contos e nem sequer se dignaram a falar comigo. Esses gajos são burros como portas. Andam a dar dinheiro a esses chulos.

De facto, os dois mil contos ficaram na posse da organização de Reinaldo, sem que este tivesse o mínimo trabalho ou interferência no desenrolar do jogo. E o dono do restaurante nunca mais viu os tais 200 contos.

Jorge Gomes sabia jogar com a situação e tinha consciência de que, como não se podia falar abertamente destes negócios, dificilmente se descobriria este tipo de vigarice.

Uma outra vez, no final de um jogo em que o árbitro foi um internacional nortenho, o presidente do clube que venceu acompanhou, no final da partida, esse árbitro ao seu automóvel e pelo caminho disse-lhe abertamente:

-O Jorge Gomes já falou consigo?

-Comigo? Não. Porquê?

-Eu dei-lhes três mil contos para si e ele garantiu-me que já lhos tinha dado.

De súbito, começou a chover e, no momento em que o presidente desse clube saltava um charco de água e abria o guarda-chuva para abrigar o árbitro, ambos verificaram que Jorge Gomes, embrulhado numa gabardina, se dirigia a eles.

O árbitro não hesitou, e mesmo ali agarrou-o pelos colarinhos, enquanto lhe dizia: -Ó meu filho da puta, andas a governar-te à minha custa!

-Tem calma, eu vinha agora trazer-te o dinheiro.

O presidente resolveu então intervir, para evitar que aquilo se transformasse num escândalo.

-Tenham calma. Vamos resolver isso civilizadamente. Você ainda me disse ontem que já tinha dado os três mil contos a este homem.

-É que ainda não tive oportunidade de o encontrar.

-Tem aí o dinheiro? - perguntou o presidente.

- Não.

GOLPE DE ESTÁDIO

-Então avise o Reinaldo Teles que amanhã vou ao bar dele e se não me devolverem os três mil contos, armo um escândalo que nem vos passa pela cabeça.

Foram muitos os casos como este. Jorge Gomes estava a comprometer o negócio com as suas vigarices, mas o certo é que Reinaldo lhe aparava todos os golpes, e PC começou a desconfiar que eles estavam feitos, muito embora não revelasse o facto para não perder a confiança de Reinaldo, muito menos agora, que ele lhe tinha apresentado a Maria. Uma rapariga por quem se estava a apaixonar e para a qual até arranjou um emprego no clube.

Semanalmente, eram muitos os milhares de contos que se movimentavam em negócios com os árbitros. Reinaldo Teles e Jorge Gomes já evidenciavam sinais exteriores de riqueza. Os negócios eram realizados em dinheiro vivo, mas, quando isso não acontecia, também não havia problema para controlar a situação e não deixar vestígios. Reinaldo recebia os cheques, trocava-os no casino, levantava dinheiro na troca de fichas e entregava em cash aos árbitros. Não deixava qualquer tipo de vestígio.

No entanto, esta situação levou-o a viciar-se no [jogo. Com](#) alguns montes de fichas na mão, começou a não resistir à tentação de arriscar algum na roleta e perdeu muitas centenas de contos, desde logo. Jorge Gomes não gostou da situação e por diversas vezes tentou fazer com que o seu amigo deixasse o jogo.

-Não gastes dinheiro nessa merda. Não vês que ninguém ganha, e quando ganha, no dia seguinte deixa-se o dobro.

-Deixa lá. Isto dá-me gozo, e o dinheiro é dos camelos. Eu controlo a situação, - Posto isto, apostou tudo o que tinha no preto. E ganhou.

-O que é que eu te dizia, Jorge?...

SUA EXCELÊNCIA, A GANÂNCIA

O bar de Reinaldo começou a ser ponto de encontro para aqueles que queriam usufruir dos favores da arbitragem. Dirigentes e árbitros encontravam-se assiduamente no local, mas nunca tinham um contacto directo, uma situação que foi sempre muito bem controlada, para que não houvesse fugas de informação, tanto em relação a favores como aos preços estipulados.

Lentamente, foi criada uma bem organizada rede de corrupção na arbitragem gerida, por cima, por Reinaldo Teles, contando este com um assistente directo: Luis César. Os árbitros das mais variadas regiões, logo que pisavam o chão da cidade, iam de imediato ao encontro de Reinaldo. Não pediam nada, e muito menos ofereciam qualquer tipo de favor; aguardavam antes, pacientemente, por uma abordagem. No início, estabeleceu-se uma certa confusão promíscua no negócio, e esta situação não era a mais aconselhável. As pessoas começavam a falar de mais, pois já nada passava despercebido, e Reinaldo Teles teve de reorganizar o negócio, colocando as cartas na mesa de Pinto da Costa.

- Eles parecem moscas a cair no meu bar. A coisa já está a dar muita bronca. - Que coisa?

- Aquele negócio dos árbitros. Começou a insinuar-se que eu era capaz de resolver tudo, e os gajos não me largam. São os dirigentes de um lado e os árbitros do outro. Nunca pensei que esta situação pudesse atingir este nível. Uns só querem vitórias; e os outros, dinheiro...

- Deixa lá. Ao menos, fica toda a gente satisfeita. Esse negócio tem de começar a se gerido de uma forma mais segura. Isso vai dar muito dinheiro, mas é necessário saber fazer as coisas. Roma e Pavia não se fizeram num dia.

Estava dado o mote para o arranque de uma organização mais capaz e eficiente, e o plano foi colocado em marcha. Havia receptividade de parte, a parte e isso já era um bom avanço. O tempo em que o clube gastava dinheiro para controlar algumas arbitragens já tinha passado. Os árbitros sabiam exactamente onde estava o poder e como se chegar a ele, e, se, em paralelo, se podia ganhar dinheiro, muito melhor.

Pinto da Costa estava consciente de que todos o temiam. Não tinha o mínimo de pruridos quando queria esmagar um inimigo. Não fazia ameaças, mas os que se mostrassem contra o seu poder podiam ter a certeza de que obteriam uma resposta de acordo com a situação e sem qualquer tipo de contempções. Perante tal quadro, era muito mais proveitoso estar ligado a Reinaldo Teles. Para além do dinheiro que podiam ganhar, tinham toda a cobertura possível dentro do Conselho de Arbitragem, área onde Pinto da Costa e os seus pares se moviam com bastante à-vontade, contando com a colaboração de um presidente da sua inteira confiança. Pinto da Costa gostava de evidenciar de uma forma discreta esse poder. Era uma forma de fazer saber que quem mandava era ele. Quem estivesse sob a sua protecção tinha as melhores nomeações e as melhores classificações. E protegia quem se aliasse a ele, incentivando a aproximação dos mais indecisos.

PC queria uma organização perfeita e o controlo absoluto sobre todas as situações. Mas os jornalistas eram indiscretos e perigosos para o negócio. Não era muito saudável que se levantassem muitas suspeitas, e esse sector tinha também de começar a ser muito bem controlado. Pinto da Costa sabia insinuar-se e cativar. Quando lhe convinha, promovia encontros com directores de jornais e, de uma forma desinteressada, começava a gabar-lhes os feitos e o trabalho. Incentivados pela guerra estabelecida pela concorrência e sabendo que quem obtivesse maior número de informações junto dos grandes clubes era quem mais vendia, ninguém se negava a esses encontros. Era impossível, porém, controlar toda a gente e, através de algumas acções de intimidação, estabeleceu-se um clima de medo para os que teimavam em mostrar-se independentes.

Normalmente às quartas-feiras, o presidente reunia-se com os jagunços e indicava qual o jornalista que tinha de ser encostado e insultado. Nos dias dos jogos, os contratados passeavam livremente pelo camarote da Imprensa e, através de insultos e ameaças, exerciam uma tremenda pressão sobre alguns jornalistas. A intenção era clara: promover o medo e o conseqüente silêncio. Durante a semana, quem tivesse o atrevimento de não analisar uma situação conforme lhes convinha podia ter a certeza que tinha à sua espera na primeira oportunidade alguém com o seu jornal na mão a ameaçar que o fazia engolir aquele pedaço de papel.

Pinto da Costa era mestre na política da divisão, e ao longo dos tempos foi criando divisões entre os jornalistas, porque tinha consciência do perigo que representavam quando todos se resolvessem unir e impor os seus direitos. A organização era-lhe favorável, e ele sabia como jogar todos os seus trunfos. Um negócios implantado no seio da arbitragem era exactamente aquilo que lhe faltava. A Olivedesportos e a agência de viagens «Cosmos» estavam a facturar como nunca. Tinha conseguido vários exclusivos que lhe permitiam efectuar o mais variado tipo de operações, sobrefacturando sem medo de poder ser contestado. Tinha o presidente federativo na mão, e até nem foi muito difícil conseguir isso. Dava-lhe gozo colocar os da capital a trabalhar para a sua organização. Um cartão de crédito sem limite e umas viagens oferecidas ao casal que comandava as operações federativas bastaram para que pudesse facturar alguns milhões. Pinto da Costa estava adiantado em relação a todos os outros. Já há muito que tinha entendido que o futebol era a indústria que mais rendia em 90 minutos.

Mas PC não era infalível. Também cometia os seus erros. Quando, através do, agora, grande amigo e sócio camuflado, Joaquim Oliveira, ofereceu um cartão de crédito sem limite ao federativo e à sua mulher, nunca lhe passou pela cabeça que a mulher deste, numa das viagens da nossa selecção, se lembrasse de utilizar o respectivo cartão em compras pessoais, gastando quase dois mil contos. O cartão foi de imediato cancelado. Numa viagem a Liechtenstein, principado onde o clube de PC foi disputar um jogo particular, um emigrante português, que se dedicava à pintura de automóveis e também fazia uma perninha como empresário de jogadores de futebol, conseguiu criar uma grande amizade com PC e Reinaldo. O indivíduo tinha boa pinta e falava várias línguas. Era inteligente e mostrou-se conhecedor do ramo. E como era necessário preencher a vaga de Luciano D'Onofrio, a solução estava mesmo ali à mão. José Veiga tinha todos os predicados para entrar na organização e, num ápice, apareceu em Portugal como sócio de Joaquim Oliveira. Grande jogadores começaram a passar pela sua mão. Ganhou prestígio, mas a sua ligação aos Oliveira limitava a sua acção.

PC estabeleceu então uma nova estratégia:

- O José Veiga tem-se mostrado competente e capaz. Tem-nos dado muito dinheiro a ganhar, mas está na hora de se desfazer a sociedade.

Joaquim Oliveira não entendeu onde o presidente queria chegar e não hesitou em perguntar:

- Mas não estou a entender. Se ele nos está a dar bom dinheiro, porque é que vamos desfazer a sociedade?

PC tinha acordado mal-disposto e, ainda por cima, a sua gata, logo pela manhã, tinhalhe derramado leite sobre as calças. Olhando a nódoa mal disfarçada junto à carcela, explicou o seu plano:

- Se desligarmos o José Veiga da nossa organização, simulando um desentendimento, ele fica mais livre para poder trabalhar com outros clubes, nomeadamente com os nossos maiores adversários. Com esta acção, para além dos lucros que daí podemos retirar, ficamos com a possibilidade de minar os nossos adversários por dentro. Ficamos com o campo livre para lhes vendermos jogadores com rótulo dourado, mas fora de prazo, e também podemos vender os seus melhores jogadores para clubes estrangeiros, criando, assim, focos de instabilidade ao mesmo tempo que se lhes diminui a força.

Joaquim Oliveira nem queria acreditar no que ouvia. Aquele homem era de facto um manancial de inteligência. Dois dias depois, estava desfeita a sociedade e, tal como fora previsto, José Veiga tornou-se num dos empresários mais conceituados da nossa praça.

Mas a completa organização do sector da arbitragem, era o negócio que agora fazia perder mais tempo a PC. Reinaldo Teles tinha descoberto o ovo de Colombo e revelado jeito para controlar a situação.

Com um tiro podia matar com facilidade dois coelhos. O seu clube não tinha dinheiro para andar a gastar em arbitragens, e a sua política nunca foi a de gastar, mas sim a de cobrar. Toda a gente sabia que ele não era homem endinheirado, e alguns dos que, nos primeiros anos, ainda ajudaram o clube quando se tornou necessário, agora fugiam a essa situação, porque se sentiam traídos com os negócios efectuados por PC. Era a velha filosofia de que era possível enganar toda a gente durante muito tempo, mas não sempre. Como gostava de dizer, «não corre mais o que caminha, mas sim o que mais imagina». Por isso, tornava-se necessário pensar sempre em novas estratégias.

Quem emprestava dinheiro queria garantias, e o clube ia ficando hipotecado a essas situações, perdendo algum património sem que ninguém levantasse a voz para travar esse tipo de situações. Pinto da Costa sentia-se inatingível. Estava acima do poder e até o desafiava, sem ser punido por isso. Tinha a força do seu clube por trás. As vitórias, os golos e as alegrias. Tudo era feito em nome do futebol.

Pinto da Costa sabia que tinha muitos inimigos, e não podia falhar dentro do relvado. O controlo sobre árbitros era a solução que mais garantias dava para que se continuasse a somar títulos, e Reinaldo Teles tinha a solução na mão, sem gastar dinheiro com isso, muito pelo contrário, ganhando milhares. Reinaldo limitou-se a deixar germinar o

negócio. Não era necessário movimentar-se. As pessoas vinham ter com ele para estabelecer o primeiro contacto. Já não se negociava com prendas, mas com dinheiro vivo. Foi mesmo estabelecida uma tabela, mas Luis César não estava muito de acordo.

- Isso das tabelas não tem jeito nenhum. Os jogos têm de valer pela importância que têm.

- És capaz de ter razão, mas aqui no bar está a dar muita barraca. Temos de falar como presidente.

Pinto da Costa já se tinha apercebido da situação e também não andava muito satisfeito com a exposição pública. Havia que evitar um devassa que, de dia para dia, se tornava mais fácil de empreender, principalmente da parte dos inimigos do costume. Ele mesmo era cliente assíduo do bar e não queria ser visto no local na companhia de árbitros e muito menos envolver-se directamente no negócio.

- Vamos «lavar» a imagem que está a passar lá para fora. Esta situação tem que ser alterada. Muito embora utilizes o teu bar para o primeiro contacto, combinas depois os encontros para o restaurante do teu primo. O local é mais decente, menos visto, e não é tão frequentado por gente do futebol. E sempre tem ao lado um bom jardim que dará sempre para meditar um bocadito...

- Também acho que essa é a posição mais acertada. Vamos mudar isto, e já - concordou Reinaldo.

Com uma organização mais eficiente, Reinaldo Teles elaborou uma carteira de árbitros seleccionados por preços, acessibilidade, categoria e forma de actuar. O prémio de cada favor era estabelecido conforme a importância do jogo, e de início, Reinaldo cobrava apenas um terço do estabelecido, mas, mais tarde, quando verificou que os seus favores eram cada vez mais requisitados, passou a cobrar 50 por cento.

Ninguém discutia preços nem duvidava do empenhamento de Reinaldo Teles, que sempre que lhe era possível marcava a presença no jogo onde estabelecera o seu melhor negócio. Mas o volume de pedidos cresceu tanto, que Luis César começou a ser mais requisitado, entrando no negócio a todo o vapor. Enquanto Reinaldo assumia os seus compromissos e as suas responsabilidades no negócio, Luis César estava mais virado para o lucro fácil. Fazia-se intermediário, cobrava a respectiva verba e nem sempre os árbitros viam a fracção combinada, o que dava origem a alguns protestos rapidamente silenciados com as ameaças do costume.

Luis César foi mais [longe. Com](#) a ambição de ganhar tudo, a maior parte das vezes nem sequer falava com os árbitros e esperava simplesmente que os resultados fossem favoráveis para ficar com a respectiva verba. O negócio até era muito mais rentável na 2ª Divisão. Os jogos eram menos vistos, os árbitros estavam menos expostos e toda a gente queria subir. Foi num negócio entre duas equipas de 2ª Divisão que Luis César foi pela primeira vez desmascarado nas suas vigarices. O árbitro era alentejano, mas tinha um compadre no Porto, proprietário de um restaurante. O lugar era típico e até se cantava lá o fado. Um representante de um dos clubes foi falar com o dono desse restaurante, levando uma proposta em carteira.

- Sabemos que és compadre do João Cravo, e ele vem apitar, no domingo. Não podemos perder. Tens de nos ajudar.

- Está bem, eu falo com o homem.
- Quanto é que achas que lhe podemos dar?
- Mil contitos, mas 200 são para mim.
- Tudo combinado. Trata do negócio.

Passados poucos dias, o mesmo elemento desse clube surgiu no restaurante do compadre de João Cravo para lhe dizer:

- Não trates de nada, porque o meu vice e o meu presidente foram falar com o Reinaldo Teles, e ele garantiu que tratava do assunto todo. Para tratar disso, já ficou lá com dois mil contos.

- Mas eu resolvia isso com mil.

- Oh, pá, nem me quero meter nessa merda! Mandaram-me falar contigo e foram ao bar do gajo e ele sacou-lhes dois mil contos. Fiquei bera com isso e obriguei-os a prometerem-me que os teus 200 contos estão garantidos.

- Tudo bem, não há problema. O Reinaldo que me telefone que eu trato do encontro. O homem vem de véspera e janta no meu restaurante.

Na véspera do tal jantar, Luis César telefonou ao dono do restaurante e combinou o encontro com o árbitro. Quando este chegou, foi logo posto ao corrente do que se estava a passar e esperou até quase de madrugada por Luis César. Como esta não aparecia, acabaram por desistir, embora mantendo a esperança de que ele telefonasse. Mas até à hora do jogo... nem um telefonema nem uma palavra.

O clube que entregou os dois mil contos a Reinaldo ganhou, mas sem qualquer interferência do árbitro. No final, de regresso ao restaurante do seu compadre, o árbitro voltou a falar no assunto.

- O Luis César não me ligou nem disse nada.

- São uns filhos da puta. Ficaram com os dois mil contos e nem sequer se dignaram a falar comigo. Esses gajos são burros como portas. Andam a dar dinheiro a esses chulos.

De facto, os dois mil contos ficaram na posse da organização de Reinaldo, sem que este tivesse o mínimo trabalho ou interferência no desenrolar do jogo. E o dono do restaurante nunca mais viu os tais 200 contos.

Luis César sabia jogar com a situação e tinha consciência de que, como não se podia falar abertamente destes negócios, dificilmente se descobriria este tipo de vigarice.

Uma outra vez, no final de um jogo em que o árbitro foi um internacional nortenho, o presidente do clube que venceu acompanhou, no final da partida, esse árbitro ao seu automóvel e pelo caminho disse-lhe abertamente:

- O Luis César já falou consigo?
- Comigo? Não. Porquê?
- Eu dei-lhes três mil contos para si e ele garantiu-me que já lhos tinha dado.

De súbito, começou a chover e, no momento em que o presidente desse clube saltava um charco de água e abria o guarda-chuva para abrigar o árbitro, ambos verificaram que Luis César, embrulhado numa gabardina, se dirigia a eles.

O árbitro não hesitou, e mesmo ali agarrou-o pelos colarinhos, enquanto lhe dizia: - Ó meu filho da puta, andas a governar-te à minha custa!

- Tem calma, eu vinha agora trazer-te o dinheiro.

O presidente resolveu então intervir, para evitar que aquilo se transformasse num escândalo.

- Tenham calma. Vamos resolver isso civilizadamente. Você ainda me disse ontem que já tinha dado os três mil contos a este homem.

- É que ainda não tive oportunidade de o encontrar.

- Tem aí o dinheiro? - perguntou o presidente.

- Não.

- Então avise o Reinaldo Teles que amanhã vou ao bar dele e se não me devolverem os três mil contos, armo um escândalo que nem vos passa pela cabeça.

Foram muitos os casos como este. Luis César estava a comprometer o negócio com as suas vigarices, mas o certo é que Reinaldo lhe aparava todos os golpes, e PC começou a desconfiar que eles estavam feitos, muito embora não revelasse o facto para não perder a confiança de Reinaldo, muito menos agora, que ele lhe tinha apresentado a Maria. Uma rapariga por quem se estava a apaixonar e para a qual até arranjou um emprego no clube.

Semanalmente, eram muitos os milhares de contos que se movimentavam em negócios com os árbitros. Reinaldo Teles e Luis César já evidenciavam sinais exteriores de riqueza. Os negócios eram realizados em dinheiro vivo, mas, quando isso não acontecia, também não havia problema para controlar a situação e não deixar vestígios. Reinaldo recebia os cheques, trocava-os no casino, levantava dinheiro na troca de fichas e entregava em cash aos árbitros. Não deixava qualquer tipo de vestígio.

No entanto, esta situação levou-o a viciar-se no [jogo. Com](#) alguns montes de fichas na mão, começou a não resistir à tentação de arriscar algum na roleta e perdeu muitas centenas de contos, desde logo. Luis César não gostou da situação e por diversas vezes tentou fazer com que o seu amigo deixasse o jogo.

- Não gastes dinheiro nessa merda. Não vês que ninguém ganha, e quando ganha, no dia seguinte deixa-se o dobro.

- Deixa lá. Isto dá-me gozo, e o dinheiro é dos camelos. Eu controlo a situação, - Posto isto, apostou tudo o que tinha no preto. E ganhou.

- O que é que eu te dizia, Jorge?...

NOVA ESTRATÉGIA

Pinto da Costa e Reinaldo Teles tinham encontrado nos escalões inferiores as suas melhores fontes de receita nas negociatas directamente relacionadas com processos de corrupção da arbitragem. O nível dos dirigentes era mais baixo, e a vaidade dos endinheirados empresários que procuravam o futebol para evidenciarem a sua posição social estava a ser soberbamente explorada.

Pinto da Costa esfregava as mãos.

- Como é fácil ganhar dinheiro no futebol. Quando assumi a presidência do clube, nunca imaginei poder chegar a esta situação e ganhar tanto dinheiro.

- Mas, desta vez, veja lá se tem mais cuidado com os investimentos que faz. Siga o meu exemplo; gasto algum no jogo, mas estou sempre bem de vida - juntava Reinaldo Teles, sempre prudente.

- Isso não é de admirar. O teu negócio dá sempre. Agora estás a ver-me a gerir uma casa de putas? Toda a gente me caía em cima.

- Não é bem assim. Vejam o meu exemplo. Não é segredo para ninguém que sempre vivi à custa da prostituição. Sim, porque não tenho as gajas para andarem a fazer cócegas aos clientes e eu não ganhar nenhum. Ninguém vai ao meu bar beber um copo porque o whisky de lá é muito bom ou a música óptima.

- Nisso tens razão. A maior parte do whisky que lá vendes até está marado! Só mesmo as gajas é que são boas. Por falar nisso, já há muito tempo que não me apresentas uma novidade.

- E a Maria?

- Adoro aquela gaja. Pelo menos agora tenho-a junto a mim mais tempo e sem ninguém desconfiar de nada. Mas isso não quer dizer que não vá provando uma daquelas novidades que vão aparecendo.

- Estou à espera aí de umas gajas novas que vêm da Rússia e hei-de arranjar-lhe alguma coisa. Mas, voltando à conversa anterior, não concordo muito consigo quando me diz que ter um bar de alternos é mau e que não dá prestígio. Você é testemunha de que esses gajos todos não me largam e estão fartos de dizer que sou um tipo porreiro. Até me querem fazer uma festa de homenagem. Não vê, nas viagens ao estrangeiro que fazemos com o clube, as mulheres deles a juntarem-se à minha sem qualquer tipo de preconceito. Toda a gente sabe que é a minha mulher que gere as putas, que lida com elas todos os dias e, sabe uma coisa, mulheres dos nossos vices e de alguns dos acompanhantes que habitualmente nos seguem, fizeram-se grandes amigas dela e algumas até puxam conversa para saberem como é o ambiente no bar. Isto é um mundo de hipocrisia, e o que é necessário é saber viver nele.

- Então eu não sei disso!? Eu levo muitas vezes a tua mulher aos jantares que os clubes estrangeiros nos oferecem, enquanto tu ficas com os jogadores.

- Bem, mas aí eles não conhecem a Luísa. E ela até tem boa pinta.

Pinto da Costa ouviu o telefone tocar, levantou-se do maple onde estava sentado e foi atendê-lo na sua secretária.

- Tudo bem, obrigado.

Após uma curta pausa para ouvir o seu interlocutor, PC puxou uma folha de papel e escreveu um nome.

- Já sabia que ele nos ia nomear esse árbitro. Fui eu que lho pedi pessoalmente. Sabe, o jogo é importante e não podemos arriscar... OK! Até logo e obrigado. Era o Adriano Pinto - disse PC.

- Ele está a ajudar-nos bastante.

- Que remédio ele tem. Se não fosse assim, tirava-lhe o tapete.

- Mas ele ajudou-nos bastante no início e pode ajudar-nos ainda mais.

- Sei perfeitamente que tenho aprendido muito com ele. No início, foi o Adriano que me abriu os olhos e me ensinou que caminhos devia percorrer para ganhar os títulos que ganhámos. Mas agora quem manda no futebol sou eu. A força está do nosso lado, e se ele não fizer o que mandamos, não tenhas dúvida que lhe tiro o tapete, e ele sabe disso.

Reinaldo Teles lembrou-se do quanto Adriano Pinto era importante em toda a estratégia estabelecida. Só a sua amizade já era bom para o negócio que começou a ser montado.

Pinto da Costa tinha uma visão extraordinária em relação ao futuro e começou a urdir a sua organização. Reinaldo Teles e Luis César continuavam a dar todo o apoio nos negócios com os árbitros, apostando na ajuda a clubes de escalões [inferiores. Com](#) esta acção, iam ganhando algumas centenas de contos semanalmente e tinham cada vez mais os árbitros na mão, não sendo necessário, por isso, gastar nem um tostão quando esses árbitros viessem apitar o seu clube.

Entrava-se num ciclo vicioso. Os árbitros ficavam de tal forma hipotecados a Reinaldo Teles que, quando fossem nomeados para os jogos com o seu clube, não tinham força moral para o trair e nem sequer era necessário comprá-los. Mas nem tudo corria da melhor forma, e Reinaldo teve consciência de que não dominava o sector conforme julgava, quando, por diversas vezes, saiu derrotado em acções por ele desenvolvidas.

Em 1992, na última jornada do campeonato da 2ª Divisão, Reinaldo Teles foi contactado no seu bar por um clube que tinha hipóteses de subir de escalão e que ia jogar com outro que se não ganhasse seria despromovido. O negócio ficou acertado, comprometendo-se Reinaldo a entregar ao árbitro três mil contos, garantindo outro tanto para si. O árbitro era da capital e, depois de contactado num dos grandes hotéis da cidade por Luis César e Reinaldo, comprometeu-se a fazer o frete e a ir receber a verba combinada no domingo à noite ao restaurante do primo de Reinaldo.

O clube protegido por Reinaldo era o visitante, e ao intervalo já estava a ganhar por 3-0 com uma arbitragem verdadeiramente escandalosa. A ameaça de invasão de campo estava iminente, mas nem isso assustou o árbitro da partida. Mas, perante tal situação, o presidente do clube visitado, sabendo que o negócio tinha sido feito por Reinaldo e conhecendo o montante da verba combinada, no interregno da partida entrou na cabina do árbitro e, com o descaramento que provinha do desespero, fez directamente a sua proposta ao árbitro e fiscais de linha.

- Sabemos que Reinaldo Teles vos ofereceu três mil contos e vocês podem sair daqui mortos.

Retirando uma pequena pasta de debaixo do braço, puxou de um grande maço de notas, colocou-o em cima da mesa que estava na cabina do árbitro e apostou forte quando disse:

- Estão aqui cinco mil contos e queremos ganhar. A vossa protecção está garantida.

Saiu da cabina do árbitro e esperou pacientemente pelos últimos 45 minutos. O inevitável acabou por acontecer: o árbitro deu de tal forma a volta à situação, que o jogo terminou com um resultado de 4-3.

Reinaldo Teles tinha sido derrotado na sua estratégia e prometeu vingança ao árbitro. O certo é que esse árbitro abandonou o ofício mesmo antes de atingir o limite de idade.

Reinaldo Teles sabia que tinha de ser duro na sua acção para não perder o controlo da situação, e Pinto da Costa avisou-o muitas vezes.

- É necessário ser duro e inflexível.

Ambos se recordavam bem de um caso passado uns anos antes com um árbitro alentejano que foi apanhado com a «boca na botija».

Desde que tinha sido promovido ao primeiro escalão, Francisco Silva revelou uma grande ambição pelo dinheiro, aceitando negociar sempre que possível com Reinaldo Teles. Mas depressa verificou que era ele quem dava a cara e sofria a consequência dos escândalos a que ficava obrigado.

Reinaldo ganhava tanto como ele e, por vezes, até mais. Este árbitro tinha falado várias vezes com os presidentes dos clubes que favorecia, e eles acabavam por confessar quanto tinham dado a Reinaldo ou a Luis César. Achou que aquilo era uma exploração e resolveu actuar por conta própria.

Pinto da Costa teve conhecimento da situação e avisou Reinaldo Teles do perigo que aquela atitude constituía.

- Vamos tratar da saúde desse gajo, para que não haja mais fugas. Quando souberes de um contacto directo, avisa-me que eu trato do resto.

Reinaldo Teles assentou com a cabeça em sinal de concordância e saiu do gabinete do presidente a pensar na forma como deveria actuar.

Luis César estava à espera dele e, depois de discutirem o assunto, não teve contemplanções.

- Vamos fodê-lo. Mandamos dar-lhe uma tarefa, para ver se ele aprende.

Reinaldo não respondeu logo, e passados alguns segundos acabou por dizer:

- Dar-lhe uma tarefa não é solução. O presidente garantiu que tinha outra estratégia. Só temos de estar atentos e avisá-lo quando soubermos de algum negócio directo.

A oportunidade não tardou a chegar. Francisco Silva pedia que nem um cego, e a informação tão desejada acabou por chegar.

O presidente do Conselho de Arbitragem (Lourenço Pinto) era da total confiança de Pinto da Costa e deu-lhe a informação tão esperada.

- Temos o homem na mão. Ele telefonou ao Rocha (Manuel Rocha, presidente do Penafiel) e pediu-lhe dois mil contos pelo jogo de domingo. Vamos fazer-lhe uma emboscada. O Rocha leva um gravador quando lhe for entregar o dinheiro, e depois entramos nós em acção.

- Sigam com a operação, mas lembrem-se que temos de ficar sempre de fora.

Quando se viu desmascarado, o Silva chorou, pediu perdão, mas não adiantou nada. Tinha sido feito.

Houve ainda algumas hesitações não sabendo bem se devia levar o assunto para a frente ou apenas pregar um tremendo susto ao Silva, mas o escândalo rebentou e não foi possível segurar a situação.

PC e Reinaldo mais uma vez saíam ilibados do problema gerado, assumindo o papel de anjinhos, mas a força que detinham foi bem evidenciada. Para os outros árbitros, o aviso surgia sempre na forma de um «lembrem-se do que aconteceu ao Silva, que fugiu à nossa protecção, quis fazer os seus negócios sozinho e acabou por se espalhar; mais vale ganhar menos mas estar devidamente protegido».

O sistema voltava a estar sob controlo, e a submissão da maior parte dos árbitros a Reinaldo era cada vez mais forte. Ele sabia que não podia perder aquele negócio. A árvore continuou a dar os seus frutos, mesmo fora de época.

O restaurante do seu primo transformou-se num autêntico estabelecimento cambial, tal era o volume de negócios que ali se desenvolvia. Os cheque voavam de mesa para mesa, desaparecendo debaixo dos pratos de feijoada.

José Silveira, um árbitro transmontano com algumas dificuldades na vida, devido aos maus negócios que tinha efectuado na sua empresa, necessitou, entretanto, de comprar uma carrinha Passat e falou com Reinaldo para lhe emprestar três mil contos para efectuar o negócio. Reinaldo levou-o ao presidente, e este não hesitou em passar-lhe o respectivo cheque para a compra da carrinha, mas exigiu ao árbitro que este lhe passasse um outro cheque da mesma importância, mas com um prazo mais alongado. Ambos concordaram, e o árbitro levou os três mil contos.

Quando Reinaldo regressou ao gabinete do presidente, perguntou, um tanto espantado:

- Não é um risco muito grande emprestar dinheiro a este gajo?

- Claro que é sempre um risco, mas não vamos ficar sem esse dinheiro. Isso foi apenas um investimento. Nós vamos precisar dele.

Passadas poucas semanas, o clube de Pinto da Costa lutava pelo título com o seu principal rival (perigosamente próximo, nessa temporada), e havia uma deslocação difícil mais a norte do País. PC chamou Reinaldo e explicou-lhe a situação:

- No domingo, vamos jogar o título. Temos de ganhar, de qualquer maneira, e as coisas não estão nada fáceis. Chegou a altura de pedir contas ao teu amigo árbitro de Trás-os-Montes.

Reinaldo entendeu logo o que o seu presidente queria; pegou no telefone e discou o número do árbitro.

Do lado de lá atendeu uma voz grossa e bem timbrada que Reinaldo identificou de imediato:

- Olá, estás bom?

- Quem fala?

- É o Reinaldo. O presidente mandou-me falar-te, porque precisa daquele dinheiro que te emprestou.

- Mas agora não tenho essa verba...

- Mas tu prometeste! !

- Claro que prometi, mas as coisas correram mal.

- Sabes que o presidente tem um cheque?

- Sei. E o que é que ele vai fazer?

- Nada, se tu te portares bem.

- Olha que porra. Até parece que ando a portar-me mal.

- Não é isso. Vais ser nomeado para fazer o nosso jogo de domingo e nós temos de ganhar de qualquer maneira. Não interessa como, temos é de ganhar.

- Já sabes que comigo não há problema. Diz ao presidente que pode contar comigo. Mas vê lá se me toca alguma coisa.

- Deixa isso comigo. Faz a tua parte, que nós depois cá nos entendemos.

No dia desse jogo, o árbitro transmontano passou pela maior vergonha para dar a vitória ao clube de PC, inventando um penalti que nunca existiu, com a agravante de tudo isto se passar em casa do adversário, situação que lhe originou uma penosa fuga pelas traseiras. Mas ele já estava muito batido nestas «saídas à comandante», assim baptizadas porque normalmente aconteciam no jeep do comandante da GNR.

Os jornais, a rádio e a televisão comentaram o escândalo, mas o título foi assegurado.

Dias depois, o árbitro transmontano, que de bruto só tinha o aspecto físico, foi em busca do cheque dos três mil contos que tinha passado a Pinto da Costa, mas este nem sequer o recebeu, mandando recado por Reinaldo:

- O presidente disse que aquele dinheiro nada tinha a ver com o empréstimo que te fez. São negócios diferentes. Nós fizemos-te um favor e tu retribuístes com outro. - Mas já viste o que passei no domingo para não ganhar nada com isso?

- Tem calma que vais recuperar esse dinheiro. Eu disse-te que não havia problemas, não disse? E vais ver que não há.

- Como é que então vais resolver essa situação?

- É fácil. Vou arranjar-te uns joguinhos e clientes para te pagarem o frete. Nós ficamos com o dinheiro e abatemos à dívida.

- Isso não é justo - disse o árbitro, ao mesmo tempo que dava um murro na mesa.

- Não te enerves, porque a situação não é tão injusta como tu julgas. Já sabes que connosco podes ganhar muito dinheiro e vais até superar com toda a certeza essa merda dos três mil contos. Deixa isso connosco, que nós arranjamos-te jogos para cobrir isso e muito mais.

GOLPE DE ESTÁDIO

De facto não faltaram jogos a José Silveira. Reinaldo não se cansava de lhe arranjar nomeações e pedir os respectivos fretes, mas a devolução do cheque é que nunca foi efectuada, tendo sido utilizado várias vezes para exercer sobre o árbitro o mais variado tipo de chantagem.

Os escândalos foram-se avolumando, e o árbitro transmuntano ficou de tal modo hipotecado à situação que mais tarde teve de fugir para o estrangeiro para evitar a prisão. Algures no golfo Pérsico, onde tentava montar um negócios de camelos, o pobre árbitro transmuntano dizia mal da sua vida:

- Grandes cabrões, servem-se de uma pessoa e quando ela já não é necessária lançam-na pela borda fora. Mas eles não vão perder pela demora!

CAPITULO XII

QUANDO UM VALENTE PERDEU A CORAGEM

José Silveira era apenas um exemplo de como alguns árbitros estavam agarrados a Reinaldo Teles e eram obrigados a executar todos os seus planos, muito embora, no meio de toda esta estratégia, surgissem algumas falhas no sistema. O certo é que os árbitros que mais dinheiro ganhavam com os negócios de Reinaldo Teles eram aqueles que apareciam mais vezes a apitar os jogos do seu clube, sendo-lhes exigidos favores à troca de nada.

Quanto mais egoísta era o árbitro e mais gastador se mostrava, mais hipotecado ficava. Quando queriam montar negócios ou necessitavam de dinheiro para cobrir algumas despesas da sua vida particular, telefonavam a Reinaldo Teles, e este, salvo raras excepções, nunca se fazia rogado na execução dos empréstimos, mantendo sempre em sua posse alguns documentos comprovativos.

Reinaldo Teles sabia bem avaliar a potencialidade dos empréstimos e quanto essa verba lhe iria render. Presos pelas dívidas, os árbitros em causa tinham de se submeter às ordens emanadas por Reinaldo ou Luis César, uma figura que, aos poucos, se foi transformando no braço direito do seu dilecto amigo. Os empréstimos eram abatidos mediante os jogos efectuados, mas a verba descontada na dívida era sempre muito inferior à que Reinaldo cobrava aos respectivos dirigentes que com ele contactavam.

Alguns árbitros estavam fartos de ser explorados e começaram a surgir algumas fugas. Contactados pelos clubes adversários dos protegidos de Reinaldo, traíam os objectivos e colocavam-se do lado contrário, para dessa forma levarem algum dinheiro. A organização era rígida e não perdoava tais veleidades. Reinaldo estava fora de si e, descontrolado, até insultava os árbitros em público.

- És um ingrato, mas vou tratar-te da saúde. Este ano já te dei a ganhar mais de 10 mil contos e tu traíste-me. Tás fodido comigo.

O árbitro, tentando arranjar desculpa para disfarçar o negócio que tinha feito, ainda ripostou:

- Não podia fazer mais do que aquilo que fiz, senão era um escândalo.

- Era um escândalo, o caralho!! Não viste, há três jornadas atrás, o que fez o Chico?. Foi preciso marcar três penaltis para ganharem, e ele marcou-os. Aconteceu-lhe alguma coisa? Claro que não. Ele está sob a nossa protecção.

- Ó Reinaldo, desculpa lá, não me fales dessa merda de desonestidades nem de ingratidões! Para eu ter ganho mais de 10 mil contos, tu ganhaste o dobro ou mais. Eu também estou fodido contigo, porque no jogo que fiz anteriormente ajudei o clube que me pediste e não vi nem um tostão. Não me venhas, por isso, com a conversa de que ele te pregaram o mico. Eu soube que eles te deram o dinheiro, e eu não ando aqui a fazer fretes de graça, ou para ganhares só tu.

- Está bem, está bem. Vais ver o que te vai acontecer!

E aconteceu mesmo: esse árbitro, que tinha subido ao primeiro escalão no ano anterior, acabou por ser novamente despromovido.

Reinaldo não perdeu a oportunidade para lançar o aviso sobre os outros:

- Estão a ver o que acontece a quem nos tenta foder e não quer colaborar connosco? Abram os olhos, comigo é que ganham dinheiro!

PC já tinha vários apoios associativos e alguns conselheiros na mão, e caso o presidente do CA não se deixasse influenciar, este já sabia que tinha os dias contados. Poucos foram os que conseguiram gerir com independência o sector. PC estava consciente da força que tinha e das alianças que possuía. Arrastava atrás de si uma grande força popular, argumentando com bandeiras políticas regionais; mas o que o seguiam de perto iam-se afastando, logo que verificavam que aquela bandeira servia apenas para encobrir os seus negócios e não perder o poder popular tão útil em situações menos favoráveis.

PC era capaz de tudo para ganhar. Para ele, não existiam barreiras nem personalidades. Habitou-se a esmagar quem se lhe atravessasse no caminho. Duas semanas antes de um jogo entre gigantes (Porto-Benfica) e onde se iria discutir o título, teve um encontro com o presidente do Conselho de Arbitragem, naquela altura um homem isento e honesto, mas com a consciência de que tinha de ter uma certa flexibilidade em algumas situações. A nomeação do árbitro para esse jogo era extremamente importante, e o assunto foi discutido entre os dois:

- Que árbitro é que lhe agradava para fazer o seu jogo?

PC não respondeu. Pensou um pouco, pegou num papel e escreveu o nome de um árbitro de Setúbal(Carlos Valente), entregando o papel ao presidente do CA. Este analisou-o e concordou com a situação, até porque o árbitro tinha qualidade e não era daqueles que normalmente negociavam nos bastidores.

O clube rival acabou por saber quem era o árbitro e também quem o tinha escolhido. O responsável pelo futebol desse clube, homem muito traquejado e capaz de fazer frente a PC, colocou um plano em marcha. Desconfiado de que PC já tinha o árbitro controlado, contactou com um dos seus fiscais de linha e negociou com ele o resultado do encontro.

Tudo se passou nos arredores da capital no campo de um clube de escalão inferior, onde esse fiscal de linha treinava habitualmente com outros árbitros. Só que, no dia em que o responsável do clube da capital se foi encontrar com o tal fiscal de linha, o encontro foi presenciado por alguém que também tratava da sua forma física. Este, desconfiado, no dia seguinte ligou para Pinto da Costa.

- Queria falar com o Senhor Pinto da Costa.
- Da parte de quem? - responderam do lado de lá da linha.
- Diga-lhe por favor que fala Maciel Feijoca.

Bzzz, click...

- Olá, está bom? Então o que é que manda? - perguntou PC do lado de lá do fio.
- PC, ontem vi o Gaspar Ramos a falar com um dos fiscais de linha do árbitro que vos vai apitar no domingo. Ponha-se a pau.

- Ah, sim! Esse gajo está fodido comigo! Vou já tratar do assunto.

Depois de desligar o telefone, PC, lívido de raiva, ordenou que lhe fizessem uma chamada para o presidente do CA. Logo que este lhe surgiu do lado de lá do fio, entrou a matar:

- Tem de me mudar o árbitro do nosso jogo!
- Então não foi você que o escolheu?
- Pois escolhi, mas soube agora que o Gaspar Ramos já contactou com um dos seus fiscais de linha.
- Isso pode não querer dizer nada, e a faltarem três dias para o jogo não vou substituir o árbitro. Isso seria um escândalo.
- Mas tem de ser, senão eu vou fazer um barulho dos diabos.
- Faça aquilo que quiser, desde que seja você a assumir essa responsabilidade. Pode até dizer aos jornais que sabe desse encontro. A responsabilidade é sua.

Sentindo a inflexibilidade do presidente do CA, ligou de imediato a Adriano Pinto, o homem que o socorria nos momentos de maior aflição, mas nem este conseguiu demover o presidente do CA da sua atitude. Pinto da Costa colocou então em movimento uma outra estratégia e, através dos meios de comunicação social, criticou aquela nomeação, levando, como era seu hábito, o assunto ao rubro. O certo é que no dia do jogo confirmaram-se as suspeitas, e o tal juiz de linha que fora visto a ser contactado pelo dirigente do clube adversário não se portou nada bem, prejudicando o clube de PC. Para agravar, um habitual suplente (César Brito) da equipa adversária até bisou, dando a vitória e o título à sua equipa. Pela primeira vez, o assalariado de PC que treinava a equipa (Artur Jorge) deixou o verniz estalar, chorando baba e ranho na cara do dito juiz de linha.

À saída, os árbitros setubalenses levaram uma grande sova, e o chefe de equipa, coitado, sem saber de nada, até levou porrada da mulher de Reinaldo Teles.

- Mas, meus amigos, eu não tenho nada a ver com isto, como vocês sabem - desabafava o apitador, enquanto colocava pomada na zona atingida.
- O que é que eu fiz para merecer isto? Como é que vou explicar à minha mulher estas arranhadelas nas costas? - E, mesmo sendo um homem valente, começou a choramingar...

Pinto da Costa teve durante toda essa semana de provar o sabor amargo de que, afinal não conseguia controlar todas as situações. Sentiu que tinha de refinar os seus métodos e mandou chamar Reinaldo Teles para discutirem os dois o problema.

Reinaldo Teles entrou envergonhado no gabinete do presidente. Não sabia o que dizer. Ele que julgava que tinha o mundo da arbitragem na mão, que tinha inclusive aconselhado o seu presidente a escolher aquele árbitro, e que acabou por ser traído.

Pinto da Costa quando viu o seu «vice» entrar no seu gabinete, de cabeça baixa, disse num tom apaziguador:

- Não vale a pena estarmos agora a bater mais no ceguinho. Temos é de tomar medidas para que uma coisa destas não volte a acontecer.
- Ó presidente, sabe que não controlamos os árbitros todos.
- Sei muito bem disso, mas a partir de agora, para estes jogos mais importantes, temos de fazer com que sejam nomeados árbitros da nossa inteira confiança e que alinhem no escândalo, se for necessário. O mais importante é ganharmos.

Reinaldo ficou mais animado com as palavras do presidente e lançou um alerta:

- Isto até é mau para o nosso negócio. Os outros árbitros começam a perder-nos o respeito, e nós acabamos por perder não só o controlo da situação com também aquela dinheirinho que entra todas as semanas.

- O povo é de memória curta, e com mais umas vitórias esquece o que aconteceu no domingo.

Pinto da Costa e Reinaldo Teles gastavam dinheiro à grande e à francesa. A paixão de PC pela Maria era cada vez mais forte, e isso trouxe-lhe custos exagerados, porque ela sempre se revelou uma mulher de gostos caros e tinha de garantir o futuro da filha de ambos, amealhando alguns cobres. E Reinaldo estava cada vez mais viciado no jogo. Em cada cidade que parava não resistia a uma visita ao casino local. O vício pelo jogo era tremendo. Até parecia castigo de Deus.

Tinha entrado nos casinos para lavar dinheiro para os seus negócios pouco claros e acabou por ficar agarrado à roleta. Reinaldo sonhava com Las Vegas, e não havia quem o convencesse que não muito longe ficam os precipícios do Grand Canyon...

- Mas no meu caso não vai ser assim. O dinheirinho que entra todas as semanas há-de dar para estas coisas e muito mais.

O futebol é um grande negócio e, agora, que temos a arbitragem na mão, não nos via faltar dinheiro - dizia Reinaldo a Luis César, na tentativa de o convencer a não o aborrecer mais com aquelas conversas de que ele andava a arriscar dinheiro de mais no jogo. - Quem não arrisca, não petisca! - gostava de repetir Reinaldo, especialmente quando desperdiçava umas milenas no preto para ver sair o vermelho, ainda para mais o vermelho...

- Olha, essa merda do jogo ainda há-de ser a tua desgraça. Faz mas é como eu. Vou investindo nuns apartamentos. Pelo menos fico com o futuro garantido - dizia-lhe Luis César.

- Não te preocupes com isso. O negócio vai melhorar. O presidente tem aí um projecto em vista que vai mudar isto tudo - respondia Reinaldo.

Tornava-se muito arriscado tentar servir vários clubes ao mesmo tempo. As pessoas já falava muito nessas histórias e qualquer dia rebentava um escândalo medonho. PC reuniu-se com Reinaldo, e ambos discutiram a nova forma de ganhar dinheiro com a arbitragem, mas com a situação completamente controlada ou, pelo menos, mais controlada.

O futebol continuava a ser a guarida dos homens endinheirados à procura de promoção social. Ter muito dinheiro não bastava. Eles gostavam de ser conhecidos, e nada melhor que o futebol para promover socialmente os novos ricos. Reinaldo Teles sabia melhor que ninguém quais eram os empresários que manifestavam grande disponibilidade financeira. A maior parte deles eram seus clientes e deixavam no seu bar muitas centenas de contos através das suas raparigas contratadas. Era só arranjar uma forma de lhe aliviar um pouco mais a bolsa, e o futebol era o melhor meio para isso. O desporto-rei servia de capa para o mais variado tipo de situações. Era só saber aproveitá-lo. Servia para lavar dinheiro e principalmente para fazer esquecer certos preconceitos sociais. O exemplo de Reinaldo era o que mais evidenciava essa situação.

Chegou ao Porto para servir na tasca do tio, foi um dos mais conhecidos chulos da cidade, continuava a viver à custa da exploração de carne branca, e as famílias mais conceituadas esqueciam-se disso tudo para o apoiar até à vice-presidência de um dos clubes mais prestigiados da Europa. A sua mulher, que palmilhou noites seguidas na Rua de Santos Pousada, era agora uma senhora bem colocada e apaparicada por todos aqueles que rodeavam o clube, não obstante continuar a ser a dona de um bordel.

O futebol é um fenómeno social, e era necessário saber retirar o devido proveito desse facto.

Pinto da Costa tinha vindo de boas famílias, mas era criticado pelos seus parentes, devido ao relacionamento que tinha no mundo da bola. A sua inteligência não deixava dúvidas e, unindo esse factor à facilidade com que Reinaldo se movimentava no mundo do crime, formava com Teles uma dupla quase imbatível.

Reinaldo Teles só possuía a cultura adquirida na tasca do seu tio, e o seu discurso só tinha êxito no bas-fond da cidade. As entrevistas que ia dando só podiam ser concedidas a jornalistas da sua confiança, para que a sua ignorância não se manifestasse com tanta evidência, mas era eficiente nas jogadas de bastidores, e era nessa qualidade que Pinto da Costa o aproveitava. Não podia, porém, nem responder nem servir de escudo para os ataques vindos de outros clubes cujos dirigentes conheciam muito bem a sua actividade. Para além de não possuir a capacidade de PC, tinha muitos rabos de palha, e quando surgia em maior evidência nunca conseguiu retirar muitos efeitos mediáticos. A sua grande mágoa era ainda não ter podido encontrar um negócio que lhe desse tanto dinheiro como os alternos. Muitas vezes lamenta-se com os seus amigos.

- Tenho de acabar com esta merda. Até os colegas dos meus filhos na escola dizem que eu vivo das putas, que sou um chulo.

Mas o dinheiro ganho com facilidade sempre superou essas mágoas e também não podia prescindir dos serviços da sua mulher, pois ela era uma expert no assunto e o segredo do êxito do bar de alternos.

- É que isto de lidar com putas não é tarefa fácil para ninguém. Ou temos os olhos bem abertos ou somos comidos indecentemente. A minha mulher conhece o negócio como ninguém e todos os truques. Já não é comida com facilidade - consolava-se Reinaldo, nas noites de maior angústia, quando tentava ler uma obra de Eça de Queirós.

Quem não dava muita importância a essa situação era Pinto da Costa. Para ele, até era bom que o seu amigo de maior confiança tivesse boas putas. Quantas mais ele tivesse, mais ele comia, e o bar sempre era um local de bom chamamento para os seus negócios menos lícitos.

Pinto da Costa já tinha tido dissabores com alguns desses negócios, e os da arbitragem começavam a ser muito denunciados, mas como o dinheiro desse sector era muito e fazia falta, havia que se estabelecer um novo plano de ataque.

As despesas eram muitas e, depois de falidas as empresas em que ele tinha gasto tantos milhões, quase toda a gente já sabia que ele viva somente à custa da influência que o seu clube lhe fornecia para certos negócios. De vendedor de fogões a empresário falido, PC tinha, porém, a certeza de que o mais importante estava feito: o seu clube ia na crista da onda, e o cartão de crédito que tinha no bolso não tinha tecto. Afagando-o, PC acabou por adormecer embalado por um pensamento reconfortante: «Antes um bom Visa que um bis».

CAPITULO XIII

BOLAS AO POSTE

Reinaldo Teles trabalhava no mundo da arbitragem com um certo à vontade. Comprava e vendia com a maior das facilidades. Sentia-se seguro e acabava por cometer erros que, acumulados, se iam tornando perigosos, não obstante usufruir de uma grande cobertura judicial, desportiva e política, situações que eram consubstanciadas através de favores concedidos em todas estas áreas, tendo como referência o poder do seu clube.

A bandeira do Norte era içada defendendo um regionalismo recheado de hipocrisia. Esta era a forma de arregimentar a força do povo nortenho quando era necessário fazê-lo sair em defesa de interesses meramente pessoais. Pois se os títulos e os golos eram importantes para os fervorosos adeptos do seu clube, eram muito mais para eles, porque era essa força que servia de suporte aos negócios marginais.

Pinto da Costa tinha consciência de que no futebol eram autorizados, por parte dos adeptos, alguns jogos obscuros de bastidores. A vitória era importante e combatia-se dentro e fora dos relvados. Alguns adeptos até denunciavam um certo gosto pela habilidade nata com que alguns dos seus dirigentes se movimentavam nos bastidores, mas também se sabia que nenhum deles aprovava que se retirassem benefícios em proveito próprio e muito menos utilizando o seu clube para isso. Mas como o clube ia ganhando...

Começaram a surgir algumas denúncias, e uma maior cautela era a medida a tomar com uma certa urgência. Andar a negociar árbitros a retalho era perigoso de mais. Os movimentos multiplicavam-se, e os riscos aumentavam. Alguns jornalistas não se deixaram dominar pelo medo e acabaram por sofrer emboscadas, sendo presenteados com alguns socos como medida de intimidação (entre eles o autor deste livro, Marinho Neves). Reinaldo Teles foi avisado e não parava de pensar como é que o negócio teria de ser conduzido para se acabarem com alguns boatos que começavam a tornar-se perigosos. Nem sequer equacionava poder vir a acabar com um comércio tão rentável. Tinha de encontrar uma solução mais eficaz e menos notada. Já se habituara a ganhar algumas centenas de contos semanalmente, e o seu vício pelo jogo no casino requeria grandes proventos.

A ideia acabou por surgir através de um dirigente de outro clube que se tornara um grande cliente e que começou a entender a complexidade do negócio e a dificuldade em acudir a todos os pedidos.

- Porque é que vocês não se dedicam a um ou dois clubes em vez de andarem a acudir a todos os fogos. Façam contas e vão verificar que o negócio se torna mais rentável, é mais seguro e não gera tantas confusões.

Reinaldo Teles ouviu com atenção a observação, e, como dizia, a sua mioleira acendeu-se como um cockpit no momento da aterragem. Para arrefecer as ideias, pediu ao seu empregado que lhe trouxesse mais um whisky.

- Mas com muito gelo.

Saboreou durante largos minutos a sua bebida, elaborando mentalmente um novo plano de ataque. Olhou à sua volta e, ao verificar que uma das suas prostitutas se despedia de um cliente depois de lhe ter sacado duas garrafas de champagne, fez-lhe um sinal e chamou-a.

Ela olhou admirada e colocando o dedo indicador no meio do peito nu, bem dentro de um decote que ameaçava fazer-lhe saltar as mamas a qualquer momento, interrogou-se, encolhendo os seus lábios vermelhos e carnudos:

- Eu?!

Reinaldo passou a mão pelo rosto, fez rodar o copo entre os dedos para agitar o gelo e acenou com a cabeça, confirmando o chamamento.

Rebolando a anca, atravessou a pista de dança e dirigiu-se a Reinaldo.

- Senta aí.

- Mas que luxo! Ser convidada para a mesa do patrão!

- Cala-te e ouve. O Luis César dormiu contigo esta noite?

- Já sabe que sim. Ou ainda não lhe disseram que ando com ele.

- Sei muito bem que andas com ele, e quero é saber onde o posso encontrar agora... neste momento.

- Como ainda é cedo, deve ter passado por casa. Mas ele disse-me que vinha cá hoje. - A que horas?

- Ai, isso não sei! Mas deve estar a chegar.

- Se por acaso estive ocupado na altura em que ele chegar, diz-lhe que eu quero falar com ele com urgência.

- OK! É só isso? - disse a empregada antes de se retirar, ao mesmo tempo que puxava as mamas para cima e deitava o olho a um novo cliente.

Reinaldo Teles dirigiu-se para o balcão onde estava a sua mulher a chamar a atenção de uma das suas empregadas.

- Estás aqui para trabalhar e não para namorar. Estiveste na mesa daquele gajo e nem um copo lhe sacaste.

Reinaldo Teles ia a pedir um pouco de calma à sua Luísa, quando viu Luis César a entregar a sua gabardina ao porteiro. Fez-lhe logo sinal com a mão e, após uma breve troca de olhares, dirigiram-se para uma mesa mais recuada e sem barulho de música.

Reinaldo apresentou-lhe a sua ideia para se avançar com uma nova forma de negócio. Ao fim de alguns minutos, estava tudo resolvido. Iam trabalhar com três ou quatro clubes de divisões inferiores e com um ou dois de primeira categoria, prometendo-lhes a manutenção. Desta forma, a acção não colidia com os interesses do seu clube muito pelo contrário, podia até sair beneficiada.

Reinaldo estava tão entusiasmado com o negócio, que deixou Luis César embasbacado quando lhe disse:

- Isto não tem nada que saber. Vamos deixar de trabalhar jogo a jogo. Para correr tudo bem, necessitamos de tempo e organização. O clube que quiser subir contacta-nos com tempo, fazemos o preço e temos todo o campeonato para tratar do assunto. Desta forma, podemos jogar com algumas falhas e colmatá-las com outras jogadas e outros intervenientes.

Luis César ouviu com atenção, mas ficou desconfiado, pois não lhe passava pela cabeça vir a perder dinheiro. Além do mais, ficava sem campo de acção para algumas das suas jogadas em que prometia levar o dinheiro a alguns árbitros e nem sequer os contactava. Mas Reinaldo descansou-o.

- O teu papel continua a ser o mesmo. Nós temos de trabalhar todas as semanas, temos de fazer os nossos contactos, só que desta forma a massa vem dos clubes antecipadamente. No início do campeonato estabelecemos um preço de subida e, como em negócios destes não há crédito, eles dão-nos o dinheirinho adiantado e nós é que gerimos a situação.

- E já tens algum cliente? Estamos a mais de meio do campeonato, e até ele acabar não vamos ganhar mais nenhum? - perguntou Luis César, preocupado e ainda confundido com esta nova situação.

Mas Reinaldo não perdeu tempo, expondo-lhe novos pormenores do negócio:

- Estamos em Março, e é a partir de agora que começam as grandes confusões. Estive a falar com o presidente de um clube que está à rasca. Não quer descer e, como dinheiro é coisa que não lhe falta, vamos arrancar com esse negócio. Amanhã vais falar com ele, apalpas a situação e, se o vires interessado, combina com ele um encontro aqui no bar, que depois eu faço o resto. Trata disso sem falta amanhã, que eu agora vou até ao casino aumentar a minha fortuna.

- Já vais foder o dinheiro todo nessa merda. Assim, não há negócio que resista - lamentou-se o Jorge.

Na tarde seguinte, Luis César fez o seu contacto; falou com o presidente do tal clube que não queria descer e, vendo que este se mostrou interessado no negócio, marcou encontro para essa noite.

Reinaldo Teles escolheu duas das suas melhores mulheres, avisou Luísa de que naquela noite iria aparecer um bom cliente e deu instruções para que nada faltasse, porque estava em perspectiva um bom negócio.

Quando ia a sair, disse a Luísa para ela falar com as duas empregadas, avisando-as de que, se fosse necessário, elas sairiam com esse cliente.

- É que ele gosta de ter mais que uma mulher na cama, e é bom que ele saia daqui satisfeito.

Nessa noite, Reinaldo Teles chegou atrasado ao bar, mas fê-lo de propósito, para que as suas duas empregadas tivessem tempo de levar o cliente ao ponto que ele queria. Quando fez a sua entrada, a situação já estava a ser controlada por Luis César.

- Ele está no ponto de rebuçado.

- É assim mesmo que eu o quero.

Após estas palavras, Reinaldo dirigiu-se para a mesa do seu convidado e disse, com um ar de não total inocência:

- O presidente está bem acompanhado!

Ambos trocaram um sorriso e compreenderam que tinha chegado a altura de ficarem sozinhos para tratar de negócios. As duas mulheres, após um ligeiro sinal, levantaram-se da mesa sob o argumento de que tinham de ir à casa de banho recompor a maquilhagem, mas prometendo voltar logo que se acendesse a luz verde...

Reinaldo Teles começou a falar da situação aflitiva em que estava o clube do seu interlocutor, passando de imediato àquilo que mais interessava e que tinha proporcionado aquele encontro.

- Estive ontem a pensar na vossa situação e cheguei à conclusão de que, se não houver um trabalho a sério, vocês vão direitinhos.

- Nós também temos consciência disso.

- Ainda ontem um presidente veio ter aqui comigo para ver se eu o ajudava a sair de uma situação como a vossa, mas eu não lhe disse nada até falar consigo. Se vocês quiserem, prefiro ajudar o vosso clube. Sempre é da nossa associação(Porto).

- Claro que queremos, mas também não temos muito dinheiro para gastar.

- Estive a fazer contas e penso que, com 50 mil contos, podemos controlar a situação até ao final do campeonato. Mas, atenção, que este dinheiro também é para ser investido no campo do adversário.

- Com 50 mil contos, vocês garantem-nos a manutenção?

- Quase a 100 por cento.

- Quase?

- Sim, quase, porque a bola, que eu saiba, continua a ser redonda...

- E como é que vamos pagar esse dinheiro?

- Em três tranches. Dez mil agora e mais duas de vinte mil quando virmos que é necessário o investimento.

- Está combinado. O Luis César pode passar lá amanhã pelo meu escritório e já traz o cheque dos 10 mil.

Estava em curso uma nova forma de negociar, e pelos vistos mais segura, para além das vantagens que isso [trazia. Com](#) aqueles 50 mil contos podia fazer-se muita coisa, uma das quais era tentar atrasar os mais directos adversários do clube de Reinaldo Teles. Quando estes fossem jogar com o clube que tinha pago os 50 mil contos, investia-se nessa [situação. Com](#) um tiro matava dois coelhos: o seu clube adiantava-se em termos de pontos, e o seu cliente ficava bem servido.

Só que o egoísmo levou-os a cometer novos erros. O dinheiro era fácil e gastava-se ainda mais facilmente. Reinaldo pedia cada vez mais e investia cada vez menos. Estava ciente do poder que tinha e jogava com algumas promessas de árbitros em termos de classificação no ranking final, pagando cada vez menos em dinheiro e fazendo prevalecer outras situações de favor. Alguns árbitros contentavam-se com isso, mas outros arriscavam e, sabendo que eles estavam a ganhar dinheiro com os seus favores, exigiam a quota parte deles. Surgiram então algumas ameaças de despromoção, e não faltaram desentendimentos, assim como processos de pura chantagem, ao melhor estilo de um filme que Luis César um dia alugou no clube de vídeo da esquina, O Padrinho.

Mas como o tempo não parava e a bola se revela teimosamente redonda, as coisas complicaram-se, até que se chegou ao final do campeonato, e o clube que tinha investido 50 mil contos para não descer jogava a sua última cartada em 90 minutos de futebol.

Reinaldo Teles multiplicou-se em acções, jogando em vários campos, mas era tarde de mais para controlar todas as situações. Havia que investir em vários jogos, e o dinheiro tinha sido gasto no casino e noutros negócios. Mesmo assim, ainda tentou outras soluções, mas os adversários mais directos não andavam a dormir e também tomaram as suas precauções.

Já depois dos 90 minutos regulamentares, uma das equipas, não incluídas no seu «pacote», e que jogava a norte, marcou o golo que lhe garantia a permanência. A aposta de Reinaldo Teles tinha falhado. Jogadores, treinadores e dirigentes nem queriam acreditar, e o presidente do clube que tinha dado os tais 50 mil contos para não descer evaporou-se durante mais de três semanas.

Claro que depois choveram as desculpas e inventaram-se as maiores jogadas para encobrir o desastre. Reinaldo Teles, depois da tempestade, prometeu que na época seguinte esse clube subiria - e de facto, subiu, muito embora com um investimento menor. Era necessário salvaguardar a imagem para que o negócio não se perdesse, mas para tapar esses buracos houve outros investimentos que falharam.

Por exemplo, numa tentativa de subida da 2ª Divisão B à Honra, fez-se também um grande investimento que, tal como o outro, não resultou precisamente na última jornada. Havia dois clubes com possibilidades de serem promovidos. Um deles estava a ser protegido por Reinaldo Teles e a sua organização, o outro vivia da habilidade de alguns dos seus dirigentes que se mexiam bem no seio da arbitragem e conheciam por dentro o negócio.

Na última jornada, o clube que estava protegido por Reinaldo ia jogar a casa de um adversário cujo resultado já não contava para nada. O árbitro desse jogo tinha a promessa de que iria ser internacional, e Reinaldo garantiu que este estava controlado. O presidente do clube que queria subir prometeu mesmo uma prenda à mulher de Reinaldo Teles, caso o seu clube fosse promovido:

- Ofereço-te um BMW novinho em folha. Eu sei que gostas deste carro, e o Reinaldo não se importa que eu te dê esse prenda.

Luísa arregalou os olhos de contentamento e não mais deu descanso ao seu homem:

- Vê lá o que andas a fazer. Ele tem que subir. Eu quero aquele BMW.

Só que os outros não andavam a dormir. Tinham a situação controlada para o jogo que iam disputar em casa e a aposta tinha de ser feita no jogo com o outro adversário candidato à subida.

Na semana que antecedeu esse jogo, já se sabia quem iria ser o árbitro do encontro. Era do Alentejo, terra onde abundam sobreiros e cortiça, e tal como o tal clube era de uma terra onde se fabrica muita rolha; através de um emissário foi dada uma palavrinha ao tal árbitro, mas a proposta no valor de 10 mil contos, foi prontamente recusada. Este foi o sinal de que o árbitro já estava feito com Reinaldo Teles, porque me relação à sua honestidade não havia rolhas que tapassem o fedor que ali se guardava...

Só havia uma solução para combater a estratégia de Reinaldo Teles. Os homens da cortiça contactaram o clube a quem o resultado pouco interessava e, como os seus jogadores tinha os vencimentos em atraso, ofereceram-lhes 20 mil contos para ganharem. Era muito dinheiro, e ninguém resistiu à proposta.

No dia do jogo, os homens da cortiça lá estavam com a verba combinada: 10 mil contos em dinheiro, trocado no dia anterior no casino por cheques e outros 10 mil em papel com garantia de altos dirigentes federativos da zona centro do País. Ávidos pelo dinheiro que lhes estava a ser oferecido, os jogadores nem pensaram duas vezes, e as habilidades do árbitro não foram suficientes para combater toda aquela (falta de) ambição...

Reinaldo Teles tinha perdido mais uma aposta. Tinha falhado mais uma promoção. Fez, no entanto, os seus negócios e ganhou dinheiro com isso. Só mesmo a Luísa é que ficou sem o seu BMW.

- Puta que te pariu, Reinaldo! Como se não bastasse o facto de não me foderes, ainda me fazes andar de Opel! - gritou Luísa, depois de mais uma «nega» do marido, numa noite, ainda para mais, de lua plena...

- Desculpa, filha, acho que bebi de mais! - adiantou Reinaldo, antes de rolar os olhos rumo a um sono sem sonhos, os seus preferidos.

A GRANDE APOSTA

Apesar de falhas bem visíveis na organização, Reinaldo Teles continuava a usufruir de uma excelente reputação no negócio das arbitragens. A máquina estava bem montada, e os perdedores eram levados a acreditar que era praticamente impossível controlar todas as situações de forma a garantirem a vitória. Reinaldo defendia-se afirmando que, se o processo não fosse falível, acertava todas as semanas no totobola. As pessoas conheciam os pormenores da organização e sabiam que o risco de erro era mínimo, mas existia...

Reinaldo Teles controlava várias áreas adjacentes ao mundo do futebol e sempre era melhor estar de bem com ele do que tentar lutar contra a sua estrutura. O negócio de corrupção já há muito tinha ultrapassado a arbitragem, encontrando-se instalado noutros sectores. Por vezes, controlar o árbitro não chegava e também era verdade que, nem todos os árbitros se deixavam enredar na teia bem urdida por Reinaldo e Luis César e, por isso, tornava-se necessário alargar o campo de acção a outros sectores e a alguns jogadores que, na ânsia de arranjar melhores contratos, alinhavam em favores extra. Valia tudo para se servir o melhor possível o cliente.

Reinaldo e Luis César tornaram-se especialistas na tramóia. Tinham toda a cobertura possível do clube que representavam. Aos poucos, os dirigentes dos outros clubes ficavam dependentes da sua acção e dos seus serviços. No início de cada época, era elaborada uma lista de jogadores a emprestar pelo clube de Reinaldo, e os primeiros a ter acesso a essa lista eram aqueles que se comprometiam a ser os melhores clientes, depositando milhares de contos nos cofres da organização. Destes dividendos, o clube não via nem um tostão, e por isso é que alguns dirigentes com maior estatura moral, ao aperceberem-se que alguns parasitas viviam à conta do seu clube, abandonavam as suas posições, não deixando de comentar:

- Isto é impossível. Um clube com tanta dignidade vive rodeado de chulos. É quem mais se orienta.

- É preciso ser-se maluco para depender exclusivamente de um pé-descalço e de um mentecapto.

- O melhor é sair do barco, senão ainda vamos ao fundo com ele e se isso acontecer já ninguém nos arrancará do lodo...

Até o Ilídio, que já tinha investido milhares de contos no clube do seu coração, deixou de acreditar que, algum dia, poderia vir a ser «vice» do futebol profissional e deixou de contribuir quando era chamado a apagar alguns fogos de ordem económica. E gabava-se disso, sem tentar esconder a sua posição:

- Deixei de ser burro. Era o que faltava, andar aqui a ganhar honestamente o meu dinheiro para sustentar estes chulos. Se falta dinheiro, que o ponha lá quem o ganha à custa do clube. Se derem 10 por cento do que ganham à nossa custa, já podem acudir a alguns fogos. Sempre é melhor deixarem o dinheiro no clube que os sustenta que deixá-lo no casino.

Ilídio sabia que tinha peso entre os adeptos, pelo menos desde o dia em que resolveu pedir a sua demissão de dirigente e, ao contrário de que aconteceu a outros, Pinto da Costa se apressara a fazer com que ele regressasse. Gostava de ser campeão todos os anos, mas não apoiava os processos utilizados por Reinaldo e muito menos, ao contrário de outros, deixava que a sua mulher se misturasse com a Luísa nas viagens ao estrangeiro.

Reinaldo Teles ganhava apoiantes entre aqueles que comiam algumas migalhas do seu bolo. Como era conveniente, controlava alguns delegados técnicos, montando um sistema de protecção aos árbitros que com ele colaboravam. Servia-se do seu clube para se insinuar perante os membros do Conselho de Arbitragem, deixando no ar promessas que raramente eram cumpridas.

A chantagem era o trunfo mais utilizado na intimidação das pessoas que se deixavam levar por alguns processos menos claros e que, depois de entenderem que pouco ganhavam com isso, manifestavam a intenção de sair da organização. Esses processos, na maior parte das vezes, eram utilizados contra jogadores que se deixavam corromper e que, depois de se sentirem enganados com falsas promessas, se recusavam a aceitar um segundo negócio. Também havia aqueles que, não querendo alinhar no sistema de corrupção, quando contactados, se recusavam a tal. Esses eram constantemente ameaçados e só com muita dificuldade arranjavam novos clubes depois de terminarem os seus contratos. Era a política do medo que se exercia sobre jogadores e dirigentes. Quem contrariasse Reinaldo, sentia que estava a contrariar PC, e o resultado era quase sempre funesto.

As pessoas sentiam que lhes estavam a sonegar dinheiro, mas não tinham coragem para se impor. Sabiam por experiência que não era muito saudável alguém voltar-se contra quem manda no futebol.

A arrogância com que a dupla PC-Reinaldo actuava e a ditadura que impunham provocava até situações ridículas, mas nada era feito ao acaso. Um dos exemplos disso estava num dos anúncios transmitidos semanalmente pelo totobola. Nesse anúncio surgiam golos de várias equipas, e como o clube de PC tinha sido esquecido, o próprio presidente contactou a Santa Casa e fez saber que, se não incluíssem num desses anúncios um golo do seu clube, ele mesmo faria uma campanha anti-totobola.

A chantagem valia para tudo, mas PC era também mestre na simpatia, e quando lhe convinha atingir determinado objectivo, se fosse necessário, tornava-se até subserviente.

PC e Reinaldo tinham personalidade muito idênticas que se dividiam entre o anjo e o demónio, e por isso é que se entendiam bastante bem e existia uma confiança sem limites entre ambos.

PC era o mentor, e Reinaldo o executor. Luis César queria imitá-los, mas as suas limitações não lhe permitiam longos percursos nessa área. Explodia com muita facilidade e, como não tinha a noção do ridículo, deixava cair a máscara e denunciava a sua real personalidade. Também era verdade que lhe cabia assumir os papéis de maior desgaste.

A organização era superiormente constituída e soberbamente organizada. Escolhia os árbitros de personalidade mais frágil para patrocinarem os escândalos nos jogos onde era necessário vencer a qualquer preço e, depois de utilizados, quando já não possuíam qualquer tipo de credibilidade, esses mesmos árbitros eram abandonados e abatidos ao efectivo.

Alguns treinadores também se deixaram possuir pela vida fácil de arranjar emprego, entregando toda a sua carreira à responsabilidade de Reinaldo Teles. Ele é que os colocava, mas sempre com o objectivo de conseguir novos clientes. Muitos deles sujeitavam-se ao desemprego durante meses a fio, para esperarem a oportunidade e a ordem dada por Reinaldo.

Quando surgia um elemento endinheirado à cabeça de um clube, Reinaldo não perdia tempo. A carreira desse clube começava a sofrer oscilações, até que o presidente era aconselhado, através de um sinal subtil de boa vontade, a mudar de treinador. O acaso proporcionava encontros programados à distância com elementos ao serviço de Reinaldo:

- Com esse treinador não vai a lado nenhum. Arranje outro enquanto é tempo.

- Não é assim tão fácil como isso. Não há por aí treinadores aos pontapés, e também é necessário pagar-lhes - reagia o presidente, em situação de desespero.

- Ó homem, fale com o Reinaldo que ele arranja-lhe um gajo com capacidade. Ele é que controla isto tudo. Estou a ser seu amigo, não ganho nada com isso!

Muitos desses presidentes não agiam de imediato, mas, como os bons resultados teimavam em não aparecer, acabavam por seguir o bom conselho daquele amigo tão providencial. Caíam que nem patinhos na teia que lhes tinha sido estendida.

Depois de contactado, Reinaldo colocava a máscara do amigo, do proteccionista que age sem qualquer tipo de interesse. Um autêntico bom samaritano.

- Vou arranjar-lhe um treinador de cinco estrelas. Não se preocupe que a partir de agora vai correr tudo muito melhor - garantia aos presidentes mais conhecidos, nos intervalos de algumas beijocas e outras tantas mamadas de algumas especialistas pagas a peso de ouro.

Uma semana depois de o novo técnico estar ao serviço desse clube, surgia o conselho tão desejado para os presidentes mais inexperientes:

- Tem de começar a aparecer no bar do Reinaldo mais vezes. Ele é um gajo porreiro. E lá é que se resolvem todas as situações.

Tentando rentabilizar o investimento que já tinha feito, o «homem» era recebido como um marajá. Luísa encarregava-se de lhe colocar na mesa um ou duas das suas melhores mulheres. Reinaldo dava ordem para que o serviço de bebidas não falhasse e, para não dar nas vistas, naquele primeiro dia a conta era arredondada para baixo e elevados os carinhos proporcionados pelas raparigas. O dirigente saía satisfeito, e até comentava com os seus colegas:

- O Reinaldo é um gajo porreiro. Meteu-me duas mulas na mesa boas como milho, e no final a conta foi uma merdita.

O pior acontecia nas visitas seguintes. Iludido com tamanha amizade, o dirigente tornava-se cliente assíduo e, para não parecer mal andar no putedo, sempre tinha a desculpa de que ia tratar de negócios com Reinaldo. Este, por seu lado, só tinha de esperar até que a vítima ficasse definitivamente presa.

As bebedeiras sucediam-se, e alguns chegavam até a mijar-se pelas pernas abaixo para descontentamento as mulheres que os tinham de aturar, mas Reinaldo não tinha contemplações quando alguma das suas empregadas se queixavam que já não aguentavam mais micções ou vomitados daqueles pacóvios que estavam ligados ao futebol.

- Coitados, nunca saíram de casa e agora bebem dois copos e cagam-se todos. Reinaldo Teles não gostava desse tipo de comentários e cortava-os pela base:

- Se não queres trabalhar, fala ali com a Luísa que ela faz-te as contas e vais com a Nossa Senhora.

As putas bem se lamentavam, porque com os dirigentes do futebol as suas comissões diminuía, pelo menos nos primeiros tempos, dado que a intenção não era esmifrá-los, como faziam aos outros clientes, mas cativá-los para operações bem mais proveitosas para o... patrão.

- Estás a mangar? O que ele quer é embebedar os perus...

- Não tenho pena deles. Tenho mais pena de mim. Ando aqui a dar tudo o que tenho, e o que ganho com esses pavões nem dá para a cabeleireira.

- Tem paciência, Vaninha. Pode ser que ainda venhas a casar com um jornalista desportivo, como eu...

As putas já estavam resignadas.

Chegada a hora de o abutre picar sobre a carcaça, Reinaldo começava a gerir a situação, dando toda a cobertura ao clube cujo treinador lá tinha colocado. As tabelas eram feitas mediante os escalões em que os clubes militavam e, como normalmente as coisas melhoravam de imediato, toda a gente se sentia satisfeita. O presidente tornava-se um bom cliente, diminuindo o orçamento para a contratação de jogadores e aumentando a verba de despesas confidenciais que iam direitinhas para os bolsos de Reinaldo. A qualidade do futebol decrescia também, porque já não era necessário investir-se em bons profissionais, mas sim nas habilidades e manobras de bastidores.

Os dirigentes não escondiam essa situação:

- Que importa ter bons jogadores se não ganhamos!...

À parte tudo isto, os treinadores colocados por Reinaldo também alinhavam em várias jogadas, principalmente nos finais de campeonato. Quando não estava em causa o resultado para uma das equipas cujo treinador fazia parte da carteira de Reinaldo, era fácil pedir-se-lhe a derrota para beneficiar um outro cliente. Todos ganhavam dinheiro com isso.

O sector do futebol júnior também foi transformado num grande negócio através do empréstimo de jogadores e, por isso, logo cobiçado pelos familiares de Reinaldo. Os clubes que eram beneficiados com esses empréstimos, para além de usufruírem de imediato de protecção relativamente às arbitragens e de terem de pagar magros vencimentos aos atletas, tinham de passar cheques cujas verbas iam até aos 5 mil contos sempre em nome de Reinaldo Teles e nunca em nome da colectividade.

O clube que se tornou melhor cliente de Reinaldo andava já há algumas épocas a tentar a subida à 1ª Divisão e já tinham investido muitos milhares a partir do bar gerido pela Luísa. Mas depois de ver frustradas as suas acções e de ter gasto muito dinheiro, um dos seus dirigentes resolveu ter uma conversa com Reinaldo Teles e, sem preâmbulos, foi direito ao assunto:

- Já andamos há algumas épocas a investir e ainda não conseguimos nada. Desta vez tem de ser. Digam lá quanto é que é necessário para subirmos de divisão.

Reinaldo Teles afagou o bigode, pensou, e só depois disse num murmúrio de grande cumplicidade:

- Se vocês querem mesmo subir; vamos ter de apostar forte.

- E essa força quanto nos custa.

- Não é esta a altura para vos dar uma resposta. Vamos estudar o problema e depois falamos.

Reinaldo Teles teve então uma conversa com Pinto da Costa, colocou-lhe o problema, e este não esteve com meias medidas:

- Se eles querem subir, vão ter de pagar bem por isso. Naquela zona há muito dinheiro. Anda tudo bem calçado. Estabelece uma verba de 250 mil contos e divide isso em quatro ou cinco tranches.

- Mas, presidente, isso não é muito dinheiro?

- Não, não é, atira com essa verba e se eles não forem na fita baixa um pouco a fasquia, mas não muito.

Reinaldo e Luis César marcaram encontro com os interessados e, após uma curta discussão, ficou acordado que essa verba seria de 200 mil contos divididos em quatro tranches de 50 mil contos. O certo é que, após vários escândalos - jogos houve nos quais foram marcadas três grandes penalidades esse clube acabou por subir ao grande palco do nosso futebol, e ninguém fez menção de fazer segredo de que os grandes responsáveis por essa subida foram Reinaldo e PC.

Aqui o segredo nem sequer era a alma do negócio, muito pelo contrário, era necessário que toda a gente soubesse para incentivar novos clientes. Uma autêntica operação de marketing.

- Reinaldo, isto é muito melhor que jogar na roleta! - atirava PC, enquanto se deliciava com mais um extracto bancário.

- Sem dúvida, presidente, mas agora que falou nela, já me está a dar um formigueiro nas mãos.

- Oh, não!...

CAPITULO XV

PJ MORRE NA PRAIA

Toda a gente sabia que Pinto da Costa vivia do futebol e essencialmente do seu clube, mas ninguém se arriscava a comentar o facto publicamente. Não se lhe conhecia mais nenhuma actividade e muito menos tinha fortuna pessoal, mas não obstante estes factos, vivia como um milionário. Comprava apartamentos de grande luxo para familiares e denunciava sinais exteriores de riqueza. A sua vida era um mistério que ninguém ousava desvendar.

Numa reunião de direcção, Pinto da Costa colocou com toda a frontalidade o seu problema económico. Ele tinha consciência de que aquilo que impunha era aceite, e ninguém ousava comentar.

Já passava das 22 horas, quando entrou pela sala de reuniões. À sua frente estendia-se uma mesa larga e comprida com os cantos arredondados. À sua volta estavam sentados oito dirigentes discutindo entre si vários problemas de menor importância, mas quando sentiram a porta a abrir-se, viram Reinaldo Teles com o puxador na mão a dar passagem a PC, que entrou com um sorriso nos lábios, logo seguido do irmão de Reinaldo, cuja postura física e comportamento se assemelhavam aos de um gorila. Toda a gente se levantou para cumprimentar o presidente. Reinaldo tropeçou na alcatifa e, não fora a acção rápida de Ilídio Pinto, a segurá-lo pela gola do casaco, ter-se-ia enfiado por debaixo da mesa.

PC largou um sorriso, e em tom de brincadeira comentou:

- Reinaldo, estão a tirar-lhe o tapete?

Toda a gente riu, mas Reinaldo é que não achou piada nenhuma.

Todos se sentaram, e Pinto da Costa apresentou de imediato a sua proposta:

- Meus senhores, aqui neste clube os vencimentos vão ser atribuídos conforme as responsabilidades. A pessoa mais responsável é sem dúvida o presidente. Concordam?

Os presentes na reunião olharam-se entre si e, sem perceberem muito bem o que PC queria dizer, acabaram por concordar, muito embora se mostrassem hesitantes. Mas, ao aperceber-se da situação, Reinaldo fez da sua voz a de toda a gente:

- Claro que ninguém tem dúvidas que a maior responsabilidade pertence ao presidente.

Como ninguém se atreveu a contestar tal afirmação, PC, sem mais delongas, expôs a sua posição:

- A partir de agora, o presidente vai ganhar sete mil contos por mês, o treinador seis mil e depois seguem-se os vencimentos dos jogadores, sem luvas e prémios, está claro.

Os presentes estavam à espera de tudo, menos de uma situação como aquela, e dois «vices», sem soltarem uma única palavra, levantaram-se da mesa e saíram. PC não se preocupou com o facto, tinha-os na mão e sabia que ninguém tinha tomates para falar.

Enfrentando os que ficaram, não deu hipótese a que ninguém mais recuasse:

- Então, como este ponto está aprovado, passemos a outro!

Ouvia-se a chuva que batia nos vidros. Reinaldo bem tentou dar vida à reunião, mas o seu vocabulário não lhe permitiu ir além de uns monossílabos completamente desenquadrados de toda aquela situação:

- Bem...hum...hum...pois...

A reunião, por motivos óbvios, acabou depressa. Um raid de comandos não seria mais fulminante. O suporte económico de PC estava a consolidar-se. Sabia-se da sua ligação camuflada à agência de viagens, da sua comparticipação nos lucros e actividade da Olivedesportos e ultimamente até tinha comprado um jornal, um elemento indispensável para dar a cobertura nacional necessária aos seus mais variados negócios. A corrupção era uma fonte de receita inesgotável e sem impostos. Mas como não assumia publicamente - nem o podia fazer - nenhum destes negócios, tinha sérias dificuldades em explicar de onde lhe vinha a fortuna. Não se preocupava muito com isso. Ele sabia que tinha várias espécies de argumentos para fazer calar quem ousasse pedir explicações. Era um homem com a resposta sempre na ponta de uma viperina língua.

Tudo estava devidamente controlado e de nada adiantava aos clubes da capital lutar pelo poder dentro das estruturas do futebol. PC sabia, há muito, que a força do dinheiro combatia tudo, e as lutas regionais e clubistas superavam-se com facilidade, com sexo e com dinheiro. E nestas áreas estava tudo mais que garantido.

Nos momentos decisivos de eleições federativas, era ele quem controlava todas as situações, tendo com referência a ajuda preciosa de Adriano Pinto, um estratega de alto nível e um exímio jogador de sueca. Adriano Pinto era homem para deixar o adversário sem vazas, mesmo quando este só tinha trunfos, passe o exagero.

Adriano e PC escolhiam os lugares que mais garantias lhes davam para a continuidade dos seus vários negócios, mas, como não podiam escolher todos os lugares, autorizavam mesmo que alguns mais importantes caíssem nas mãos de dirigentes ligados aos seus mais directos rivais.

Não seriam necessários mais de dois meses após o acto eleitoral federativo para que se tornasse claro que os dirigentes indicados pelos clubes da capital já estavam do lado de PC. Mestres na arte da corrupção, proporcionavam vidas faustosas aos dirigentes inimigos(?), e a clubite era de imediato esquecida. Era normal ver-se um presidente federativo ao lado do clube de Pinto da Costa, quando este tinha de enfrentar algumas dificuldades e, sabendo-se que esse dirigente se afirmava de determinado clube da capital, nunca ninguém se espantou por ele nunca aparecer ao lado do clube das suas cores para o defender. Pelo contrário, até surgiu um presidente lisboeta que se tornou mais nortenho que um galego!

Os pontos chave estavam todos controlados, para que a manobra fosse absoluta. Exageraram, no entanto, em algumas situações. A sede do poder subiu à cabeça de Pinto da Costa, e os ataques ao Governo fizeram-se sentir com grande intensidade quando verificou que no campo político não era possível ter tanta cobertura como no futebol.

A Procuradoria da República colocou a Polícia Judiciária em campo, e acção contra a corrupção no futebol desenvolveu-se de uma forma intensa. Durante vários meses, Reinaldo Teles e Luis César foram vigiados de perto, e os seus telefones ficaram sob escuta. Passado um mês, os agentes encarregados desta função já não tinham qualquer dúvida em relação à corrupção e aos negócios de Reinaldo Teles, mas as investigações continuaram.

Os agentes testemunharam vários encontros de árbitros com Reinaldo e Luis César. Ouviram várias conversas em código, mas que entendiam perfeitamente. A rede estava bem montada e tudo indicava que, mais tarde ou mais cedo, Reinaldo e os seus pares iriam cair nas várias armadilhas que lhes estavam a ser montadas.

Pinto da Costa estava fora dessa investigação. Não era fácil atacar-se um homem com o seu poder. A polícia tinha de atacar por baixo para chegar lá acima, mas juridicamente o grupo estava bem organizado e bem escorado.

Jogavam, de uma forma invulgar, com carências que a Lei apresentava no combate à corrupção. Seria fácil para a polícia chegar à conta bancária de qualquer um deles e pedir justificações para o movimento semanal de verbas tão volumosas. Mas tal não era possível. Os agentes encarregados da investigação viviam desesperados por não poderem provar aquilo que viam com os seus próprios olhos. Por isso, atrasaram as investigações, esperando uma melhor oportunidade que nunca surgia. Eles sabiam que, no momento que pedissem contas ou justificações, bastava um deles negar-se a fazê-lo para que o processo não avançasse. Eles sabiam, também, que quem tinha que provar que o dinheiro nas suas contas bancárias era ilegal era a polícia e não os acusados.

Estavam de mãos atadas.

Os agentes destacados para a investigação conheciam o terreno que pisavam e não estavam nada optimistas em relação às provas que poderiam vir a encontrar. Isto apesar de terem assistido a vários encontros e conversas que indiciavam a existência de actos corruptos.

Um dia, resolveram seguir Reinaldo Teles e acabaram num bar de alternos perto do Marquês. No seu interior estavam dirigentes de um clube, em amena cavaqueira, e que tinham lá ido para se encontrar com um árbitro que lhes ia apitar o jogo da próxima jornada.

O espectáculo estava a começar, e no meio da pista exhibia-se um travesti com farta cabeleira longa encaracolada e um vestido coberto de lantejoulas vermelhas que lhe descia pelas pernas até ao tornozelo, abrindo uma enorme racha que se prolongava pela coxa esquerda. Cantava em play-back uma canção de Maria Betânia. O árbitro, sentado numa mesa próxima da pista, coçava a sua careca, enquanto alisava os poucos cabelos que lhe sobravam e que lhe cobriam apenas as têmporas. Levou o copo de whisky aos lábios e pousou-o quase de imediato para aplaudir a actuação do travesti.

Quando lançou um olhar sobre a entrada viu surgir Reinaldo Teles. Uma das putas levantou-se com ligeireza e foi cumprimentá-lo, enquanto as outras a olhavam com inveja e diziam:

- Se a Luísa sabe desta merda, vem aí e dá-lhe uma tarefa que a fode.

Reinaldo, sem perder o seu habitual fair-play, afastou a mulher e, quando ela se virou, mostrando um cu arrebitado e comprimido numas calças de licra, não resistiu a dar-lhe uma palmada, enquanto lhe dizia:

- Tens o melhor cu da Europa.

O árbitro assistiu a toda a cena e cumprimentou Reinaldo com um ligeiro aceno de cabeça. Os dirigentes ganharam coragem, levantaram-se e foram falar com o árbitro, que os conhecia e já esperava a investida. Após os cumprimentos tradicionais, o árbitro esperou pelo primeiro ataque, e logo que lhe referiram o jogo de domingo disse apenas:

- Não percam tempo. Esses negócios não são tratados comigo. Se querem alguma coisa, falem com Reinaldo Teles. Ele chegou agora, falem com ele.

Os agentes da PJ nem queriam acreditar no que ouviam. Estavam perto e escutaram a conversa. Esperaram pela reacção dos dirigentes, e estes, sem perderem tempo, pediram licença para se sentar na mesa de Reinaldo.

Só ouviram Reinaldo dizer:

- Apareçam amanhã para falarmos desse caso.

Tinham voltado à estaca zero, quando julgavam que estava em perspectiva a flagrante que tanto desejavam.

Era difícil arranjam-se provas para deter Reinaldo e Luis César. Eles rodeavam-se de cuidados dignos de grandes profissionais. O inspector que comandava a operação chegou a dizer:

- Isto não vai ser fácil. Ou temos a sorte de os apanhar em flagrante, o que é tremendamente difícil, ou então temos de utilizar a tática de Al Capone.

- A tática de Al Capone? - perguntou um dos agentes, sem entender muito bem o que o seu chefe queria dizer.

- Eu explico. Toda a gente sabia que Al Capone era um gangster de primeira categoria. Matava, corrompia e só tinha negócios ilícitos, mas como ninguém podia provar nada, muitas vezes até passou por bom rapaz, negando descaradamente os seus crimes. Temos neste caso o exemplo disso mesmo.

Todos temos a certeza que Pinto da Costa e Reinaldo Teles estão envolvidos em casos de corrupção, mas como ninguém pode provar nada, quando alguém os acusa, ainda corre o risco de se transformar num difamador. Ao Al Capone meteram-no na cadeia por fuga aos impostos, e a estes só lhes podemos pegar pelo mesmo motivo, muito embora o sistema fiscal do nosso país não nos dê muita margem de manobra para isso. Doutra forma, só mesmo se um dos árbitros corruptos falar, e isso não é muito provável.

A corrupção atingia quase todos os sectores do futebol, e não havia dúvidas de que existia uma organização perfeita por trás de toda esta situação.

Os mais altos dirigentes federativos recebiam luvas da Olivedesportos para ultrapassar regulamentos, dar exclusivos sem concursos públicos ou marcar jogos seguindo as conveniências horárias da televisão. A PJ seguiu alguns desses dirigentes e verificou que estes no final de cada mês passavam pelos escritórios da Olivedesportos e nunca ninguém acreditou que eles fossem apenas cumprimentar ou desejar um bom final de mês a Joaquim Oliveira. Mas, apesar de toda esta evidência, de que algo de anormal se passava, e não haver dúvidas de que existia corrupção, não se conseguia prender ninguém. Quando existia mesmo a possibilidade de se poderem arranjar provas de um crime, elas eram imediatamente abafadas, sem ninguém saber como.

Mas um jogador que foi contactado por Luis César para facilitar um resultado fez questão de dar com a língua nos dentes e transformou o seu caso num escândalo nacional. Prometeu contar toda a verdade. Porém os casos caíam sempre na mão de quem sabia como lhes dar destino. Numa primeira abordagem, esse jogador teve medo de contar toda a verdade. Foram apontadas testemunhas para esse caso que poderiam ser o início da derrocada da organização, mas mais ninguém foi ouvido sobre essa questão. O processo desapareceu como o fumo, levando o caminho de tantos outros: arquivado por falta de provas. É que, quando elas existiam ou se perspectivava o testemunho dos factos, surgia logo uma misteriosa corrente no sentido de fazer as coisas caírem no esquecimento. O império resistiu ao movimento das catacumbas.

A televisão gastava milhões em transmissões televisivas. O responsável por essas negociações comprou a dinheiro, misteriosamente, uma casa no valor de 50 mil contos. Todos sabiam que meses antes ele não tinha possibilidades de efectuar tal negócio. Era mais que evidente que estava a receber luvas da Olivedesportos, mas ninguém lhe pediu contas.

O descaramento era tal neste tipo de negócios, e a cobertura de tal forma forte, que a Olivedesportos, uma empresa instalada num modesto T1, com dois empregados e uma mulher de limpeza, fazia frente e vencia as estações de televisão mais fortes em estruturas e com grande peso político e religioso.

Fomentaram-se guerras, desmascaram-se situações, mas a organização tinha tal poder que nem sequer foi minimamente abalada. Ninguém compreendia aquele fenómeno. Um escudo invisível parecia proteger a coutada de PC.

Por trás das outras empresas, havia gente com grande peso político, ex-ministros e até ex- primeiros-ministros, mas estas empresas esbarravam sempre no gnomo Joaquim Oliveira, o tal que meia dúzia de anos antes era apenas o proprietário de um bar de alternos com putas ranhosas e que até as cuecas tinha penhoradas.

A televisão era um enorme fonte de receita. O segredo do negócio não residia como se tentava fazer crer, na negociação da exclusividade das transmissões, mas no sistema camuflado de publicidade estática. Tudo isto formava uma teia bem tecida e organizada.

Por seu lado, o irmão de Oliveira, quando deixou de jogar futebol, dedicou-se à actividade de treinador, mas apesar de todas as ligações comerciais com PC, nunca se deixou envolver pelo sistema. Treinou sempre clubes de pequena nomeada, e era evidente a sua grande capacidade de comando e leitura de jogo. António Oliveira era inteligente e conhecia como ninguém o futebol por dentro, mas nunca foi um grande amante do trabalho. Treinar um clube e ter de se levantar todos os dias de manhã para exercer essa actividade, ou radicar-se numa cidade pequena para poder laborar, nunca esteve nos seus horizontes, e daí o seu êxito não ter tido uma dimensão à altura do seu talento.

A solução para o seu problema estava na selecção. Trabalhava de três em três meses, e como capacidade e talento eram coisas que não lhe faltavam, este era um emprego à sua medida.

Pinto da Costa controlava todas estas áreas, e não havia dúvidas de que era ele quem mandava no futebol. A Polícia incomodava toda a gente, procedia a investigações, fazia buscas residenciais a várias personalidades, que toda a gente sabia serem satélites de PC, mas nele ninguém tocava. PC, surgia sempre acima de toda a suspeita e com uma porta aberta para sair em defesa dos seus protegidos e dar-lhes a cobertura necessária. O Grande Líder tinha consciência daquilo que valia e do poder que tinha. Sabia que os mais altos dirigentes políticos lhe vinham mendigar apoio nos momentos cruciais. O escândalo não o afectava; a contínua suspeita que caía sobre ele e os seus sócios não tinha grandes efeitos sociais, como se toda a gente aceitasse pacificamente que o futebol era um antro de negócios marginais. O certo é que, apesar de todos os hinos cantados à inocência, quando surgia uma suspeita de corrupção ligada ao futebol, a direcção era sempre a mesma e atingia sempre as mesmas pessoas.

Ninguém podia pensar numa perseguição injusta, como fazia crer, porque isso seria até um insulto a Pinto da Costa e à sua reconhecida capacidade de gestão de problemas.

- Eles que venham comer o milho à minha mão - sussurrava PC, enquanto abria mais uma edição do «Independente», de novo com a sua foto na capa.

A TRAIÇÃO

A Polícia Judiciária estava no auge das suas investigações. Tinha acumulado provas substanciais, o que levava a brigada a pensar que já havia dados mais que suficientes para começar a prender pessoas. Mas cantaram demasiado cedo o grito da vitória. Não acreditavam na força que a organização tinha e acabaram por ser surpreendidos, isto não obstante terem mesmo chegado a ser passados vários mandatos de busca a casa dos maiores suspeitos.

Pinto da Costa tinha conhecimento das investigações que estavam a ser efectuadas e avisou Reinaldo Teles para que este se rodeasse de maiores cuidados nos negócios que efectuava. Aos poucos, foram retirando de suas casas documentos que poderiam indiciar a sua actividade marginal. Começou a haver um maior cuidado nos movimentos bancários, mas o negócio não parou. Quando tinham dúvidas sobre como deveriam actuar sem deixar rastros que mais tarde os pudessem comprometer, consultavam um dos seus advogados com fama de grande especialista em crime e avançavam com todas as medidas de precaução. As despesas eram muitas, e acabar com o negócio seria o princípio do fim. Alguém tinha de saldar as dívidas e repor o dinheiro mal aplicado.

Num dos momentos de maior pressão, tornou-se necessário negociar o resultado de um jogo com um árbitro portuense. O preço estabelecido foi de três mil contos e foi marcado encontro com esse juiz na segunda-feira seguinte no bar de Reinaldo.

Nessa noite, o primeiro a chegar foi Luis César e só mais tarde apareceu Reinaldo, um tanto desconfiado, olhando para todos os cantos da sala com a nítida intenção de identificar todos os seus clientes e classificar os suspeitos. Nem sequer cumprimentou Luis César, e este, um tanto admirado, não entendendo o que se estava a passar, acabou por perguntar entre dentes:

- O que é que tens. Está cá alguém da Judite?

- Estou a ver se descubro alguém suspeito. Olha aqueles dois ali ao canto. Conheces?

Luis César rodou sobre os calcanhares com tal velocidade que até entornou o whisky que tinha na mão, marcando-lhe o príncipe-de-gales. Reinaldo, irritado com tal atitude, não se conteve:

- És mesmo burro. Se eles forem da Judite, dás logo a perceber que estás comprometido.

- Oh, pá, fiquei assustado! Tens razão, mas não te preocupes com aqueles dois. Eu conheço-os. São cabritos.

Reinaldo Teles respirou fundo e comentou com Luis César o jogo do dia anterior e o investimento dos três mil contos.

- Viste ontem? Foi tão fácil. Ele controlou o jogo como quis, não houve escândalos e hoje a Imprensa não faz grandes críticas. Assim é que é bom ganhar dinheiro.

Luis César não perdeu a oportunidade para perguntar quando é que os três mil eram entregues, assim como a comissão deles, e Reinaldo Teles explicou-lhe o seu plano com uma certa vaidade:

- O homem ficou de vir cá hoje entregar o dinheiro, e o árbitro também vem cá buscá-lo. Devem estar aí a chegar.

- Mas, não é perigoso? Ele devia ter sido pago antes, como os outros. O chefe não nos avisou para termos cuidado, porque estávamos a ser seguidos?

- Não te preocupes, eu tomei as minhas precauções...

Reinaldo nem sequer teve tempo para acabar a frase, pois o árbitro cumpriu escrupulosamente o horário e estava, nesse momento, a entregar o seu sobretudo no bengaleiro. Após receber a ficha de depósito, dirigiu-se para uma mesa,

cumprimentando Reinaldo de esguelha. O empregado abeirou-se do cliente, e este pediu um whisky com Coca-Cola e muito gelo.

Não passaram mais de 10 minutos e entrou o dirigente que levava os três mil contos. Tal como o árbitro, entregou o seu sobretudo ao porteiro e dirigiu-se para outra mesa, fazendo também um leve aceno de cabeça a cumprimentar Reinaldo que, de imediato, lançou um olhar cúmplice a uma das suas miúdas. Esta, sem perder tempo, foi sentar-se na mesa do dirigente, e minutos depois já saltava a rolha da primeira garrafa de champanhe, enquanto a empregada lhe mordida o lóbulo da orelha e lhe prometia uma noite de sonho.

O árbitro acabou de sorver o seu whisky, chamou o empregado, pagou e dirigiu-se para o bengaleiro, a fim de levantar o seu sobretudo, que lhe foi entregue de imediato. Saiu, metendo uma nota de cinco mil na mão do porteiro.

Luis César, que seguiu todos estes movimentos em silêncio, acabou por perguntar a Reinaldo:

- Então o gajo foi-se embora e não levou a pasta? Viste a gorja que ele deu ao porteiro?

- És um principiante nestas andanças.

Luis César ficou a olhar para Reinaldo Teles, sem perceber muito bem o que este queria dizer, mas a explicação veio de seguida num tom que denunciava uma certa vaidade:

- Quando o árbitro entrou, entregou o sobretudo no bengaleiro, não foi?

- Foi, eu vi.

- Depois, quando chegou o «pato», fez exactamente a mesma coisa. Só que no sobretudo dele vinha um pacote com os 3 mil, e o Chico Manco - o homem do bengaleiro - já tinha instruções para passar os três mil de um sobretudo para o outro. Por isso, quando o árbitro saiu, já tinha no bolso a fruta. Desafio o mais esperto a provar que alguém lhe deu aqui dentro o que quer que fosse.

Luis César ficou de boca aberta, sem dizer palavra, e Reinaldo enchendo o peito não resistiu a comentar:

- Ainda não entendeste? És mesmo burro. A isto chama-se a tática do sobretudo.

As investigações intensificavam-se, o cerco apertava-se e Reinaldo Teles começou a beber uns copos a mais. Num dos seus momentos de delírio, devido ao exagero de alcoolemia, deu consigo a pensar no passado. Viu-se no centro do ringue, de luvas levantadas, gritando vitória. Lembrou as patrulhas que fazia em Santos Pousada, quando era necessário controlar as suas putas. Os momentos difíceis e as lutas travadas. E chorou. Agora, graças ao futebol, era um empresário de sucesso.

Sozinho, sentado na secretária que tinha a um canto do seu escritório, entrou num momento de tristeza. Algumas lágrimas começaram a rolar pelo seu rosto, enquanto o ranho se lhe soltava pelo nariz.

Entabulando um diálogo consigo próprio, reviveu o passado:

- Tenho a agradecer muito ao PC, mas também, se não fosse eu, se calhar ainda hoje ele andava a vender fogões.

Soltando um palavrão ao mesmo tempo que atirava o copo para o chão, foi justificando as suas atitudes como se procurasse no infinito a razão para as suas acções.

- Temos o dinheiro que nos apetece. Isso é crime? Nós fazemos parte do espectáculo. Somos nós que montamos a tenda. Somos nós que damos a alegria ao povo. Ganha quem a gente quer. Fazemos muita gente feliz. Temos de ser bem pagos por isso. Somos os maiores!...

Este último grito alertou o porteiro, que foi avisar Luísa. Esta largou o balcão, entregando a gestão das operações à sua grande amiga Geny, uma mulata que não escondia, o seu gosto pelas mulheres. Luísa entrou no escritório deparando com Reinaldo a cambaleiar e a tentar encontrar a cadeira da sua secretária. Luísa fechou de imediato a porta e comentou com ar de desprezo:

- Já viste a cena que estás a fazer. Olha se alguém te via nesse estado. Deita-te mas é aí a dormir, para ver se isso te passa até fecharmos.

Reinaldo olhou Luísa e voltou a lembrar-se do passado. Também ela o tinha ajudado a triunfar, e prometeu:

- Se nos safarmos desta, podes ter a certeza que vou acabar com esta merda do putedo. Não quero mais putas a trabalhar para mim. Vou abrir um bar decente. Já chega! Agora sou um senhor. O primeiro-ministro até me quis condecorar, mas quando soube que eu tinha esta merda, recuou. Acabaram-se os alternos. Lembra-te que até posso vir a ser presidente do nosso clube.

Ao ouvir isto, Luísa torceu o nariz e respondeu:

- Com que grande bebedeira tu estás.

- O quê... não acreditas? Olha que continuo a ser o número dois do nosso clube, e alguns candidatos políticos até já me pedem apoio para as eleições. No fundo, eles são como nós. Com putas ou sem putas, é quem mais se orienta. Não vês o nosso presidente. Os grandes políticos vêm todos ao beija-mão. O futebol é que comanda este país, e o resto é treta.

Luísa não lhe deu muita conversa e ajudou Reinaldo a deitar-se num pequeno sofá, tirando-lhe a garrafa do whisky da mão:

- Hoje, já não bebes mais. Dorme um bocadinho, que isso passa-te.

Quando tomou a sua posição no balcão, viu entrar Pinto da Costa e ficou assustada. Se ele visse o estado em que estava Reinaldo, era capaz de ficar aborrecido. Por isso, chamou-o para o cumprimentar e sem lhe dar tempo para perguntas disse:

- O Reinaldo teve de sair, mas deve estar aí a chegar. Sente-se ali numa mesa que eu mando-lhe já boa companhia.

PC sorriu, e acabou por dizer:

- Confio nos seus gostos. Estou mesmo a necessitar de uma coisa boa para me divertir, porque problemas já eu tenho com fatura.

Passadas duas horas, PC já estava todo lambuzado de bñton. Luísa tinha-lhe colocado na mesa uma das bailarinas que fazia parte do show e, como uma boa profissional que era, esta fez PC esquecer o tempo.

Luísa entrou novamente no escritório, e Reinaldo roncava que nem um porco. Abanou-o para o acordar, e este, estremunhado, abriu os olhos e começou a gritar:

- Eu estou inocente, o PC é que tem a culpa de tudo...

Luísa deu-lhe um estalo, ao mesmo tempo que dizia:

- Está calado. Não faças cenas, que eu não sou da Judite. O PC já está lá fora há duas horas. Arranja-te, que eu vou buscar-te um café. O homem parece que quer falar contigo ainda hoje.

Reinaldo entrou na casa de banho, molhou a cara, penteou-se, esperou pelo café e só depois foi ter com PC.

- Então presidente! Quer falar comigo?

- Quero.

As olheiras de Reinaldo não passaram despercebidas a PC, e este, desconfiado, não resistiu a perguntar:

- Foi a algum lado em especial?

- Tive de tratar aí de umas coisas.

Olhando para a bailarina que se enroscava no pescoço de Pinto da Costa, Reinaldo piscou-lhe o olho, enquanto lhe dizia:

- Está na hora de te preparares para o show.

A mulher entendeu perfeitamente a mensagem e, com um beijo, despediu-se de PC. Este não esteve com mais delongas e atacou no primeiro impulso:

- Temos de ter atenção, porque os gajos estão a preparar o ataque final. Ninguém pode cometer erros, e atenção ao Luis César, porque ele não é muito certo. Temos de ter cuidado com o tipo.

- Mas, presidente, agora que estamos no final do campeonato, é quando isto dá mais. Como é que vamos fazer para satisfazer os nossos clientes?

- Há que ter muito cuidado e fazer os negócios com mais segurança. Agora só se trabalha com um ou dois clubes, no máximo, o resto já está definido, e não podemos andar a fazer mais promessas. Segundo as informações que tenho, eles estão precisamente à espera do final do campeonato para entrarem em acção, mas ninguém sabe quem é que vai ser incomodado. Penso que ninguém nos vai tocar.

Reinaldo ficou um pouco assustado e lembrou-se de Luis César. Tinha de o avisar, mas deixou essa diligência para o dia seguinte, lamentando-se a PC:

- Quem tem a culpa disto tudo são esses filhos da puta dos jornais. Andam para aí a levantar a suspeição e não nos deixam trabalhar à vontade. Se pudesse, matava-os a todos. Nem fodem nem deixam foder.

Nessa noite, Reinaldo quase nem dormiu a pensar no que lhe podia acontecer.

Depois de Reinaldo ter falado com Luis César e lhe ter explicado a conversa que tivera com o presidente, avisando-o dos cuidados a ter, numa primeira reacção, este começou a tremer, assustado, mas acalmou-se quando o seu raciocínio o levou a pensar que para tocarem nele tinham de tocar em PC.

- O homem tem muita força. Ninguém lhe chega. Nós estamos protegidos.

Reinaldo abanou a cabeça, concordando com a sua análise, mas deixou na mesma o aviso:

- Temos de ter cuidado. As coisas não estão fáceis.

Luis César tinha compromissos assumidos. Longe iam os dias em que vivia numa ilha, tinha de mijar num penico e, para necessidades mais sólidas, percorrer 50 metros e ficar em fila de espera à porta de uma retrete que servia os restantes 20 inquilinos. Já tinha largado o pesado martelo de bate-chapas, estava habituado a bons apartamentos e a passar férias no estrangeiro em bons hotéis. Necessitava de solidificar a sua pequena fortuna, porque, se a organização se desmoronasse, estes hábitos ficavam seriamente comprometidos.

Luis César não olhava a meios para atingir fins. A vigarice estava-lhe no sangue. O sentido de amizade e reconhecimento, para ele, simplesmente não existiam, e em vez dos cuidados a que fora aconselhado, começou a fazer os seus negócios vigarizando alguns dos seus melhores clientes.

A acção de Luis César chegou ao conhecimento de PC, e este não ficou nada contente com a situação.

Mandou chamar Reinaldo e ordenou-lhe o despedimento da criatura:

- Não o quero ver mas ao serviço do nosso clube. Esse gajo é um filho da puta de um vigarista. Não conhece ninguém, e é capaz de nos comprometer seriamente. Rua com ele!

- Mas presidente... se ele dá com a língua nos dentes?

- Fica sem ela! Safa-te da forma que quiseres. Foste tu que o trouxeste, agora arruma tudo com ele.

Reinaldo saiu do gabinete de PC sem saber muito bem o que devia fazer, mas duma coisa tinha a certeza: o Gomes era mesmo um indivíduo sem escrúpulos.

Logo que o encontrou, fez-lhe saber que o presidente o queria na rua:

- Não tiveste juízo, acabou aqui a tua história.

Luis César sorriu com cinismo e disse sem mais delongas:

- Vocês não julguem que se livram de mim com tanta facilidade. Se eu cair, vocês caem comigo, principalmente tu Reinaldo. Lembra-te que nos orientámos muitas vezes em negócios que o presidente nem sonhava que se faziam, e se me mandarem embora, chibo-me.

Reinaldo ficou assustado e, sabendo que Luis César era mesmo capaz de cumprir a sua promessa, resolveu dar a volta doutra forma à situação.

- Eu vou falar com o presidente novamente, mas tu tens de me prometer que vais cumprir as ordens que te damos e não vais andar para aí a fazer mais merda.

Virou-lhe as costas e entrou no seu carro a pensar como é que se poderia livrar daquela encrenca. Só havia realmente uma saída: obrigar o presidente a recuar na sua acção.

Naquela mesma noite, encontrou-se com Pinto da Costa e pediu-lhe para repensar a sua posição:

- Ó presidente, o Jorge está arrependido do que fez. Vamos dar-lhe outra oportunidade...

- Nem penses nisso. Esse gajo já fez merda de mais para continuar ao nosso serviço. Ele pode comprometer toda a nossa acção. Rua com ele... Não há contemplanções.

Reinaldo ficou entalado e sem palavras. Olhou a alcatifa do gabinete de PC, sem saber muito bem o que havia de [fazer. Com](#) a biqueira do sapato começou a raspar o desenho que nela estava inserido e resolveu arriscar, quando disse:

- Presidente! Se ele for embora, eu também vou.

PC saltou da cadeira e não queria acreditar no que estava a ouvir. Sabia que, naquele momento, não podia prescindir dos serviços de Reinaldo e era demasiado perigoso deixá-lo fora da organização. Era a primeira traição do seu dilecto amigo. Do seu confidente. Do homem da sua confiança.

Sem saber muito bem o que devia fazer, PC sentiu que estava a ser refém dos monstros que criara e resolveu actuar com mais precaução:

- Ele é assim tão teu amigo? Não estás a confiar demasiado num gajo que não vale nada?

Reinaldo não respondeu, e PC, passeando-se pelo gabinete, esperou alguns minutos até pronunciar a sua sentença. Sabia que não podia perder autoridade e tinha de arranjar uma solução.

- Vou pensar no assunto e depois digo-te alguma coisa. Mas ficas a saber que te vou responsabilizar por toda a merda que esse gajo fizer.

Reinaldo saiu do gabinete mais descansado, enquanto PC registava a primeira traição do seu maior amigo. Luis César aguentou-se no seu primeiro round.

Dias depois, a Polícia Judiciária entrava em acção. Os grandes problemas foram esquecidos, porque, tal como tudo tinha começado há vinte anos atrás, o slogan revolucionário continuava a ter a mesma força: «Só unidos venceremos...»

O DIA DO JUÍZO FINAL

A sala de audiências estava repleta. Nas primeiras filas, os jornalistas disputavam os melhores lugares e as estações de televisão competiam pelos melhores ângulos. O povo comprimia-se nas quatro filas de bancos a si destinadas. Lá fora, nos corredores, lutavase por uma aproximação à porta da sala de audiências, onde se posicionavam alguns repórteres radiofónicos, todos a entrarem em directo. Uma selva de cabos, dominada pelas copas mais altas dos microfones. «Fantástico», pensou o responsável pelas audiências de um canal televisivo em ascensão meteorológica (apontada assim por ter substituído os velhos apresentadores do tempo pelas melhores pernas da capital e arredores...).

O carro celular travou a fundo e logo ali foi rodeado por outra multidão de jornalistas. Um deles era mesmo um conhecido pivot televisivo, que nesse dia trocara o conforto do bar onde costumava «aquecer» para o telejornal pela reportagem em directo e ao vivo. De colete de repórter bem apertado, foi ele quem conseguiu formular a primeira pergunta a José Guimarães:

- Considera-se inocente ou culpado?

Guimarães reconheceu de imediato o jornalista e até pensou pedir-lhe um autógrafa, mas não teve tempo para mais, pois foi empurrado por dois possantes guardas prisionais para o corredor de acesso à sala de audiências, onde entrou perseguido pelos jornalistas.

- Vai fazer-se justiça! - gritava o chefe da equipa de advogados de Guimarães, o conhecido doutor Mário Taipais.

Excepcionalmente, aquele era um julgamento com jurados, situação raríssima na história jurídica do País. Os advogados de Guimarães desconfiavam de uma certa conivência dos juízes com a polícia de investigação, pois aqueles eram tempos de limpeza geral das contas da nação, e nos últimos meses tinha ido tudo a éito. Para dar só um exemplo, até o ex-primeiro-ministro tinha passado dois dias na penitenciária geral... Os jurados eram sete e tinham apenas uma coisa em comum: não queriam estar ali.

Impedidos de usar telemóvel durante o julgamento, os jurados imaginavam também o quão difícil ia ser viver durante meses numa pensão de duas estrelas sem água corrente nos quartos, que foi o melhor que um Estado depauperado de finanças conseguiu encontrar.

José Guimarães exibia outro estado de espírito, ele que logo que entrou na sala de audiências lançou um olhar sobre os homens e as mulheres que o iam julgar. «São minha gente», pensou, tentando sorrir para as câmaras e lançando um olhar cúmplice à mulher e à filha. Na sala de testemunhas, Reinaldo Teles e Pinto da Costa não estavam tão tranquilos.

- Reinaldo - disse, baixinho, o chefe -, não te esqueças do combinado...

- Sim, chefe, esteja tranquilo, vou negar tudo do princípio ao fim...

- Mas não te enerves. O procurador vai armar-te algumas armadilhas. Faz de conta que não percebes a pergunta e diz «não sei» quando te parecer que te querem entalar. - Sim, chefe, mas e o cheque?

- Qual chefe, porra! Não há cheque nenhum. O cheque não é teu, é aqui do presidente do Leça e foi entregue ao Guimarães como um simples empréstimo de capital. E isso, que se saiba, não é crime.

- Não, chefe, mas e se o Guimarães abre o livro?

- Isso está fora de hipótese. Tinha muito mais a perder do que nós, e ainda a semana passada entreguei dois mil contos à mulher dele...

- Tá bem, chefe, não se preocupe, vai tudo correr pelo melhor, não é, Senhor Manuel Lopes Rodrigues. O presidente do Leça não estava tão seguro disso e falou alto de mais para o gosto de PC:

- No meio disto tudo, quem se vai lixar ainda vou ser eu. Mas se for assim... - Calma, presidente, não vá mais longe. Você sabe muito bem que isto está controlado - corrigiu, de pronto, PC.

- Sim, eu sei, mas um julgamento é sempre um julgamento e já ouvi dizer que o Ministério Público tem um trunfo na manga...

- Ter um trunfo, pode ter. Mas não é de certeza o ás de trunfo. Desses eu tenho dois na manga - gabou-se PC, enquanto abria um dos jornais desportivos do dia e se ria com um título. - O fim do Império, dizem estes anormais - comentou. - Mais uma vez vou provar a estes tipos que quem faz as previsões sou eu...

A Polícia Judiciária tinha conseguido, após longos meses de investigação, reunir provas suficientes para levar à barra do tribunal não só o árbitro José Guimarães mas também um conhecido presidente que podia arrastar consigo PC e Reinaldo. A acusação teve mesmo a ousadia de nomear estes dois últimos como testemunhas de acusação de Guimarães. A ideia era clara: de uma só cajadada, juntavam-se todos os coelhos na mesma toca. E podia ser que um tiro para o ar conseguisse abater o chefe da lura.

O certo é que depois da investida da PJ, Pinto da Costa ficou mais frágil. O escândalo tinha sido enorme e já ninguém duvidava da existência de uma poderosa organização que fabricava resultados e distribuía dividendos por muita gente.

Para se safar da contenda, PC teve de se apoiar em muita gente. Pedir pareceres jurídicos. Dar a conhecer um pouco da sua vida. Claro que foi ajudado por pessoas importantes e bem colocadas, mas, não obstante tudo terem feito para uma defesa bem alicerçada, foram tomando conta da situação e, em cada passo dado, PC tornava-se mais refém dos amigos que o apoiavam.

Os advogados mais directamente ligados a ele, para além dos milhares que foram facturando, passaram a ocupar lugares de relevo em toda a estrutura do nosso futebol, somando vencimentos que fariam inveja a um qualquer ponta de lança que semana a semana leva atrás de si muitos milhares de amantes do futebol. Eram verdadeiros artistas na arte do embuste, e a ausência de carácter e de coluna vertebral ainda mais os assemelhava a autênticos répteis.

Capazes de tudo para assumirem o poder, quando começaram a verificar a vulnerabilidade de PC, também alimentaram a ideia de trair o homem que os tinha ajudado. PC estava nas mãos daqueles que se fizeram passar pelos mais ciosos amigos, mas enquanto ele respirasse, nenhum deles tinha vontade de o enfrentar, mesmo de posse de dados altamente comprometedores, porque, na essência, eram cobardes, faltava-lhes a coragem para se assumirem e a capacidade para vencer. O que tinham em excesso era mesmo só a vaidade. E muita ambição.

Foram momentos de grande dificuldade. O clube começava a ficar hipotecado por falta de verba. O passivo aumentava e as soluções escasseavam. Começaram a ser alienadas grandes parcelas de bens imóveis. Os melhores jogadores foram vendidos e para os substituir vinham outros de terceiro plano, mas PC sabia que continuava a ter toda a estrutura do futebol na mão. Isso dava-lhe a garantia das vitórias e dos golos. Afinal o necessário para manter as hostes calmas e continuar a gerir com tranquilidade. O julgamento não podia ter corrido da melhor maneira. Guimaro quase não falou, o presidente do Leça defendeu-se como pôde e PC e Reinaldo não tugeram nem mugiram quando foram apertados pela acusação. Aliás, as respostas de PC foram mais uma vez brilhantes, como acontecia quando era entrevistado na televisão. Eis como o procurador se espalhou ao comprido e como PC virou o feitiço contra o feiticeiro...

Perguntava o acusador:

- Alguma vez teve negócios com José Guimaro?

Respondia PC, no seu tom monocórdico:

- Sim senhor. E muitos. Através dele, comprei muitos iogurtes que ofereci a instituições de caridade da minha cidade. Ele arranjava-os mais baratos. - Como é que ganha a vida?

- Tenho a minha empresa, ligada à construção civil.

- Mas o senhor está impedido de ter empresas...

- Mas não estou impedido de trabalhar!

E foi assim. O procurador bem procurou encontrar o fio da meada, mas esta estava bem enrolada e tinha a ponta bem escondida. Nem Reinaldo Teles se desmanchou.

Perguntou-lhe o acusador:

- Que relações tinha com José Guimaro?

Por momentos, Reinaldo pensou nas relações sexuais que as suas miúdas mantiveram com Guimaro.

- Senhor Doutor, as melhores relações. Sou amigo de todos os árbitros, sem excepção.

- Tem conhecimento de que foi entregue ao Senhor Guimaro um cheque? - Não, Senhor Doutor.

- É normal os árbitros receberem cheques de dirigentes?

- Normal, normal, não será. Mas nada me impede a mim, por exemplo, de passar um cheque a um amigo, e como tenho muitos amigos na classe dos árbitros...

E foi assim. No final, Guimaro acabou por ser absolvido, o presidente do Leça ouviu apenas uma repreensão e PC começou a preparar o golpe final.

PC nunca esqueceu a afronta de Reinaldo quando pretendeu despedir Luis César, e só esperou que a poeira assentasse para tomar medidas. Durante o julgamento, fez de conta que tudo estava bem com Reinaldo, mas depois de pronunciada a sentença, chamou-o ao seu gabinete e deu-lhe a entender que estava na hora de ele ir para a selecção nacional.

- Mas, presidente, ir para a selecção é pior que ir para os distritais. Aquilo só dá trabalho, e eu que até falo mal português, quando mais norueguês...

- Tens de lavar a cara. E a selecção nacional precisa de dirigentes como tu. Reinaldo não percebeu se isto era um elogio ou uma crítica, mas quando se viu substituído no cargo por Ilídio Pinto, caiu em si e nunca mais recuperou do trauma.

Ilídio Pinto nem dormiu nessa noite. Até comprou uma braçadeira bordada a ouro e voltou a colocar a sua bolsa à ordem de PC. A Dona Virgínia passou a ser a segunda dama, enquanto PC se entendia cada vez melhor com Maria, uma mulher de peso e que aos poucos se foi assumindo como uma verdadeira líder.

Os negócios marginais acabaram e os títulos também começaram a escassear. Mas PC já se tinha tornado um deus para os seus seguidores, Seria seu, certamente, o futuro nome do estádio do seu clube. No entanto, continuava a querer ganhar tudo, o que já não era possível, porque Reinaldo estava na Noruega e Luis César tinha aberto mais uma oficina de bate-chapas.

Desiludido com a situação, e porque estava um dia de chuva, Pinto da Costa meteu-se à estrada, rumo ao santuário da Virgem. Esta já lhe tinha faltado a algumas promessas, mas nunca fiando...

Ao volante do seu BMW, PC recordava os bons velhos tempos quando, em simultâneo com o gritar de um golo na rádio, rebentou o pneu dianteiro do lado direito. O carro deu quatro piruetas e passou para o outro lado da via, onde foi trucidado por um TIR de uma companhia de circo. Pinto da Costa não morreu logo. Esmagado entre o volante e o assento, ainda conseguiu dizer umas últimas palavras:

- Viva...

Mas não viveu. Morreu mesmo. E de vez.

Quando a ambulância chegou, incompreensivelmente, o corpo de Pinto da Costa já estava num estado de decomposição bastante adiantado.

FIM

Á PARTE

Já se sabe que PC, depois de fracassar no comércio, concentrou as forças vivas da sua massa encefálica nos negócios paralelos do futebol. Mas um dia perdeu-se num atalho e decidiu comprar uma estação de rádio, quando os alvarás destas estavam a ser distribuídos como que ao desbarato e pelo preço da chuva. Com a ajuda de uns tantos amigos, o negócio depressa se concretizou, muito embora o poder local não visse com bons olhos esta incursão de PC no espectro radioelétrico.

- Será que ele quer concorrer comigo? - questionou-se o presidente da Câmara.

Na altura, os jornais falavam muito do assunto e até iam mais longe, insinuando que PC estaria em vias de formar um partido político capaz de vencer as próximas eleições. PC sentiu-se lisonjeado com a criação deste facto político, tanto mais que era apenas sua intenção fazer mais tarde uns dinheirinhos com a estação de rádio, o que acabou por concretizar dois anos depois, quando a vendeu aos «Pastorinhos de Belém», uma seita religiosa do Bairro do Falcão.

Bem instalado na vida, PC fazia o que queria da classe política.

- Tenho-os na mão - e dizia isto com um sorriso rasgado, enquanto Reinaldo batia palmas.

Lá fora, no campo de treinos, o novo treinador iniciava mais uma época, e os jornais eram unânimes em entregar o favoritismo à equipa dirigida, com sapiência, por Pinto da Costa, um presidente que ronronava de felicidade no seu gabinete climatizado. A gata, prenhe, bebia mais um pires de leite, e os jornais traziam de novo na capa o rosto desafiador e firme de Pinto da Costa, o presidente campeão.

- Nasci para ganhar!- exclamou, antes de adormecer, sonhando que Deus lhe estava a cortar as unhas dos pés.